

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)
CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

ADRIANA DOMINGUES GARCIA

**IRRITAÇÕES NO ESPAÇO DO QUINTO PODER: RITOS E FRAGMENTOS DE
CONSTRUÇÃO DA CRÍTICA DE MÍDIA NO
OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA**

**São Leopoldo, RS
2012**

ADRIANA DOMINGUES GARCIA

**IRRITAÇÕES NO ESPAÇO DO QUINTO PODER: RITOS E FRAGMENTOS DE
CONSTRUÇÃO DA CRÍTICA DE MÍDIA NO
OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador: Prof. Dr. Jairo Ferreira

São Leopoldo, RS

2012

G216i Garcia, Adriana Domingues.

Irritações no espaço do quinto poder : ritos e fragmentos de construção da crítica de mídia no Observatório da Imprensa / Adriana Domingues Garcia. – 2012.

168 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2012.

"Orientador: Prof. Dr. Jairo Ferreira."

Catálogo na publicação: Bibliotecário Flávio Nunes - CRB 10/1298

ADRIANA DOMINGUES GARCIA

“IRRITAÇÕES NO ESPAÇO DO QUINTO PODER: RITOS E FRAGMENTOS DE
CONSTRUÇÃO DA CRÍTICA DE MÍDIA NO OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA”

Dissertação apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de
Mestre, pelo Programa de Pós-
Graduação em Ciências da
Comunicação da Universidade do Vale
do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovado em 04 de abril de 2012

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Rogério Christofolletti – UFSC



Prof. Dr. Antonio Fausto Neto – UNISINOS



Prof. Dr. José Luiz Braga - UNISINOS



Prof. Dr. Jairo Getúlio Ferreira – UNISINOS

Dedico este trabalho à memória do colega e amigo Victor Folquening, a quem a vida girou em torno da sua sagaz sede de conhecimento e inquietude em compartilhar suas epifanias e descobertas.

Agradecimentos

O conhecimento e experiência adquiridos nesta jornada a que me submeti transpõem as páginas deste trabalho de dissertação. O mestrado ensinou-me a arriscar frente aos desafios, a acreditar nas possibilidades e a superar as minhas limitações. Aprendi que tudo que se faz com dedicação, resignação, coragem e intensidade gera bons frutos, alegrias e dá mais sentido à vida. O caminho foi árduo, mas encontrei pessoas que me ajudaram a trilhá-lo com amizade, entusiasmo, acolhimento, apoio e compreensão. Manifesto aqui meus agradecimentos a algumas dessas:

Primeiramente, ao meu orientador, professor Jairo Ferreira, pela compreensão e acompanhamento instigante durante esses meses de construção, discussões e inquietudes acadêmicas.

Aos professores da Linha 4, Antonio Fausto Neto, José Luiz Braga e Pedro Gilberto Gomes, todo o meu apreço por terem compartilhado comigo suas sabedorias e conhecimentos e mostrarem-me que “nem tudo é midiaticização”.

Aos demais professores: Suzana Kilpp, por todas as aulas de Teorias da Comunicação, pelas palavras enérgicas e desafiadoras; Beatriz Marocco e Ronaldo Henn, pelas importantes contribuições que possibilitaram a minha pesquisa; e Adriana Amaral, pelas valiosas visões proferidas na banca de qualificação de pesquisa.

Aos colegas do Mestrado e “extensões”, pelos momentos de estudo, divertimento e companheirismo. Não citarei nomes, porém saibam que vocês têm grande responsabilidade por essa conquista!

Aos meus pais Antônio e Sirlei; e irmãos, Adriano, Luciana, Andressa e Anderson que em diferentes níveis de participação, mas não menos especiais, se fizeram presentes e incomparavelmente fortalecedores nesta dura caminhada.

Ao Geferson Paines, por mais uma vez acreditar na minha capacidade, encorajando-me e acompanhando-me em momentos importantes da minha vida. Obrigada pelo incentivo, apoio, reconhecimento e compreensão.

Ao Carlos Sanchotene pela amizade verdadeira, respeito e sinceridade. Obrigada por esses anos de parceria leal.

A todos da DG5 Comunicação, principalmente ao Alessandro Mathias, pela força, confiança, segurança e amizade.

Ao CNPq pela concessão da bolsa de mestrado durante os últimos 12 meses, esta que de maneira “extraordinária” possibilitou a conclusão desta pesquisa.

[...]“como reagir? Como se defender? Como resistir à ofensiva deste novo [quarto] poder que, de certa forma, traiu os cidadãos passando-se, com armas e bagagens, para o inimigo?

Basta, simplesmente, criar um "quinto poder" [...] cuja função seria a de denunciar o superpoder dos grandes meios de comunicação, dos grandes grupos da mídia, cúmplices e difusores da globalização liberal.

Ignácio Ramonet, *Le Monde Diplomatique*, nº 45, outubro de 2003.

Resumo:

Este trabalho apresenta como tema as relações entre midiaticização, tecnologias digitais, interações e crítica de mídia. O objeto de estudo apreendido é constituído das mudanças realizadas no site Observatório da Imprensa (OI), a partir do início do mês de junho de 2011, as quais constituíram reconfigurações na formação da crítica de mídia, devido à ampliação do circuito de circulação intermediária e intramidiática. Os objetivos são examinar os movimentos ocasionados nessa circulação, buscando as relações entre as dimensões semiointeracional e tecno-tecnológica, nas processualidades dos debates e compartilhamentos entre os indivíduos midiáticos na internet. Analisamos as modalidades de interações realizadas no site do OI, em relação aos seus modos semio-tecno-tecnológicos, como forma de articulação entre midiaticização e crítica de mídia, articulando à visão de sistemas autofortificados por autopoieses, onde ocorrem autorreferencialidades e heterorreferencialidades (LUHMANN, 2005). A perspectiva metodológica está ancorada no Movimento Ascendente, Descendente e Circular da Construção do Objeto Empírico de Pesquisa (FERREIRA, 2010), no intuito de valorizar o contato com os observáveis durante a seleção de indícios para a construção de uma coleção pertinente, considerando um ângulo determinado. Os *corpora* foram constituídos em diversos momentos da pesquisa, em torno de temáticas mais relevantes quantitativamente para análises do objeto em construção. Basicamente, trata-se de artigos e os comentários produzidos em torno dos mesmos, em situações tecnológicas diferenciadas e/ou respondendo a movimentos metodológicos atualizados no desenvolvimento da investigação. As análises nos mostraram que no espaço do OI há processos autonomizados, elaborados pelos próprios participantes da interação, com potencial de estímulo ao debate. Verificamos em contraposição a Luhmann, que a autonomia desse processo autopoietico não se encerra na diferença e irritação do sistema com o ambiente. A autonomia está na não determinação do ambiente no sistema, porém, são principalmente nas irritações/acoplamentos estruturais, que depois se tornam fragmentos reflexivos, onde ocorrem transformações importantes de construção social.

Palavras-chave: Midiaticização; Crítica de Mídia; Dispositivos Midiáticos; Sistemas Autofortificados; Observatório da Imprensa

Abstract:

This work has as its theme the relationship between mediatization, digital technologies, interactions and critical media. The study object seized consists of changes to the website of the Observatório da Imprensa (OI), from the beginning of June 2011, which constituted reconfigurations in the formation of critical media, due to expansion of the circulation loop intermedia and intramedia. The objectives are to examine the movements caused this circulation, seeking relationships between the dimensions semiointeractional and techno-technological procedurals in the discussions and shares media between individuals media on the internet. We analyze the modalities of interactions conducted at the site of OI, in relation to their modes semio-tech-technology, as an articulation between mediatization and criticism of media, articulating the vision of system self fortified by autopoiesis, where they occur self referentiality and straight referentiality (LUHMANN, 2005). The methodological perspective is anchored in the Movement Ascending, Descending and Construction of Circular Object Empirical Research (FERREIRA, 2010), in order to make contact with those observed during the selection of evidence to build a collection relevant, considering an angle determined. The corpora were made at various times of the research around topics most relevant for quantitative analysis of the object under construction. Basically, it's articles and their comments around the same in different technological situations and /or responding to movements in the development of updated methodological research. The analyzes showed that in the space of OI there is ring-fenced processes, prepared by the participants of the interaction with the potential to stimulate debate. We found in contrast to Luhmann, the autonomy of this autopoietic process does not end with difference and irritation of the environment. Autonomy is not the environment in determining the system, however, are mainly in irritation / structural couplings, which then become reflective fragments, where important changes occur in social construction.

Keywords: Mediatization; Media Criticism; Media Devices; Systems Self Fortified; Observatório da Imprensa

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Conjunto categorial de pesquisa.....	71
FIGURA 2: Primeira edição do site do OI	75
FIGURA 3: Matriz atual de interação do OI e integração dos interdispositivos	78
FIGURA 4: Na área em destaque eram feitos anteriormente os convites para participação no OI.....	79
FIGURA 5: Atualmente os recursos de dispersão de conteúdos mais visíveis, acessíveis e integrados.....	80
FIGURA 6: Canais oficiais de dispersão.....	81
FIGURA 7: Canal de convergência TV.....	81
FIGURA 8: Canal oficial de convergência rádio.....	81
FIGURA 9: Atualizações no <i>Twitter</i>	81
FIGURA 10: Atualizações no <i>Facebook</i>	81
FIGURA 11: Canal oficial do OI no <i>You Tube</i> (19/06/2011).....	83
FIGURA 12: Visualização e distribuição direta no site OI (19/06/2011).....	84
FIGURA 13: <i>Twitter</i> do site OI (09/06/2011).....	85
FIGURA 14: <i>Twitter</i> do OI na TV (09/06/2011).....	85
FIGURA 15: Página do site OI no <i>Facebook</i> (19/08/2011).....	87
FIGURA 16: Página do OI na TV no <i>Facebook</i> (14/02/2012).....	87
FIGURA 17: Site antes da revitalização	89
FIGURA 18: Site depois da revitalização.....	89
FIGURA 19: Antes os artigos em destaque ficavam ao lado esquerdo do site, estáticos.....	90
FIGURA 20: Atualmente, a cada 30 segundos, na horizontal do site, aparece um novo destaque.....	91
FIGURA 21: Caixa de comentários está mais convidativa.....	92
FIGURA 22: Nos comentários foram suprimidos a profissão e local de origem do comentarista.....	94
FIGURA 23: “Marcha do Tempo” antes era destacada na parte superior direita do site.....	94
FIGURA 24: “Marcha do Tempo” foi deslocada para o rodapé do site.....	94
FIGURA 25: Serviço “Net Banca” ganhou mais destaque.....	95
FIGURA 26: Logotipo anterior.....	95
FIGURA 27: Logotipo atual.....	95
FIGURA 28: Logotipo comemorativo aos 15 anos do projeto OI.....	96
FIGURA 29: Seção “Vídeos OI”.....	97
FIGURA 30: Todas as edições do OI estão armazenadas no próprio site.....	98
FIGURA 31: Destaque sobre o caso Collor e Globo no debate presidencial de 1989.....	119
FIGURA 32: Reprodução do Artigo 3 no site AdNews.....	124
FIGURA 33: Distribuição do Artigo 3 no <i>Twitter</i>	125
FIGURA 34: Distribuição do Artigo 3 no <i>Facebook</i>	127
FIGURA 35: Irritações do Artigo 3 no <i>Twitter</i>	128
FIGURA 36: Tuítes do OI anunciando aos seus seguidores os seis artigos sobre o livro.....	135
FIGURA 37: Tuíteiros formaram rede de divulgação do livro-denúncia.....	138
FIGURA 38: Página do <i>Facebook</i> para acompanhamento da instalação da CPI da Privataria Tucana	138
FIGURA 39: Comentário de internauta no Interdispositivo <i>You Tube</i>	152

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Artigo 2 circulou durante 25 dias e, depois de 8 meses, teve contagem de compartilhamento zerada.....	118
TABELA 2: OI publicou seis artigos e um vídeo na mesma semana sobre o livro-denúncia “A Privataria Tucana”	137

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Adaptação do Esquema sobre o método de pesquisa empírica (FERREIRA, 2010b).....	55
QUADRO 2: Materiais do <i>corpus</i> 1.....	62
QUADRO 3 : Materiais do <i>corpus</i> 2.....	63
QUADRO 4: Síntese das relações em análise.....	74

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Debate sobre livro “A Privatária Tucana”. Crédito foto: Felipe Bianchi/Barão de Itararé.....139

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. JUSTIFICATIVA.....	2
1.2. PROBLEMA DE PESQUISA.....	3
1.3. OBJETIVOS.....	4
1.4. ARTICULAÇÕES DA PESQUISA.....	4
2. A MUDIATIZAÇÃO COMO AMBIÊNCIA DO INDIVÍDUO-ATOR MUDIÁTICO....	7
2.1. CONVERGÊNCIA DOS USOS MUDIÁTICOS: UMA PROSPECÇÃO DA MUDIATIZAÇÃO.....	10
2.2. CIRCULARIDADES, PRÁTICAS DISCURSIVAS E INTERAÇÃO	12
2.2.1. O contexto on-line.....	16
2.3. JOGOS DE FORÇAS ON-LINE E O PODER DA AUTOCOMUNICAÇÃO	17
2.4. CONTRAPONTO DA CRÍTICA: DA SOCIEDADE CLÁSSICA À MUDIATIZADA	20
2.4.1. A crítica de mídia como gênero	24
2.5. O DISPOSITIVO OI	25
3. DISPOSITIVO: SISTEMAS QUE DESLIZAM NOS PROCESSO DE CIRCULAÇÃO.....	30
3.1. SISTEMAS AUTOFORTIFICADOS E A IMPORTÂNCIA DA MÍDIA NA SOCIEDADE COMPLEXA.....	30
3.2. ANGULAÇÕES SOBRE O DISPOSITIVO.....	33
3.2.1. Perspectiva Socioantropológica.....	33
3.2.2. Perspectiva Semiodiscursiva.....	35
3.2.3. Perspectiva Tecno-tecnológica.....	40
3.3. A QUESTÃO DA CIRCULAÇÃO	42
3.3.1. Autorreferencialidade e heterorreferencialidade	46
3.3.2. Fragmentos de uma construção social da crítica.....	49
4. CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA	52
4.1. MÉTODO DE COLETA, SELEÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	53

4.1.1. Formação do objeto de estudo	54
4.1.2. Agrupamentos e Categorização	57
4.1.3. Iconização	59
4.2. A FORMAÇÃO DOS <i>CORPORA</i> DE PESQUISA	60
4.2.1. A lógica dos corpora	61
4.3. CONSTRUÇÃO CATEGORIAL	65
4.3.1. Categorias concretas de análise	66
4.3.1.1. Rito comunicativo.....	67
4.3.1.2. Tática de irritação.....	67
4.3.1.3. Reflexão fragmentada.....	68
5. ANÁLISES: RELAÇÕES ENTRE DISPOSITIVOS SEMIO-TECNO-TECNOLÓGICOS EM CIRCULAÇÃO	72
5.1. O PROJETO OI.....	74
5.2. TRANSFORMAÇÕES TECNO-TECNOLÓGICAS	77
5.2.1. Categoria Interdispositivos	78
5.2.1.1. <i>You Tube</i>	82
5.2.1.2. <i>Twitter</i>	84
5.2.1.3. <i>Facebook</i>	86
5.2.2. Categoria Revitalização	88
5.2.3. Categoria Armazenamento	97
5.2.4. Relações em análises sobre as mudanças contextuais-comunicacionais do site	98
5.3. ANÁLISES DAS INTERAÇÕES EM CIRCULAÇÃO	99
5.3.1 Artigo “Dilma presidente: os primeiros silêncios”	100
5.3.1.1. Rito comunicativo.....	100
5.3.1.2. Tática de irritação.....	102
5.3.1.3. Reflexão fragmentada.....	109
5.3.2. Artigo “Palocci e os 3 porquinhos: mídia começou serena, vai acabar enfurecida”	110
5.3.2.1. Rito comunicativo.....	112
5.3.2.2. Tática de irritação.....	112
5.3.2.3. Reflexão fragmentada.....	115
5.3.2.4. Relações em análises dos artigos 1 e 2.....	116

5.3.3. Artigo “Collor & Globo: a história revisada”	119
5.3.3.1. Rito comunicativo.....	120
5.3.3.2. Tática de irritação.....	120
5.3.3.3. Distribuição nas redes sociais on-line.....	123
5.3.3.3.1. <i>Rito comunicativo</i>	123
5.3.3.3.2. <i>Tática de irritação</i>	128
5.3.3.3.3. <i>Reflexão fragmentada - do artigo às redes sociais on-line</i>	128
5.3.3.4. Relações em análises do Artigo 3 e suas distribuições nas redes sociais on-line....	130
5.3.4. Caso: Lançamento do livro “A Privataria Tucana”	131
5.3.4.1. O livro-denúncia.....	132
5.3.4.1.1. <i>Rito comunicativo</i>	134
5.3.4.1.2. <i>Tática de irritação</i>	136
5.3.4.1.3. <i>Reflexão fragmentada</i>	138
5.3.4.1.4. <i>Relações em análises dos materiais sobre o fenômeno comunicacional do lançamento do livro "A Privataria Tucana"</i>	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	157
ANEXO 1.....	164

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta como tema as relações entre mídiatização, tecnologias digitais, interações e crítica de mídia. O objeto de estudo apreendido é constituído das mudanças tecno-tecnológicas e semiointeracionais realizadas no site Observatório da Imprensa (OI), a partir do início do mês de junho de 2011. Essas mudanças contribuíram para novas configurações na formação da crítica deste espaço mídiatizado, através da ampliação do circuito de circulação de conteúdos denominados críticos pelo próprio nome do dispositivo.

O projeto OI foi originado em abril de 1996 e é considerado um dos pioneiros e mais bem sucedidos do Brasil. Isso se deve por ele ter sido um dos precursores a instaurar um debate social explícito sobre as práticas jornalísticas, sob a perspectiva dos *media accountability systems* (MAS), em português: sistemas de responsabilização da mídia¹. A permanência do projeto se deu tanto pelo sucessivo emprego de recursos tecnológicos promissores, quanto pelo interesse e uso por parte dos internautas que acionam e dão movimento a esse dispositivo².

Em 1996, a internet estava surgindo no País e a plataforma digital do site já apresentava o caráter de processos de circulação intermediária, disponibilizando no final do artigo o *link*: “Comente, dê sua própria opinião” (Fig. 2). O OI foi um dos primeiros veículos a fazer o processo inverso de convergência midiática, pois foi criado para a web (1996), passou para o ambiente televisivo (1998) e depois ao radiofônico (2005). Atualmente, constatamos que o site passa por uma nova fase, devido à integração a recursos tecno-tecnológicos de dispersão e convergência, atrelados a movimentos de ordem social.

Na sua estrutura digital, o site é constituído de seções temáticas, blogs, conteúdos transpostos das mídias convencionais rádio e televisão, integração às redes sociais on-line, mecanismos tecnológicos facilitadores de acesso aos conteúdos como, boletins via e-mail,

¹ “MAS” é qualificado por Claude-Jean Bertrand como um arsenal de armas pacíficas, capazes de garantir ao mesmo tempo a liberdade e a excelência dos meios de comunicação. São quaisquer meios de melhorar os serviços de mídia ao público, totalmente independente do governo. Eles capacitam os meios de comunicação a ouvirem a opinião dos consumidores e possibilitam que a mídia descubra, corrija e explique seus erros e equívocos. Portanto, é qualquer meio que incite a mídia a cumprir adequadamente seu papel (BERTRAND, 2002, p. 35).

² Neste trabalho, o dispositivo é entendido não apenas como um suporte tecnológico, mas sim como algo que envolve elementos técnicos, tecnológicos, normativos e discursivos, gerando diferentes modalidades de contato, circulação, interação e produção de sentidos (Ver item 2.4).

*Feeds RSS*³. Entretanto, o recurso de circularidade⁴ mais considerável é o espaço de comentário dos internautas, localizado nos rodapés dos artigos, por ser um local de manifestação explícita e argumentação do leitor.

A característica de ser um fórum permanente de leitores, ouvintes, telespectadores e internautas busca abrir, de acordo com os idealizadores, “um espaço de manifestação e participação ativa, em um processo no qual, há pouco, desempenhavam o papel de agentes passivos” (OBJETIVOS, 2011, on-line). A partir desse pressuposto, foi criado um ambiente multimidiático para que o público seja posicionado como produtor a partir de perspectivas mistas (especialista e leiga), já que neste ambiente organizado de crítica, aparentemente, todos os interagentes podem expor informações e opiniões.

1.1. JUSTIFICATIVA

Inicialmente, a principal motivação deste estudo foi a percepção sobre um movimento fomentador, em que a sociedade passou a questionar e debater as práticas jornalísticas, passando a acompanhar e monitorar o que é produzido pela mídia. Nesse cenário, surgiram novos valores de participação, impulsionados por múltiplos processos de criação de vínculos, em que o indivíduo envolve-se e atua virtualmente como forma de manifestação subjetiva e estética. Dessa forma, não há uma mobilização no sentido de busca de hegemonia do discurso, mas sim de colocar-se em evidência, tomar partido do assunto e também tornar-se visível no processo comunicacional.

Para contemplar a mobilização da sociedade mais criteriosa e preocupada com as produções midiáticas, os espaços de vozes são ampliados, a colaboração do público é solicitada, mas não como fonte, e sim como participação efetiva na produção, como articulista ou comentarista. Nesse sentido, o próprio objeto de estudo é uma consequência desse novo movimento apresentado.

Dessa forma, a pertinência desta pesquisa se dá pela insurgência de modelos de processos comunicacionais convergentes e, ao mesmo tempo dispersos, pela dinâmica intrínseca à plataforma digital, em que a lacuna existente entre produtor e receptor está cada

³ O arquivos *Feed* apresentam-se no formato *RSS - Rich Site Summary* (sumário rico do *site*) ou *Really Simple Syndication* (busca realmente simples). O recurso permite que um único leitor concentre notícias de centenas de *sites* diferentes e receba as atualizações, minuto a minuto, sem ter que visitar cada um deles.

⁴ Os termos “circulação” e “circularidade” são sinônimos neste trabalho. Os empregos destas palavras significam a movimentação das interações ocorridas no espaço delineado em análise, isto é: o trânsito dos indícios empíricos.

vez mais imperceptível, devido aos processos colaborativos e participativos do internauta. O caráter marcante desse processo é a circularidade intermediática e intramediática, devido à diversidade de dispositivos que acionam a construção de sentidos.

Buscamos, com este estudo, produzir conhecimento sobre essa rica modalidade comunicativa que estimula uma interlocução mais crítica e participativa do indivíduo no que se refere às produções midiáticas. Além disso, aprofundar os estudos que envolvem os processos de midiaticização da sociedade e as práticas desempenhadas nessas relações, a partir de uma pesquisa que almeja compreender a processualidade comunicacional por meio da circulação de sentidos entre indivíduos midiáticos, formando, assim, um conjunto de críticos sociais no espaço digital.

1.2. PROBLEMA DE PESQUISA

A problemática desta pesquisa é desenvolvida a partir da articulação de perguntas e proposições sobre os aspectos de mudanças recentes ocorridas no site. As proposições em relação são de que as mudanças nos usos de tecnologias geraram outras formas de mediações, por conseguinte, causaram reconfigurações nas construções simbólicas, novas lógicas semânticas, de fluxos e acessos. Constatamos que, depois da renovação do OI, houve maior proliferação de conteúdos, isto é, um aumento do fluxo das construções críticas do site em outros locais, por meio de recursos de dispersão e irradiação, os quais passaram a atuar como portas de saída, rompendo limites demarcatórios, que antes restringiam a interação quase que exclusivamente no site.

Diante disso o nosso olhar foi direcionado para verificar se houve uma transformação qualitativa nos processos semiointeracionais relacionados às mudanças tecno-tecnológicas do OI. Consideramos que essa questão é subjacente ao discurso social que afirma que as transformações são inevitáveis, naturais e mais qualificado. No entanto, investigamos se essas novas condições implicam em modalidades de interações em conformidade com o projeto estratégico de crítica de mídia do site. A partir disso, desdobramos então o questionamento central: Quais transformações semiointeracionais podem ser observadas e relacionadas às inovações tecno-tecnológicas? Qual é a relação entre as discontinuidades semiointeracionais, quando observadas, e a configuração do espaço crítico sobre a mídia, gerido pelo OI?

1.3. OBJETIVOS

Os objetivos deste estudo estão ancorados na perspectiva de examinar os movimentos ocasionados na circulação intermediática e intramediática a partir do OI. Baseados nisso, de um modo geral, buscamos as relações entre as dimensões semiointeracional e tecno-tecnológica nas processualidades dos debates e compartilhamentos/distribuições entre os indivíduos midiáticos na internet. Analisamos as modalidades de interações realizadas no site do OI, em relação aos seus modos semio-tecno-tecnológicos, como forma de articulação entre mediação e crítica de mídia.

Especificamente, nosso propósito foi investigar relações e acionamentos de dispositivos midiáticos e as práticas em funcionamento nos mesmos. Localizamos a problemática da crítica de mídia no espaço interacional delineado pelos dispositivos atuantes na plataforma digital da Web 2.0, vistos como processos de autorreferencialidade e heterorreferencialidade colocados em circulação. Por fim, pensamos a crítica de mídia a partir de um processo que se autodenomina como crítica de mídia em que os interagentes desenvolvem projetos de fala e estratégias de irritação, que podem desdobrar-se em atos comunicativos.

1.4. ARTICULAÇÕES DA PESQUISA

A partir do problema de pesquisa, oriundo de análises preliminares baseadas em categorias auxiliares, perguntas e proposições em relações chegamos a relações teóricas articuladas, com foco nos processos de circularidade que movimentam as interações no/do dispositivo em estudo.

Nossa cadeia de raciocínio está diretamente ligada aos processos mediados, em que é percebida uma crescente autonomização dos processos intermediáticos e intramediáticos de circulação de informações e modos interacionais, caracterizada pela inscrição dos indivíduos midiáticos nos processos produtivos, deslocando os papéis entre produção e recepção. “Mesmo que esse funcionamento seja apenas parte do processo de mediação, puramente descritivo, é sempre retomado e reformulado conforme as questões em estudo (recepção, produção, circulação, etc.)” (FERREIRA; FOLQUENING, 2012, p. 4). Assim, buscamos analisar o fenômeno a partir das dimensões dos processos comunicacionais, dos dispositivos e

dos processos sociais, para interpretarmos as transformações contextuais que estão articuladas à mediação.

Durante o capítulo 2 são desenvolvidas diversas dimensões contextuais com as quais nos aproximamos do objeto em construção. Nos subcapítulos 2.1, 2.2 e 2.2.1 são apresentados os esforços em articular análises empíricas aos saberes já existentes e consolidados das correntes de pensamento, teorias e conceitos, sobretudo no âmbito da mediação, suas prospecções e estratégias comunicacionais. No subcapítulo 2.3, apresentamos a visão de poder das redes sociais legítimas e on-line, para problematizarmos a circulação da autocomunicação no contexto on-line⁵. No subcapítulo 2.4 tratamos da evolução da crítica. Chegamos às configurações atuais da crítica de mídia entendendo-a como gênero, no subcapítulo 2.4.1. E no subcapítulo 2.4, visualizamos a comunicação nesse ambiente mediado a partir do ângulo do dispositivo midiático, atrelado aos processos sociais e comunicacionais, considerando que ela ocorre de forma complexa, constituída de elementos materiais e imateriais que configuram as interações que circulam no OI.

Destinamos o capítulo 3 para apresentar reflexões e aproximações teóricas sobre o nosso modo de observação das observações feitas pelos indivíduos midiáticos, nos espaços de compartilhamento e distribuição de crítica de mídia. Buscamos nas perspectivas socioantropológica, semi-discursiva e tecno-tecnológica subsídios para pensarmos os modos interacionais desenvolvidos pelo nosso objeto de estudo. Nessa etapa do trabalho, relacionamos nossas reflexões a indícios *extracorpora*⁶ encontrados em entrevistas fechadas (Ver ANEXO 1 – Entrevistas), realizadas por e-mail com internautas escolhidos aleatoriamente nas redes sociais on-line do OI. Ainda no capítulo 3 tensionamos a problemática da crítica, no contexto mediado, atribuída a um novo *status*, por apresentar um referente em que predomina a circulação intramediática e intermediática, acentuando as processualidades de autofortificação (LUHMANN, 2005), através de acoplamentos estruturais, dos quais os sistemas provocam irritações com o ambiente, que podem ser da ordem de autorreferencialidade ou heterorreferencialidade.

⁵ Neste trabalho, o termo “redes sociais on-line” denomina o tipo de recurso tecnológico empregado. Já o termo “redes sociais” refere-se ao sentido *stricto sensu* de uma rede legítima em busca de uma causa coletiva, com pautas reivindicativas para a transformação social.

⁶ No início do trabalho, a nossa intenção era inserir estas entrevistas realizadas por e-mail nos *corpora* de pesquisa, porém, no desenvolvimento das análises e para delimitar materiais, julgamos que as entrevistas agregariam mais valor se tensionadas às perspectivas teóricas sobre autorreferencialidade, principalmente sob o aspecto socioantropológico, já que este não seria o objeto da investigação, mas que gostaríamos de fazer algum tipo de articulação em nosso estudo.

O capítulo 4 apresenta detalhadamente a nossa construção metodológica, com a explicitação da formação do objeto-problema de pesquisa. Descrevemos nossos métodos de coleta, seleção e análise de dados com o intuito de demonstrar transparência e rigor em nossa pesquisa, que tem como base de construção e desconstrução do objeto de estudo a perspectiva do Movimento Ascendente, Descendente e Circular da Construção do Objeto Empírico de Pesquisa (FERREIRA, 2010b). No subcapítulo 4.3, mostramos a lógica de formação dos *corpora* de pesquisa; e no 4.4, explicamos a construção categorial de nossas análises em três momentos distintos, mas articulados: categorias auxiliares, relacionais e concretas.

No capítulo 5 as análises apresentam as relações entre dispositivos sermio-tecno-tecnológicos vistos na circularidade dos movimentos apreendidos na coleção de pesquisa. Diante disso, nossas observações contemplam as análises em nível macro-tecno-tecnológicas do contexto comunicacional formado pelas estratégias comunicativas e lógicas operacionais de funcionamento do site OI; e em nível micro-semiointeracional, formado pelas marcas discursivas de artigos e comentários publicados no site, sintomas encontrados pelos indícios de participações de internautas nas redes sociais on-line do OI, e um caso, que revela processos midiáticos e sociais posteriores, proporcionados por irritações e ritos em conjunto com o OI.

Para finalizar este texto introdutório, explicamos que para a construção do objeto de estudo desta pesquisa foi preciso a “suspensão” de pressupostos teóricos, restando, na medida do possível, somente a “suspeição” (FAUSTO NETO, 2011)⁷ de algumas noções teóricas para criar a possibilidade de uma produção de conhecimento independente de proposições já constituídas. Sendo assim, os postulados em jogo, inicialmente, foram afastados do trabalho para depois das primeiras análises dos materiais empíricos e construção do objeto, tornarem-se parte suplementar e integradora do estudo. Acreditamos que esse método aperfeiçoou esta pesquisa na perspectiva do movimento circular entre direcionamentos ascendentes e descendentes (FERREIRA, 2010b) como mostra a matriz metodológica exposta no capítulo 4.

⁷ Apontamentos em aula (2011).

2. A MIDIATIZAÇÃO COMO AMBIÊNCIA DO INDIVÍDUO-ATOR MIDIÁTICO

Os estudos sobre a complexidade dos processos comunicacionais suscitam investigações sobre a instalação de movimentos crescentes de tecnologias convertidas em meios de interação social, nas esferas de produção, recepção e circulação de informações, através de lógicas de funcionamento, no âmbito midiático, e as suas relações com os diversos campos e atores sociais.

Para articularmos esta pesquisa à midiatização, foi preciso examinar o que constitui as ações, processos e objetos apreendidos, para então, entender as relações, intersecções e interposições que se estabelecem no complexo interacional. Algumas proposições alcançadas na análise permitiram verificar que há algum tipo de ação, por parte dos sujeitos, os quais querem participar do processo de construção crítica sobre a mídia. O OI não atua somente como um instrumento para que seja feita a vontade deles, mas como um dispositivo midiático onde circula uma cultura comunicacional em busca de emancipação, autonomia, visibilidade e autoafirmação.

O movimento constatado nas análises deste estudo é de uma transformação veloz e constante de práticas e processos comunicacionais, complexificando cada vez mais o cenário da sociedade midiatizada. Fausto Neto (2005) assinala a transição dos meios que passam da condição dos suportes para ocupar uma centralidade na vida cotidiana, como fonte de informação, de entretenimento e de construções de imaginários. De acordo com o autor, a problemática central dos estudos em midiatização é: como os indivíduos se movimentam nessa processualidade comunicacional? É exatamente nesse ponto que esta pesquisa sobre as possibilidades de construção de crítica de mídia nas interações midiatizadas aprofunda-se, buscando verificar as incidências dos usos sociais das transformações tecnológicas nas configurações de práticas comunicacionais no e do OI.

Fausto Neto (2005) defende que a midiatização se manifesta em vários níveis da vida social e se torna uma referência matricial. Os campos sociais são vistos como autônomos, sendo que a regulação se dá entre dispositivos nomeados pelas instituições dispersas no tecido social e não há um campo regulador em específico. Nessas relações, são criadas formas de linguagens que se enquadram na nova ambiência, em decorrência do desenvolvimento de uma modalidade prática de comunicação que impõe aos campos de conhecimento demandas de leituras e de interpretações que superam protocolos clássicos.

O autor afirma que o fenômeno da midiaticização pode ser visualizado nos processos em que as agendas informativas dos campos são caucionadas reciprocamente, ou quando ocorrem “estratégias desviantes” ou “pontos de fuga” por parte da “audiência”, ou ainda quando o campo midiático exerce lugar de interação e papel de gestor de processos sociais. As mutações podem ser deslumbradas nas transformações “do ato social em operações de contato”. “Estamos diante de uma nova forma de organização e produção social, onde o capital já não estaria mais apenas a serviço das estruturas, mas dos fluxos e da informação” (FAUSTO NETO, 2005, p. 5). Nessa conjectura, a produção concentra-se nos dispositivos de circulação de imaterialidades, ou seja, de produção de sentidos. A mudança diz respeito às novas formas de organização que o capitalismo gera à vida social, constituídas de novos modos de interação.

Segundo Ferreira (2010)⁸ é preciso prospectar que futuramente o processo se naturalizará assim como foi o capitalismo. Essa comparação reforça a crença de que sempre haverá desigualdades, porém, a ressalva é que o consumo de bens simbólicos é ilimitado. Para fazer parte da sociedade em midiaticização basta ver, ler, ouvir, conectar-se, expressar-se e compartilhar os sentidos despertados pelas ações comunicativas, ou seja, pelas manifestações identitárias que se dão nas interações com os outros e com os meios, isto é, pelo *ser-com-os-outros* no mundo (GOMES, 2010).

Precisamos entender a midiaticização como um processo complexo, abrangente, não reducionista e nem determinista, em que “ou o indivíduo se adapta à lógica midiaticizada, ou sofre com ela, pois não se pode deter-se nos meios, mas sim na ambiência, além disso, o não domínio da linguagem não interfere na insurgência dela na sociedade” (GOMES, 2010). Não há como fugir dessa nova forma de ser e agir da sociedade em conjunto com os media, pois essa matriz cultural já faz parte da existência humana e constitui as formas de organização e funcionamento, definindo condições de acesso e consumo por parte dos indivíduos.

Essas concepções, que chegam a soar audaciosas, nos remetem aos postulados do interacionismo simbólico, sobre a interação humana, que nos trouxe a hipótese “É impossível não comunicar”. A importante corrente de estudos dos anos 60, chamada Escola de Palo Alto ou Colégio Invisível, contrariou todos os pensamentos predominantes nas pesquisas em comunicação da época. As investigações passaram a ser realizadas a partir de um recorte ampliado do conceito de comunicação, propondo o pensar através de um modelo de comunicação circular.

⁸ Apontamentos em aula, 2010.

O processo interacional começou a ser visto em uma situação global, sem separações de variáveis. Para isso, foi desenvolvido um método de pesquisa diferenciado: o trabalho etnográfico de descer ao campo e a observação participante, para analisar a perspectiva orquestral da comunicação. Esse foi o primeiro impacto rumo à descoberta de bases referenciais consistentes, dotadas de aspectos qualitativos, os quais causaram a grande virada nos estudos em comunicação.

No entanto, pretendemos problematizar a atuação do indivíduo nesse pressuposto de que “tudo comunica”, para fazermos uma diferenciação entre processos mediados e processos sociais, com base nas proposições e inferências de Ferreira e Folquening (2012)⁹. Os autores alertam para como é tratado o papel do indivíduo nas pesquisas de mediação. Segundo eles, indivíduo, ator, agente e sujeito são vistos, em geral, como sinônimos. A elucidação é baseada em duas perspectivas. A primeira é em Bourdieu, com a ideia de um indivíduo posicionado pelo capital, nas esferas de consumo, produção e distribuição de bens culturais em que o *habitus* é social e psicológico. A segunda perspectiva é em Verón (1997), com a hipótese do ator individual, visto como um membro de uma sociedade, inserido em complexas relações sociais.

Segundo os autores, tanto a referência ao interacionismo, de Verón, quanto à prerrogativa de que “comunicação é poder” de Bourdieu são insuficientes por não oferecerem uma solução para a compreensão da mediação, seja por indicarem que os processos são de reprodução das estruturas sociais determinantes, ou práticas, interações e estratégias depuradas em relação aos contextos. Verón (2001 *apud* FERREIRA; FOLQUENING, 2012) trabalha a questão do ator individual em contraposição à sociologia do gosto e do consumo, de Bourdieu¹⁰, dizendo que as variáveis objetivas e subjetivas dos estilos de vida da sociologia do consumo cultural perderam valor predicativo, devido às incertezas das gramáticas de reconhecimento que estão instauradas nos processos comunicacionais. Antes tínhamos uma semiose referenciada na escrita e hoje temos uma semiose baseada na primeiridade e secundidade, providenciada pela mediação.

O regime semiótico, seguindo essa visão de Verón (2001) na leitura dos autores, representa o “calcanhar de Aquiles” das instituições modernas, visivelmente naquelas que hoje possuem equipamentos semióticos limitados. Com isso, ocorre uma tendência de crise dos poderes instituídos, que ingressam em um processo de transformação, onde o espaço

⁹ FERREIRA, Jairo; FOLQUENING, Victor. O indivíduo e o ator nas brechas da mediação: contrabandos nos espaços conjunados. Artigo inédito, 2012.

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. La distinción. Criterios y bases sociales del gusto, Taurus: Madrid, 1998.

público passa a ter outros equipamentos, do ponto de vista semiótico, disponíveis aos atores individuais. A partir disso, Ferreira e Folquening (2012) apresentam a hipótese de mediação como transformação de contextos, localizando o centro operatório das transformações nos processos semióticos. Daí a crítica à perspectiva que fala de indivíduos genéricos:

Nossa proposição é que essa indiferenciação (do indivíduo) fortaleça a tendência de reduzir os contextos aos cenários de interação mediada. Na medida em que esses (contextos) estão em fluxo com os processos midiáticos, em decorrência das homologias dos equipamentos semióticos mobilizados em dispositivos e nas interações nos espaços públicos, ficam, praticamente, subsumidos ao mesmo sentido social em jogo (FERREIRA; FOLQUENING, 2012, p. 3).

Os autores advertem que a submissão do indivíduo provoca a não diferenciação dos processos sociais em jogo, ou seja, a hiper-mediação do social, e sugere, implicitamente, que a sociedade está incorporada aos processos de comunicação derivados deles mesmos, por dispositivos sócio-semio-técnicos. Assim, eles formulam as questões: “Todo o processo de comunicação mediada seria, imediatamente um processo de comunicação? Ou mais, não haveria comunicação nos espaços públicos sem passagem pelos processos midiáticos?” (FERREIRA; FOLQUENING, 2012, p. 4).

As soluções para encontrar as respostas dessas perguntas podem ser, de acordo com os autores, entender o indivíduo como um “indivíduo midiático” ou um “ator midiático”, operando nesse novo espaço público de interação caracterizado por ações de “contrabando” de mensagens em espaços que são de lógicas e estratégias diferentes, porém, se conjuntem através da circulação do ator midiático entre os campos diversos, principalmente o midiático. A outra solução é a circunscrição dos contextos a partir da particularidade de cada objeto de estudo.

2.1. CONVERGÊNCIA DOS USOS MIDIÁTICOS: UMA PROSPECÇÃO DA MEDIAÇÃO

Um dos eixos condutores deste estudo tem como referência os processos comunicacionais convergentes, realizados a partir do site OI para a interação da sociedade mediada. O conceito de convergência, nesta pesquisa, está relacionado não somente aos

suportes tecnológicos hiperligados, mas principalmente à processualidade que se instaura no novo modelo comunicacional midiaticizado. Assim, compreende-se o processo por dois lados do mesmo fenômeno: a convergência e a divergência, ambas dispersas pelos múltiplos canais de distribuição de conteúdos, em formas distintas de recepção-produção.

Cardoso (2010) caracteriza o atual sistema de mídia como uma organização em rede que ocorre em vários níveis, desde a dimensão tecnológica, a organização econômica, até a apropriação social. Para o autor, a convergência supera as barreiras tecnológicas, econômicas e institucionais devido à articulação da tecnologia digital. A insurgência de unidades tecnológicas provocou a instauração do “principal motor de mudança dentro da comunidade nos processos de comunicação e mediação nas nossas sociedades” (CARDOSO, 2010, p. 25). Nesse sentido, a convergência, hoje, forma-se de articulações entre aparelhos, conteúdos e usos.

Jenkins (2008) afirma que a convergência é um conceito antigo para denominar as informações que circulam por diferentes canais, sistemas midiáticos e administrativos. No entanto, na contemporaneidade, assume novos significados e é um processo conduzido pelos consumidores. Ele define as transformações comunicacionais, tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais em três conceitos básicos. O primeiro é a “inteligência coletiva” como uma nova forma de consumo, feita em conjunto, vista como uma nova fonte de poder. O segundo é a “cultura participativa”, a qual é caracterizada pelo comportamento do consumidor midiático contemporâneo, cada vez mais distante da condição de receptor passivo, criando um sistema complexo, dotado de regras, para ser gerido de forma coletiva. O terceiro conceito é a “convergência midiática”, esta não é representada pelos suportes tecnológicos, mas sim por uma perspectiva culturalista, em que é preciso verificar como esses processos convergentes se ajustam à vida das pessoas, como é representado na mente dos consumidores individuais e que pode ser percebido nas interações sociais, nas formas de consumo e nas relações usuários com as tecnologias contemporâneas.

Nesse mesmo pensamento, Fausto Neto (2009) denomina esse novo movimento como “sistemas”, “espaços potenciais” e de “pontos-de-acesso”, que são as mecânicas, as processualidades estratégicas da midiaticização. Para o autor, no complexo interacional formado pela convergência tecnológica cria-se uma nova plataforma de circulação de sentidos, a partir de técnicas, dispositivos, novas configurações e relações entre produção e recepção. Segundo o autor, a convergência fragmenta a estrutura da recepção, sendo assim, reelaboram-se as afetações entre os campos sociais. Isso faz com que os meios reformulem estratégias de vínculos, novas formas de contato e coparticipação.

As processualidades estratégicas da mediação podem ser entendidas de acordo com o que afirma Fausto Neto (2009) ao defender que há “zonas de pregnância” e que os campos sociais não estão isolados, mas sim sob o efeito energético, tensionando forças com os demais e fazendo surgir “pontos de conexão”. Pode-se identificar a convergência como um leque de opções para o receptor-emissor, ou como um “espaço potencial” para múltiplas produções de sentidos. “A convergência produz a homogeneização das estruturas produtoras de ofertas, mas gera diversidade no âmbito das demandas, instituindo a fragmentação dos receptores” (FAUSTO NETO, 2009, p. 113).

Em contrapartida, Verón (2002), afirma que há uma ruptura que faz com que ocorram flutuações entre espaços comuns, social, político e meios, que são processos de convergência e divergência entre oferta e demanda. Para ele, não há homogeneização e sim uma fragmentação crescente nos processos produtivos.

Sus ‘efectos’ son pues lo contrario de lo que profetizaron los profetas: lejos de producir homogeneización (es decir, cristalización de las estructuras organizacionales de la sociedad) son generadores de complejidad, e por lo tanto de cambio (VERÓN, 2002, p.134).

O autor reitera que as trocas entre os espaços comuns ocorrem por meio de tensões estratégicas e quando há um refluxo das ofertas, caracteriza-se a divergência, resultante de múltiplos fatores. É nesse aspecto que se relaciona convergência à dispersão e fragmentação de usos sociais, tanto na produção quanto na recepção de conteúdos, exclusivamente pela circulação de fluxos de informação.

2.2. CIRCULARIDADES, PRÁTICAS DISCURSIVAS E INTERAÇÃO

O estudo das interações a partir do site OI está fundamentado no processo mediado de comunicação, visto como um posto avançado de observação. Entende-se que há uma relação complexa de processos sociais e comunicacionais que colocam em funcionamento o dispositivo. Este que é composto de estratégias e contratos para constituem o discurso próprio do OI. Parte desse estudo busca compreender os processos discursivos de crítica midiática, tomando o discurso não como um objeto, mas como uma prática, disposição: a prática discursiva, engendrada à intencionalidade dos pares, a fatores extradiscursivos, às condições históricas, culturais, econômicas, ideológicas, psíquicas, geográficas, sociológicas, antropológicas, técnicas, tecnológicas e linguísticas que configuram as condicionantes de

produção de sentido. Com isso, as condições desse processo interacional não passam de forma mecânica, das estruturas sociais para as ações dos sujeitos, necessita-se de um trabalho social e linguístico (mediações) de reconhecimento, semiotização, discursividade e reflexividade.

Nessa visão, a processualidade comunicacional no site OI é realizada, de acordo com a ideia de Fausto Neto (2005), através de meios-pulsão, isto é, dispositivos sociais que impulsionam as relações do campo midiático com os demais campos: político, educação, religião, econômico, etc, e, em especial, com o próprio campo midiático. Nessa conjuntura, as práticas discursivas são associadas a trabalhos sociais, possibilitando a socialização em âmbitos de informação, de aprendizagem e de crítica.

Essa perspectiva de uma abordagem pragmática do discurso permite considerar que o objeto de estudo exerce uma função que está além de refletir ou interagir no âmbito de trocas simbólicas e tecnológicas. O principal expediente no processo midiático aqui abordado é a interação e a interatividade¹¹, ou seja, há a efervescência desse modelo comunicacional participativo, colaborativo e convidativo, em mais variados níveis, acionados em atos de linguagem sucessivos, compreendidos como disposições discursivas.

Neste trabalho entendemos que a interação dos discursos se faz na circulação de sentidos entre produtor-receptor e receptor-produtor, ou seja, entre o “consumo produtivo” e a “produção consumidora” (FERREIRA, GÖRGEN E BRITO, 2012). Essas novas lógicas desenvolvem uma recepção que produz, mobilizando também os dispositivos midiáticos. Assim como, também faz surgir uma produção que consome ideias de produção, construídas por uma interface entre produção e recepção. Segundo os autores, esse modelo de tematização dos discursos sempre existiu, porém, a novidade é que a produção para produção passou a ser referência no processo de circulação “marcando a autonomização dos processos midiáticos perante outras determinações sociais, inclusive frente aos dispositivos que os acionam” (FERREIRA; GÖRGEN; BRITO, 2012, p. 5).

Não se trata aí de uma utopia em realização. Kerckhove (1999) questiona o termo inteligência coletiva¹², afirmando que com a nova ecologia das redes, com os novos hábitos cognitivos sociais e pessoais, o processo se estreitou em uma inteligência conectada. “A

¹¹ Para conceituar brevemente, entendemos “interação” e “interatividade” como parte do processo comunicacional. “Interações” são as relações humanas e os usos sociais das tecnologias. E “interatividade” são as relações homem-máquina, conforme define André Lemos (1997): uma forma de interação técnica, isto é, a interação homem-técnica. A relação desses dois elementos gera predisposição para mais “interação social” e consequentemente a “comunicação” propriamente dita, possibilitada pelas condições de produção que eles proporcionam.

¹² Jenkins (2008) define que inteligência coletiva é uma nova forma de consumo, feita em conjunto, vista como uma nova fonte de poder. Ela é um tripé da convergência cultural-midiática, junto à cultura participativa.

interatividade é a relação entre a pessoa e o entorno digital definido pelo hardware que conecta os dois” (KERCKHOVE, 1999, p.21)¹³. O autor refere o processo como um enlace mental entre nós mesmos e o planeta, por meio de projeções multisensoriais.

O recurso de interatividade formou, segundo Valdettaro (2009), a cultura da interface, em que a lacuna existente entre produtor e receptor está apagada, quase imperceptível. O caráter marcante em ambientes de convergência de tecnologias e linguagens, como a web 2.0, é a multidimensionalidade interativa e a diversidade de dispositivos sócio-técnico-discursivos que acionam a construção de sentidos. Dentro desse novo espaço comunicacional, os vínculos são arquitetados por identidades flutuantes, com modificações nas condições de produção e reconhecimento. Além disso, a autora constata a coexistência de diferentes regimes espectralis e de consumo, isto é, a multiplicidade do desejo. Porém, na nova ambiência, os novos processos não anulam os já existentes, eles se complementam:

É possível reconhecer, deste modo, a particular sinergia que se produz entre velhos e novos meios, como por exemplo, em época de eleições políticas, a concorrência entre as pesquisas de boca de urna por um lado, e a produção de impressões quentes dos usuários do *Twitter* [...] Da mesma forma, a captura e publicação de imagens de anônimos no *You Tube*, que em seguida apresenta a televisão (VALDETTARO, 2009, p. 8, tradução nossa)¹⁴.

Para a autora, os novos meios passam a fortalecer os já consolidados. A utilização deles em conjunto serve de uma medida de controle e disciplinamento do público e, se bem empregados, de uma nova forma de exercício da democracia, em que o indivíduo torna-se um cidadão virtual.

Nesse sentido, é evidente a ampliação dos espaços de vozes. Com esse propósito, a mídia solicita a colaboração do público, mas não como fonte, e sim como participação efetiva na produção, ou como comentarista e até articulista, no caso do OI. Os exemplos são constatados quando os usuários, leitores, internautas, telespectadores e ouvintes têm um espaço exclusivamente destinado para eles opinarem ou fornecerem a informação, interferindo nas rotinas produtivas, através de produções próprias. Essa realidade é um grande

¹³ “La interactividad es la relación entre la persona y el entorno digital definindo por el hardware que conecta los dos” (KERCKHOVE, 1999, p.21, tradução nossa).

¹⁴ Es posible reconocer, de este modo, la particular sinergia entre viejos y nuevos medios se produce, como por ejemplo, en época de elecciones políticas, la competencia entre encuestas en boca de urna por um lado, y la producción de impresiones em caliente de los usuarios de *Twitter* [...] Del mismo modo, la captura e publicación en Youtube de imágenes anónimas, que luego levanta la televisión (VALDETTARO, 2009, p. 8).

avanço e se aprimora a cada minuto. No entanto, como todo o sistema organizado, há moderação e controle nesses processos participativos.

A convergência do OI é constatado nas produções que são veiculadas nos meios convencionais e que depois ficam disponíveis para visualização e aprofundidade na internet. Como exemplo, os programas de formato televisivo e radiofônico do OI, veiculados nas emissoras públicas TV Brasil e Rádios MEC AM e FM, em determinados horários, e depois disponibilizados para visualização na estrutura digital do site.

Há também o recebimento de informações de conteúdos do OI por meio Feeds RSS (agregador de conteúdos atualizados no site), onde são expostas automaticamente as informações no próprio navegador de internet. Esses processos revelam a praticidade e comodidade que as novas tecnologias podem trazer à vida contemporânea, pois a pessoa poderá ter acesso ou rever o conteúdo midiático no momento que achar oportuno, assim como, personalizar a sua busca por informação.

Outro comportamento surgido nos últimos anos é a amizade ou vitrine virtual com a explosão das chamadas redes sociais, entre elas: *Orkut*, *Facebook*, *You Tube*, *Twitter*, etc. No entanto, Valdetaro (2009) desconstrói a ideia da nomenclatura empregada, pois para a autora, no ambiente virtual, cria-se uma multiplicidade de associações, que do ponto de vista investigativo, não são redes sociais no sentido *strito sensu*, por não produzirem vínculos estáveis e pela noção frágil de não ter uma causa de sociedade. Assim, ela classifica esse recurso como “associações em rede”, por serem constituídas de pseudoamigos com afinidades em comum, ou identidades flutuantes, com suas derivações semânticas: tribos, comunidades, clãs, etc. Nesse novo patamar, a digitalização de vínculos muda as condições de pertencimento dos indivíduos e as identidades culturais dão lugar a avatares e personagens *fakes*.

No nosso estudo, acrescentamos o termo “on-line” - redes sociais on-line - para diferenciar da ideia de redes sociais conceituada como recursos e meios para assegurar o direito das pessoas com ideais em comum, a partir de representações simbólicas, a fim de aproximar e permitir a construção de identidades coletivas, criando elos por meio de referenciais emancipatórios (Scherer-Warren, 2008). Essas redes a que a autora se refere possibilitam a convergência das pautas sociais e políticas para atender as demandas materiais e simbólicas, entendidas como necessidades materiais que se transformam em representações simbólicas de carências de determinados grupos. Assim esses grupos criam pautas reivindicativas para a transformação social dessa situação, surgindo a ação coletiva ou um movimento social específico.

Com isso, temos a consciência de que apesar das “originais” redes sociais de busca dos direitos em comum já existirem antes mesmo da internet surgir no mundo, a inserção destas nas ações de sociedade midiaticizada relacionam outras formas de poder coletivo, em que as tecituras sociais em ambiente tecnológico causam novos tipos de comportamentos, usos e vínculos. Nessa perspectiva, ocorrem diversos fenômenos comunicacionais disparados pelas ações de internautas, pela sua força de atuação, pela visibilidade e formas de poder que são relacionados nos compartilhamentos da rede.

Na produção de crítica sobre a mídia, realizada no novo espaço do OI, as redes sociais on-line potencializam a interatividade, porém refletimos até que ponto as trocas de sentidos externadas nessa processualidade podem contribuir para um nível de comunicação mais aprofundado, ou que contribua para a formação de opinião dos indivíduos. Percebemos que além das modificações de meios de divulgação de informações no site, no sentido de convergência tecnológica/midiática, há também uma mudança de comportamento discursivo por parte da sociedade que precisa mostrar-se para sentir-se integrante.

Todos esses comportamentos inovadores, por parte da mídia, da crítica e do público, resultam em novas configurações de modos de interação em um espaço diferido e difuso de construção de sentidos. Eles são indícios de como se movimenta a midiaticização no espaço social complexificado pelas práticas sociocomunicacionais.

2.2.1. O contexto on-line

A comunicação no meio on-line apresenta novos modos de produção, reconhecimento e circulação. A linguagem empregada abre caminhos para o surgimento de novas narrativas, novos modos de leitura e escrita, ou seja, novas realidades interacionais. Palacios (2003) ressalta que as redes telemáticas possibilitam ao jornalismo uma utilização, em maior ou menor escala, de características quase que exclusivas do meio on-line: a) multimidialidade/convergência – os recursos de imagem, texto e som são agregados na narração do fato jornalístico; b) interatividade – o usuário sente-se parte do processo comunicacional, através da relação dele com o hipertexto, além disso, o termo multi-interativo¹⁵ é adotado para designar as relações entre internauta/máquina/publicação/hipertexto/outras pessoas; c) hipertextualidade – interconexão de textos relacionados, por meio de *links* (hiperligações); d) customização do

¹⁵ (LEMOS, 1997; MIELNICZUK, 1998, apud PALACIOS, 2003).

conteúdo/personalização – configuração de conteúdos de acordo com os interesses individuais; e) memória – acúmulo de informações de domínio coletivo; f) instantaneidade/atualização contínua – rapidez do acesso, facilidade de produção e distribuição de conteúdos, além de agilidade de atualização.

O autor destaca que essas características apresentam uma articulação complexa e dinâmica dos diversos formatos jornalísticos. Porém, no meio digital prevalecem elementos de Continuidade e Potencialização dos recursos, que são os que provocam a Ruptura no jornalismo. “A possibilidade de dispor de espaço ilimitado para a disponibilização do material noticioso é, a nosso ver, a maior Ruptura a ter lugar com o advento da *web* como suporte mediático para o jornalismo” (PALACIOS, 2003, p.24).

Dessa forma, o jornalismo no espaço virtual quebra limites físicos e encontra sua especificidade pela potencialização das características descritas acima e pela combinação delas, gerando novos recursos no modo de construir sentidos. Segundo o autor, no meio digital, a Memória ganha forma múltipla, instantânea e cumulativa. Porém, o jornalismo on-line está em constante mutação e busca, a cada dia, linguagens próprias. Cabe a nós, acompanhar as experimentações e transformações que ocorrem e sistematizar os estudos dos avanços da comunicação imbricada pelas vias on-line.

2.3. JOGOS DE FORÇAS ONLINE E O PODER DA AUTOCOMUNICAÇÃO

Não é mais novidade que as repercussões dos acontecimentos sociais ganham novas proporções impulsionadas por movimentos comunicativos em locais específicos da internet, com seus inúmeros espaços de divulgação e manifestações onde os papéis de produtor e receptor se confundem, gerando novas lógicas nas construções de acontecimentos jornalísticos e históricos. Nos dias atuais, em meio ao imenso fluxo comunicacional disperso e difuso no ciberespaço, acionados pelos internautas, é possível haver mobilizações de cunho reivindicatório, de interesse comum e de participação cidadã.

Tanto no espaço virtual quanto no físico, são inventados recursos e meios para assegurar o direito das pessoas com ideais em comum, a partir de representações simbólicas, a fim de aproximar e permitir a construção de identidades coletivas, criando elos por meio de referenciais emancipatórios (Scherer-Warren, 2008). Essas redes criadas possibilitam a convergência das pautas sociais e políticas para atender as demandas materiais e simbólicas,

que a autora entende como necessidades materiais que se transformam em representações simbólicas de carências de determinados grupos. Assim esses grupos criam pautas reivindicativas para a transformação social dessa situação, surgindo a ação coletiva ou um movimento social específico.

A aparente autonomia que existe na internet proporciona um ambiente aberto para manifestações e pluralidade de vozes. O espaço criado é favorável para que ocorram determinados movimentos de tensionamento e dissolução de poderes entre sociedade e demais instituições como políticas, militares, Estado, judiciais, etc.

Bauman (2011)¹⁶, em entrevista recente, traz reflexões enérgicas sobre o desafio contemporâneo de entender as mudanças que o advento da modernidade líquida produz na condição humana. Para o sociólogo polonês, no patamar em que estamos, é preciso ser inventada uma “democracia global”, tendo em vista que os indivíduos não estão isolados e dependem da existência de outros para se fazerem existir e se afirmarem. Nesse ambiente são construídas e redefinidas as suas próprias identidades. A individualidade está permeada de uma dinâmica de personificação da vida pessoal compartilhada, em que os vínculos, processos e práticas sociais se constroem na internet e especialmente nas redes sociais on-line como “confessionários do privado”. De acordo com ele, as amizades são tão efêmeras quanto o acionamento do conectar/desconectar, do adicionar/bloquear. “Estamos todos numa solidão e numa multidão ao mesmo tempo” (BAUMAN, 2011).

O sociólogo entende que a multiplicação das conexões causa um fato inédito até então: a interdependência no mundo, através das comunicações, colocando todos em “um mesmo barco”. No entanto, nesse espaço, impera a complexidade e o contraditório nas ações dos novos modos de vida que são regidos por culturas locais, com suas especificidades, inseridas em culturas globais, gerando outras formas identitárias, em uma dimensão cada vez mais extraterritorial.

No ambiente virtual, Bauman (2011) não vê mais as divisas das fronteiras geográficas, culturais, sociais e até mesmo econômicas. A opinião pública passa a exercer uma força de ação efetiva sobre as instituições até então consagradas. O poder dessas ações está na ausência de limitações espaciais, proporcionadas pelo ciberespaço.

Assim como Bauman, Castells (2009) entende que a internet é um eficaz instrumento de poder, porém, o segundo é menos radical sobre os efeitos dos usos dela, entendendo que há uma forma de mobilização social que surge da tática do funcionamento das redes sociais on-

¹⁶Entrevista concedida, em 2011, ao Núcleo de Pesquisa em Estudos Culturais - CPFL Energia e do Fronteiras do Pensamento. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=1miavuqhdwm&feature=fvst>

line, articulando formas de dominação. Castells (2009) visualiza o processo de forma dinâmica, articulado e engendrado em relações entre sociedade, valores e instituições. Para o autor, o poder na rede é relacional, pois é compartilhado e não imposto, perfazendo-se através de vínculos e compactuações. “A capacidade relacional do poder está condicionada, mas não determinada, pela capacidade estrutural de dominação” (CASTELLS, 2009, p. 33, tradução nossa). O indivíduo torna-se cúmplice da causa e une-se aos agentes iniciais, formando assim, forças que se impõem mutuamente. E são nessas relações que as sociedades se constituem e exercem suas cidadanias, entre poder e contrapoder, dominação e resistência.

A partir dessas relações surgem as formas de influência sobre os valores e interesses dos que possuem poder. Quem possui o poder são os que definem as regras do jogo nas sociedades. Conhecer de onde surge e como se estrutura o poder, quem tem poder e o poder de fazer com que todos nós tenhamos que seguir esse poder, é o que define o marco social, cultural e político das sociedades.

Nessa perspectiva, constrói-se um poder que reside primordialmente na mente humana, na tentativa de influenciar as construções de sentidos e significados, através da comunicação. Assim, materialmente, os sujeitos passam a se organizarem por meio de interesses em comum, estes que convergem para pontos diversos individuais. Para o autor, há duas formas de ostentar o poder: através do monopólio da violência ou através da construção de significados. O poder não se estrutura apenas sobre o controle dos aparelhos repressivos do Estado, mas se fundamenta na “hegemonia” cultural que se exerce através do controle do sistema educativo, das instituições religiosas e dos meios de comunicação.

O poder é a capacidade relacional que permite um ator social influenciar de forma assimétrica nas decisões de outros atores sociais de modo que favoreçam a vontade, os interesses e os valores do ator que tem o poder. O poder se exerce mediante a coação (ou a possibilidade de exercê-la) e/ou mediante a construção de significado partindo dos discursos através dos quais os atores sociais guiam suas ações (CASTELLS, 2009, p. 33, tradução nossa).

Nesse sentido, os mecanismos consensuais de dominação reconfiguram-se consoante à possibilidade e acessibilidade à comunicação, formando um tipo de poder multidimensional. Todas essas dimensões dependem dos sistemas de comunicação. O que acontece nesses sistemas de comunicações será crucial para os esforços de mudança social e o que define esse propósito nos processos comunicativos é a “autocomunicação”, possibilitada nos dispositivos

móveis, nas redes sociais on-line, *blogs* e todos os locais de manifestação relativamente autônomos da internet.

Embora Castells (2009) não separe o virtual do real, entende que cada vez mais o debate das questões do poder e da comunicação se fará via internet, nos espaços que forem inventados para isso. No entanto, o compromisso cidadão se materializará nas ruas, nas passeatas, protestos e mobilizações sociais. Isso se dará quando houver a passagem da esfera institucional para a esfera comunicativa, quando a luta e o debate acontecem na internet e nas redes sociais, para depois alcançar um nível de ação concreta. Assim será a verdadeira inteligência coletiva e colaborativa, em que a confiança mútua será decisiva nesse jogo de poderes.

2.4. CONTRAPONTO DA CRÍTICA: DA SOCIEDADE CLÁSSICA À MUDIATIZADA

Das novas processualidades de circularidade de interações emanam formas de comunicação mais complexas e sofisticadas. No patamar em que a sociedade se encontra ela exerce um trabalho social dinâmico e, ao mesmo tempo, os meios de comunicação complementam o complexo interacional com ações próprias do campo, visando à confiança do público, há uma modificação na essência crítica.

Marcondes Filho (2002) faz um breve histórico do conceito filosófico da crítica, relembando que desde a filosofia clássica, no início da civilização, já eram feitas críticas aos pré-socráticos. No entanto, foi nos tempos da efervescência do cristianismo, do positivismo newtoniano, do Círculo de Viena, que a crítica passou a ceder espaço ao pensamento único, com argumentos que buscavam a redução do real à unidimensionalidade do bem, do justo, do correto, eliminando nas sociedades qualquer possibilidade de debate.

O autor pondera que “em todos esses casos havia a precedência de um princípio harmonizador universal, de caráter metafísico, matemático, ou lógico, uma concepção de verdade única, uma busca do rigor absoluto” (MARCONDES FILHO, 2002, p.14). Frente a isso, surgiram formas de combate, provindas da agonística geral, conceituada por Lyotard (1986) *apud* (MARCONDES FILHO, 2002, p.14) como atos de linguagem movimentados antes pela polêmica – *agon* - do que pela comunicação. Nesse contexto, o pensamento vivo reapareceu manifestando sua revolta, embora houvesse maior exclusão e repressão.

A denúncia a tudo que parecia ilegítimo ao tribunal da razão é acentuada na modernidade. Nesse período, a religião, os costumes e a política eram as áreas mais criticadas.

No entanto, Immanuel Kant defendia que era preciso criticar a própria razão da crítica por ter a pretensão de prover conhecimento absoluto para tudo. Sendo assim, coabitavam duas formas de críticas, segundo Marcondes Filho (2002, p.16), “uma apoiada numa dicotomia verdade/falsidade; outra, nos limites do pensamento”. A primeira é demarcada pela tradição e a segunda transcende ao horizonte humano da razão.

Marcondes Filhos (2002) ressalta que naquele tempo, a coerção não era percebida devido à “imposição branca, invisível, diáfana, um estilo *light* de exercitar a violência cotidiana” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 15). No entanto, no renovado espírito crítico, pós-moderno e pós-ideológico, ainda há um fundo de dominação, de violência simbólica, porém não há espaço para a crítica idealista e endeusada, sendo necessário excluir seus componentes ontológicos: o belo, o verdadeiro, o justo, etc.

A crítica não é mais uma homenagem à verdade absoluta, mas deve estar ligada ao valor cultural dos bens culturais e produtos midiáticos. O autor defende que o sujeito emancipado, no contexto das novas tecnologias, tem ferramentas importantes para impor-se e fazer valer a sua opinião. Já que a cada dia surgem processos críticos que refutam modelos tradicionais e racionais de dominação, de poder e de eliminação da oposição.

Marcondes Filho (2002) ressalta que estamos vivenciando uma nova crítica, constituída de paradoxos que convivem em um mesmo território. O paradoxo compreende o espaço múltiplo, em que as opiniões negam-se reciprocamente, mas que convivem em um mesmo território, em um mesmo contexto, em uma mesma realidade. “Daí ser possível resgatar a crítica ao mesmo tempo que excluir a crítica” (MARCONDES FILHO, 2002, p.19).

Com isso, o autor entende que nos dias atuais não é mais possível uma crítica na perspectiva clássica, mas sim a que se apropria dos formatos da crítica cínica, irônica e estética, isto é, uma crítica que expanda horizontes e que ao mesmo tempo envolva com sua parcialidade ideológica apaixonante. No entanto, ele sugere que a crítica institua uma teoria do valor cultural para definir bases razoáveis para a apreciação de bens culturais e midiáticos, para evitar a submissão aos valores comerciais de mercado. Mesmo assim, reconhece que há critérios intrínsecos às apreciações dos receptores. O movimento inovador nesse processo é que, nos últimos anos, surgiram outros valores culturais e fruções, baseados em novos critérios de apreciação colocados em circulação na esfera pública.

O eixo central do pensamento de Marcondes Filho (2002), sobre a questão da crítica, é que o pós-modernismo causa uma legitimação ingênua, dando a impressão de que tudo pode funcionar sem a interferência de agentes humanos, em um cenário de plena liberdade e ilimitações. Ele alerta que há um equívoco nisso tudo: trocou-se o sujeito emancipador,

dotado da verdade (cristã, racional, revolucionária, mercadológica...) pelo sujeito emancipado das novas tecnologias. Hoje, as pessoas cansadas de líderes, de manipuladores, de vendedores de sonhos, ganharam miraculosamente a consciência de si, de se tornarem para si.

O autor avalia que, nessa “orgia digital”, os meios tecnológicos coroaram o grande sonho da humanidade, da liberação, da felicidade, do desdobramento múltiplo da personalidade, de seu espaço, de seu tempo. No entanto, o mais importante ficou esquecido: a cultura. Ponderando esse pensamento, Marcondes Filho (2002) entende que a crítica não pode mais ser realizada somente por um *expert*, por uma figura mítica dos *media*, buscando a atenção de seu exército de seguidores. Ele diz que, hoje, criticar só tem sentido se: “associado à multiplicidade, à variedade, a um conjunto informal, difuso de pessoas que satisfizessem um quesito básico, o de ter estudado (...) se informado razoavelmente sobre o objeto em questão” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 23). Portanto, a crítica pode ser realizada em um espaço coletivo, aberto, admitindo oposições, diferenças e contradições, mas necessariamente especializadas.

Considerando essa nova forma de construir a crítica apresentada por Marcondes Filho, transpomos ao ambiente midiático uma visão mais otimista, em diálogo com as hipóteses de Braga (2002; 2006) que desenvolve seu pensamento sobre o “sistema social crítico interpretativo”, mais tarde chamado de “sistema de resposta social”. Em Braga (2002) a problematização sobre o tema parte da pergunta “Como deve a sociedade fazer a crítica das práticas midiáticas?¹⁷”. O autor relaciona e diferencia objetivos múltiplos e distintos entre o trabalho crítico realizado por especialistas – acadêmica – e o realizado no espaço geral da sociedade. Para o autor, os processos críticos realizados nesse âmbito têm por objetivo: “(...) dispor de critério e interpretações; expressar o estado dos processos e dos produtos em determinado tempo e local; estimular competências dos usuários; ter incidência sobre a produção” (BRAGA, 2002, p.28).

Nesse sentido, a função geral dos *media criticism* é ensinar o usuário de mídia a fazer “bom” uso dos meios. Assim, eles estimulam o desenvolvimento de competências de interação na sociedade, no que se refere aos materiais e processos midiáticos que essa sociedade gera, faz circular e usa para diferentes propósitos. No entanto, isso não significa qualitativamente que os processos sejam eficazes, já que a fragilidade da crítica implica em interações pobres. Consideramos que o grande diferencial está nos níveis de interação que são colocados em circularidade nesses processos, pela sociedade midiática.

¹⁷ Debate realizado no Seminário Interprogramas organizado pela Compós, em outubro de 2000, na PUC de São Paulo.

Em Braga (2006), é tratada a processualidade comunicacional crítica, a partir do estudo de dez casos, empiricamente nomeados como dispositivos sociais de crítica midiática (DSCM). O trabalho do autor está em desvendar evidências sobre práticas comunicacionais resultante das interações sociais realizadas pela sociedade em midiatização, por meio de articulações nas esferas de produção, circulação e recepção das mensagens. Esses processos são realizados pelos dispositivos sociais, que impulsionam as relações do campo midiático com os múltiplos atores, possibilitando a socialização em âmbitos de aprendizagem social e de crítica midiática.

Esse movimento peculiar é próprio das novas práticas sociocomunicacionais desenvolvidas pela sociedade midiatizada. Sendo assim, a dinâmica que ocorre é composta por processos e dispositivos sociais imbuídos a desenvolverem trabalhos críticos sobre os produtos midiáticos. No estudo do autor, mesmo, às vezes, realizando interações fracas, os dispositivos apresentam potencialidades tensionadoras, entendidas pelo autor como um tipo de resposta social.

O estudo crítico das práticas midiáticas, que estão além dos objetivos da análise de busca do conhecimento, de desvendamento das lógicas de um produto, de um gênero, ou de um processo, tende a exercer uma função geral de desenvolvimento de competências de interação na sociedade. Braga (2006, p.36) ressalta que entender os processos de midiatização pelo viés da interação significa compreender o que a sociedade faz com sua mídia, uma forma apropriada para compreender como se forma uma nova cultura de produção e de recepção de sentidos, mais ativa, opinativa e mais crítica frente aos processos de reação à comunicação cotidiana. Ainda de acordo com o autor, a sociedade se organiza para tratar a própria mídia e desenvolve dispositivos sociais para isso, dando consistência aos modos de tratamento, chamado de *circulação social* – diferente da *circulação midiática*, que é o que a mídia veicula como sistema de produção.

Essa postura de interação da sociedade com o produto midiático gera processos interpretativos, que estão além do que a mídia produz, e sim nas respostas das práticas sociais, a partir do que a sociedade apresenta. Sendo que, as ações podem se misturar e se interferirem mutuamente, caracterizando-se em “[...] contrapositivas, interpretativas, proativas, corretoras de percurso, controladoras, seletivas, polemizadoras, laudatórias, de estímulo, de ensino, de alerta, de divulgação, venda, etc.” (p. 39-40). Entendemos que são nessas trocas entre circulação midiática e social, em diversos níveis, que podem ocorrer transformações em conjunto com a construção social, em que são compartilhados fragmentos críticos para a formação de uma consciência social sobre a mídia.

2.4.1. A crítica de mídia como gênero

Esta pesquisa entende o gênero “crítica de mídia” como um fenômeno histórico e sociocomunicacional evoluído da sua essência chamada de “crítica ou resenha”¹⁸. Tomamos como princípio teórico a classificação de Marques de Melo (2003, 3ª ed.), quando em 1985 realizou um estudo sobre os gêneros opinativos no jornalismo. Para o autor, “crítica ou resenha” é apreciação de determinados bens culturais, com a finalidade de orientação à ação dos fruidores ou consumidores. Inicialmente, quem realizava essa análise estética eram os grandes intelectuais, até que o jornalismo passou para a fase profissionalizante e a indústria cultural atribui à crítica o caráter popular.

A partir desse período o gênero “crítica” continuou a se modificar no Brasil. No entanto, a essência será sempre a mesma, como mostra o Dicionário da Comunicação:

[...]discussão fundamentada e sistemática, a respeito de determinada manifestação artística, publicada geralmente em veículos de massa (jornal, revista, livro, rádio, TV) e emitida por jornalista, professor, escritor ou por outros especialistas, em geral profissionalmente vinculados ao veículo como colaboradores regulares (RABAÇA E BARBOSA, 1998. p. 186).

O dicionário acima referido fala de uma crítica unilateral, emitida por um especialista. Contrariados a isso, e em sintonia com nossos materiais empíricos, consideramos que desfrutamos hoje de uma crítica dialógica e em circularidade, que procede na formação de opiniões tanto imediatas quanto reflexivas, e até silenciosas, trocadas entre todos os interagentes do processo.

Ao que se refere ao nosso estudo, os termos mais utilizados nas nossas análises são: “artigo e comentário”. Constatamos que esses gêneros, no nosso objeto de pesquisa, passaram por processos de alterações de uso e espaço de inserção. O artigo não precisa ser assinado por um intelectual renomado, porém, continua sendo fundamental que esteja argumentado e

¹⁸ Alguns autores fazem diferenciação entre crítica e resenha dizendo que a segunda tem a função de orientar o público na escolha dos produtos culturais em circulação no mercado – decisão de compra. Não tem a intenção de oferecer um julgamento estético, mas de se fazer uma apreciação ligeira, sem entrar na sua essência enquanto bem cultural.

baseado no conhecimento e sensibilidade do articulista. O termo “comentário” também não é o mesmo que Marques de Melo (2003) conceituou, já que naquela época, ainda predominava o comentarista jornalístico, isso é, aquele que explica as matérias noticiosas.

No gênero de crítica de mídia e em especial a permeada por processos sócio-tecnológicos, surge um novo comentarista: o leitor, o qual penetra no âmbito da produção para dialogar diretamente com o crítico especialista. Esse gênero, assim como muitos outros surgiu para atender a demanda social midiaticizada, que está em transformação constante e desenvolve lógicas para enfrentar os desafios comunicacionais. Medina (2001, p. 45) afirma que “gêneros aparecem, crescem, mudam e desaparecem conforme o desenvolvimento tecnológico e cultural de cada nação e de cada empresa jornalística”. De acordo com o autor, os gêneros são estilos de organização, servem para orientar os leitores, permitindo-os identificar os conteúdos, como uma forma de diálogo entre meio de comunicação e público, pois é através das exigências dos leitores que as formas e os conteúdos dos produtos midiáticos se modificam.

Consideramos que é por intermédio dos gêneros que são reconhecidas parte das intenções dos projetos de fala de cada sujeito comunicante, em que ele poderá informar, opinar, interpretar ou divertir. No caso da crítica de mídia, formou-se um gênero que tem por conteúdo temático algo ligado ao próprio exercício da prática jornalística, em uma espécie de procedimento metalinguístico ou metadiscursivo e dialógico, já que o leitor tem a oportunidade de pensar o fazer jornalístico. Diferente da crítica tradicional – apresentada nos conceitos acima, a crítica de mídia não julga somente os valores da técnica ou da estética, pois o jornalismo possui uma função social e a avaliação sobre o seu desempenho deve ser primordialmente pelos aspectos éticos.

2.5. O DISPOSITIVO OI

Compreender as relações interacionais geridas no OI, visto como um dispositivo específico de crítica sobre a mídia significa considerar que ele é um objeto complexo, constituído de diversos elementos materiais e imateriais que dão forma e vida a ele. Para nomear o OI como um dispositivo é preciso que se defina o que se entende por esse termo, pois, a utilização do conceito tem causado discussões interessantes, já que as elaborações teóricas são diversificadas. Klein (2007) faz um estudo da gênese do conceito de dispositivo e sua utilização nos estudos midiáticos. Ele infere que o conceito é mais utilizado na sua forma

unidimensional, sendo confundido algo estritamente técnico ou tecnológico. Entretanto, existem autores que suprimem o aspecto técnico-tecnológico, porém, destacam somente uma dimensão, como socioantropológica, ou a linguagem.

Neste trabalho, será empregado o dispositivo em uma perspectiva de contemplação multidimensional do conceito, por entender que o processo comunicacional do OI não se explica somente através de suas mudanças tecnológicas, nem somente pelo comportamento dos internautas articulistas e leitores envolvidos, ou tão somente pelos recursos de linguagem que atuam na plataforma digital do site. Sendo assim, a investigação abrange a circulação de relações e confluências possíveis desses elementos.

Ferreira (2006a) sugere a análise de um dispositivo “midiático” a partir de uma matriz primária triádica onde são relacionados e interseccionados aspectos socioantropológicos (sa), semiolinguísticos-discursivos (sl) e tecno-tecnológicos (tt). Segundo o autor, nenhuma dimensão isolada consegue dar conta das inter-relações de condicionamentos e contingenciamentos dos processos comunicacionais, pois, um é polo dominante relativamente a outro, ou seja, instalam relações de causalidade. Quando uma terceira dimensão fica apagada, ela aparece, como “sintoma” no aparato descritivo.

A dimensão socioantropológica corresponde aos sujeitos midiaticizados, suas culturas, ações e instituições. Na dimensão semiolinguística-discursiva atuam as operações de linguagens que fornecem múltiplos sentidos. Já os aspectos tecno-tecnológicos relacionam as técnicas de produção e circulação de informações, assim como os suportes tecnológicos utilizados nos processos de comunicação.

Em complemento a essa primeira elaboração conceitual, Ferreira (2007, 2010a) apresenta os dispositivos como acoplamentos e operações entre processos de interação social, linguagens, técnicas e tecnologias. Para o autor, esses três elementos estabelecem modos da sociedade interagir sobre (e com) os produtos midiáticos, identificando tanto o conjunto de materialidades, quanto o complexo de relações, agenciamentos e intersecções com processos sociais e de comunicação.

Em Ferreira (2010a) é apresentado o estudo do dispositivo midiático (DISP), inserido no espaço midiaticizado, envolvido ativamente em relações e intersecções entre processos sociais (PS), que são as instituições e atores analisáveis por meio de diversas perspectivas das teorias sociais clássicas; e processos de comunicação (PC), constituídos de questões novas, atos diferidos no tempo e espaço em tensão com os dispositivos. Sendo que não só um polo condiciona o outro, mas também intercede nas relações.

Por dispositivos midiáticos (...) entendemos as incidências nos processos sociais e nos processos de comunicação que emergem dos acoplamentos, defasagens, interpenetrações entre processos de interação, de linguagem, técnica e tecnologia. (...) Os dispositivos sendo triádicos, contemplam possibilidades relacionais de caráter exponencial (FERREIRA, 2010a).

Desta forma, o autor incorpora uma processualidade mais abrangente constatando que os dispositivos acionam processos passíveis de interações entre código, sistemas e estruturas. “Um dispositivo (...) só é compreensível em processo” (FERREIRA, 2010a). Assim, o movimento analítico dos estudos sobre objetos midiáticos deve considerar as trocas mútuas entre os três polos. No entanto, para que isso seja possível, é preciso que, nas pesquisas, se adote uma perspectiva em que a circulação seja o objeto comunicacional e que sejam utilizados métodos abduativos, em direção aos estudos de caso.

Ferreira (2010a) apresenta uma proposição epistemológica para entender os processos midiáticos em que é preciso superar a análise focada nos processos de produção e consumo. Para o autor, devemos analisar os fenômenos a partir da circulação. Dessa forma, as interpretações midiáticas passam a ter a condicionante do contexto relativizada, já que ela não identifica o caso midiático, mas sim os de cunhos sociológico, psicológico, antropológico, etc, em relação ao midiático. Essa proposta metodológica decorre da visão de que os processos ontológicos de mediação são novos e as teorias clássicas das ciências sociais e da linguagem são insuficientes para dar conta dos fenômenos. “Não se trata de negar as heranças, mas colocá-las em um novo jogo interpretativo, em que as disciplinas originais (...) devem estar subordinadas a esse objeto em construção” (FERREIRA, 2010a).

O autor reitera que é preciso compreender a circulação, como um objeto singular, imerso na configuração própria ao caso em construção. É nesse ângulo de visão que esta pesquisa está inserida, a partir do momento em que a apreensão da contextualização comunicacional derivada dos aspectos macroestruturais (tecnológico) estão subtraídas dos processos sociais e de comunicação, que resulta na interação propriamente dita. Nas relações com o dispositivo são formuladas as produções críticas sobre a mídia, através da diversidade de linguagens, do descentramento e acionamento de interdispositivos divergentes e heterogêneos que passam por um trabalho de orquestração pelos indivíduos e acabam convergindo para reingressarem na esfera midiática, em forma de repercussão da repercussão.

Nessa perspectiva, foi construída uma coleção em que é possível capturar o processo interacional midiático do OI “aqui e agora”, como elucida Ferreira (2010a). O autor pondera que, para as interpretações, devem-se buscar recursos de outros campos de conhecimento: sociais, da linguagem e da filosofia. “A análise do processo é sempre

acompanhamento, conjuntural, com possíveis retornos formais. Porém é ali, na incidência em movimento, que se captura o que é processo de midiatização, em seus desdobramentos comunicacionais e sociais” (FERREIRA, 2010a, p. 7). Para o autor, o ângulo de análise dos processos midiatizados deve levar em conta o imprevisível, o incerto e o singular, já que eles são formados de conexões, interpenetrações, condicionamentos, sobras, subordinações e erupções de diversos códigos, sistemas e estruturas.

Em complementaridade, esta pesquisa apresenta aproximações com a ideia de Braga (2011) sobre a hipótese heurística do “dispositivo interacional”. Para o autor, é construído um lugar de observação de interações, dentro de um sistema de relações que colocam em funcionamento as processualidades comunicacionais. Cada episódio comunicacional, na sua prática de fenômeno em ação, recorre a determinadas matrizes interacionais e modos práticos compartilhados para fazer avançar a interação. Tais matrizes – culturalmente disponíveis no ambiente social (e em constante reelaboração e invenção) correspondem ao que chamamos aqui de “dispositivos interacionais” (BRAGA, 2011, p.5).

A esses processos, investigam-se objetos materiais e imateriais heteróclitos, ou seja, constata-se aspectos heterogêneos que de algum modo se articulam em um determinado processo sociocomunicacional. Esses objetos são representados por elementos da ordem da codificação, como a linguagem; circunstanciais e inferenciais; técnicos; culturais; de ordem prática; institucionais; e ainda, alguns são essencialmente comunicacionais.

Dessa forma, é possível articular estruturas e processos sem a radicalidade do estruturalismo¹⁹, assim, a estrutura é um modo de organizar e fazer funcionar “as coisas”. Entendemos, portanto, que a estrutura não é uma entidade à parte que – de fora – comanda os processos. E sim, como um aspecto organizador ou articulador dos dispositivos, que decorre historicamente dos processos. São modos tendenciais para seu exercício continuado, ou seja, tornam-se padrões, regras, códigos e para-códigos. Assim, é mais adequado nomear o dispositivo como “modos de fazer socialmente produzidos e tornados disponíveis” (BRAGA, 2011, p. 10).

O autor alerta que devemos evitar a ideia simplificadora de que os dispositivos seriam simplesmente os meios de comunicação, tecnologias ou suportes. Pois, as relações se constituem alargadamente pelas conexões que mantemos entre nós, os outros e o mundo. No entanto, não é o elemento tecnológico que se destaca no processo estudado, mas sim, dá direção e sentido a seu uso, levando à construção crítica do leitor, aos modos de

¹⁹ Braga (2011) adverte que o entendimento de dispositivo deve contrapor à ideia de “estrutura” no sentido estruturalista: prévio, profundo e determinante sobre o que nele é moldado.

endereçamento, às promessas e contratos. Isto é, aos processos que cercam dois fatores cruciais: a circulação midiática, de produtos; e a circulação social, de resposta social compartilhada.

3. DISPOSITIVO: SISTEMAS QUE DESLIZAM NOS PROCESSO DE CIRCULAÇÃO

Este capítulo dará suporte à reflexão sobre como é construída a crítica nesse espaço de observações, por parte dos produtores-receptores, e como pode ser descrita a observação da construção da crítica de mídia. Para isso, trabalharemos a problemática da construção da crítica no ambiente midiático, a partir de um dispositivo que apresenta sistemas justapostos que deslizam, com brechas, espaços, lacunas, incompletudes, interfaces, pregnâncias, potencialidades e espaços transacionais onde os indivíduos interagem (FERREIRA, 2007, 2012²⁰).

Nesse ângulo de visão, estamos observando articulações entre processos de autofortificações (LUHMANN, 2005) e processos de circulação intramidiática e intermediática. Verificamos a processualidade que se dá no atravessamento das práticas midiáticas e processos referenciais sistêmicos, constituindo os indivíduos como críticos midiáticos. Sendo assim, suas competências críticas são ativadas, por meio de “observações de observações”, sendo que eles efetuam na circulação uma atualização dos seus repertórios particulares, como uma sequência de operações observadoras.

3.1. SISTEMAS AUTOFORTIFICADOS E A IMPORTÂNCIA DA MÍDIA NA SOCIEDADE COMPLEXA

Luhmann (2005) elabora um modelo explicativo de sociedade complexa, enfocando a “diferenciação autofortificada” entre sistema e entorno/ambiente. O autor defende que a importância que os meios de comunicação exercem na sociedade é tão grande que “tudo” que sabemos sobre o conhecimento da história e da natureza humana é através deles, os quais funcionam como uma espécie de operador central de todos os demais sistemas sociais.

Para o autor, a relação social com os meios de comunicação é tão intensa e sabemos tanto sobre eles, que chegamos a desconfiar deles. Diante disso, os meios tratam de se autofortificarem, através, principalmente, da autorreferencialidade e da

²⁰ Apontamentos em aula, 2012.

heterorreferencialidade, consistida de técnicas e lógicas próprias desenvolvidas para dar conta da desconfiança do público. “(...) o conhecimento extraído dos meios de comunicação reorganiza-se, como por si mesmo, numa armação que se autofortifica” (LUHMANN, 2005, p. 15).

Assim como os demais subsistemas, como ciência, política, economia, etc, os meios de comunicação possuem a competência de se autogerarem, pois, possuem autonomia funcional de diferenciarem-se dos demais sistemas/subsistemas. Essa diferenciação faz com que os meios criem uma relação com suas próprias operações que se produz e reproduz a partir delas, com relativa autossuficiência, já que as trocas ocorrem através do acoplamento estrutural com o ambiente. Quanto mais intensa essa relação, ela se torna mais específica e fortalecida.

O autor apresenta uma revolução epistemológica nas ciências sociais, pela mudança do foco de observação do meio e suas características para a complexidade de relações sistêmicas. Anteriormente, o processo de observação científica de um dado objeto pressupunha a análise estrutural de todos os seus elementos constitutivos isoladamente. Conhecer algo significava poder determinar quais são as partes que determinam o todo desse objeto. Não se avaliavam as relações entre os elementos, mas apenas sua condição no todo.

Luhmann (2005, p. 18) aborda “a realidade dos meios de comunicação” em duplo sentido. Uma face diz respeito à “realidade real”, das suas próprias operações internas. “Imprime-se e difunde-se. Lê-se. Emissões são recebidas. Inúmeras comunicações envolvendo a preparação e a discussão subsequente cobrem esse acontecimento” (LUHMANN, 2005, p. 18). A difusão se dá nas tecnologias e esse trabalho estrutura e limita o processo dentro de da lógica de cada sistema. No entanto, a relação sistêmica que o autor propõe exclui parcialmente a materialidade da comunicação²¹ “os aparelhos técnicos” e valoriza mais a recepção, pois, a comunicação ocorre quando alguém vê, ouve, lê e entende. Ele ressalta que nessa fase é que poderá depreender-se uma outra comunicação, que segue sucessivamente, autoalimentando-se dentro de um sistema.

Nessa segunda face, defendida por Luhmann (2005), engendram-se os elementos de autorreprodução e diferenciação do sistema em relação ao ambiente. É o segundo sentido da primeira realidade dos meios de comunicação. “(...), a saber, em relação àquilo que para eles ou por meio deles aparece como realidade para os outros” Luhmann (2005, p. 20). Dito de outro modo: são observações de observações, ou operações observadoras.

²¹ Para Luhmann (2005, p. 18) pode-se considerar a “realidade real” como as comunicações que passam com e pelos meios, como formas de observação em um primeiro nível.

Para o primeiro caso, basta uma observação de primeira ordem, como se se tratasse de fatos. Para a segunda possibilidade de entendimento, é preciso assumir a orientação de um observador de segunda ordem, de um observador de observadores. Para fixar essa distinção, podemos falar (...) de primeira e de segunda realidade (LUHMANN, 2005, p. 20).

O autor entende que o observador de segunda ordem é aquele que ao realizar a primeira observação construída pelos meios de comunicação, constrói uma segunda observação diferente, baseada na primeira. Na construção da segunda realidade, o observador tem a capacidade de atuar na complexidade dos sistemas e identificar as diferenciações que os sistemas fazem para observar. Ele não observa fatos, mas como os sistemas operam para observar os fatos do entorno, de acordo com sua estrutura. Portanto, a duplicação da realidade não significa multiplicar, ou replicar uma primeira realidade, mas sim um processo específico, único e diferente. Cada observação está em constante mudança, de acordo com os elementos relacionados, os acoplamentos realizados e as irritações com o ambiente. As relações colocadas em jogo determinarão uma mesma observação, pertencente a um sistema, envolto por estruturas diferentes.

Frente a essas operações de construção de realidades, os comportamentos emergentes, por parte da mídia e com o consentimento e atuação do público, resultam na complexidade dos modos de interação em um espaço diferido e difuso de construção de sentidos. Neves e Neves (2006) assinalam que a abordagem dos sistemas sociais em Luhmann tem a função de redução da complexidade do mundo, na medida em que as operacionalidades dentro dos sistemas excluem possibilidades e selecionam outras.

Os autores destacam que a Teoria dos Sistemas Sociais deu início à grande virada teórica ao tratar os sistemas não mais como “uno”, como um todo resultado da soma das partes, mas como diferença. “O sistema define-se por sua diferença com relação ao entorno. O sistema que contém em si sua diferença é um sistema autopoietico, autorreferente e operacionalmente fechado e que se constitui como tal, reduzindo a complexidade do entorno” (NEVES E NEVES, 2006, p. 11). Assim, ao mesmo tempo que reduzem, os sistemas produzem a sua complexidade.

Para essa construção própria o sistema precisa fechar-se operacionalmente em relação ao entorno, produzindo a diferenciação autofortificada, que funciona como um subsistema especial da sociedade a quem cabe a realização das características da formação do sistema,

através de operações como a autorreprodução autopoietica, a auto-organização e a determinação estrutural.

3.2. ANGULAÇÕES SOBRE O DISPOSITIVO

Compreender os processos de construção da crítica de mídia pelas dimensões do dispositivo triádico possibilita um viés sobre os princípios operativos, conectando às problemáticas da mídiatização, por permitir angulações sobre as dimensões socioantropológica, semiodiscursiva e tecno-tecnológica, almejadas nesse estudo. Nos itens a seguir (3.2.1; 3.2.2; 3.2.3) tratamos sobre esses sistemas justapostos nessas perspectivas.

3.2.1. Perspectiva Socioantropológica

Essa perspectiva revela como é instituída socialmente a crítica nesse espaço de observações de observações, por parte dos produtores-receptores, e como pode ser descrita a observação da construção dessa crítica. Ela contribui para a sistematização do conhecimento sobre uma nova cultura de construção de crítica, a que está atravessada por práticas e processos midiáticos, via dispositivos que distribuem formas de pensar, ser e agir para serem apropriadas pelo indivíduo, ou não. Com isso, tensionamos a pergunta que Luhmann (2005) nos indaga sobre uma realidade dos meios de comunicação: “como é possível aceitar as informações sobre o mundo e sobre a sociedade como sendo informações sobre a realidade quando se sabe como elas são produzidas?” (LUHMANN, 2005, p. 194).

Essa questão nos transporta ao pensamento da antropologia Pós-moderna ou Crítica, erradicada nos anos 80. Nesse período, já havia uma preocupação com os recursos retóricos presentes no modelo textual das etnografias clássicas e contemporâneas. Nos estudos, foi constatada uma politização da relação observador-observado na pesquisa antropológica, com isso surgiu a crítica aos paradigmas teóricos existentes e à autoridade etnográfica do pesquisador²². Segundo Jordão (2004), os conceitos formulados a partir daí, surgem como novas alternativas para a antropologia, denominados como dialogia, polifonia e evocação.

²² Ver *Writing Culture*, organizado por James Clifford e George Marcus (1986). Publicação considerada o marco da pós-modernidade na antropologia norte-americana, apresentado originalmente em um seminário na

A antropologia Pós-moderna busca a desmistificação da etnografia clássica como um tipo de conhecimento que reflete a realidade como espelho. Ela está embasada nos acontecimentos históricos da sociedade pós-industrial, ou pós-estrutural. Nesse movimento, os sujeitos parecem estar caminhando para uma grande transformação histórica, caracterizando um desgastamento rápido das relações sociais. “A fonte deste cataclisma inclui o racionalismo científico, as tecnologias, além de vários outros aspectos presentes em nossa cultura” (JORDÃO, 2004, p.6). As transformações levam à consequência um complexo processo histórico de mudanças sociais e culturais.

Nesses estudos fica evidente o caráter subjetivista do observador que atua em um processo polissêmico e constrói assim os limites e as possibilidades da relação sujeito-objeto na prática da pesquisa de campo e no texto etnográfico. A concepção Pós-moderna busca encontrar uma nova maneira de escrever sobre culturas, isto é, uma metodologia que incorpore no texto um pensamento e uma consciência sobre a tradição da antropologia.

Com essa visão, os teóricos da antropologia Pós-moderna acreditam que é possível conhecer e interpretar outras culturas, produzindo traduções de outros modos de vida para a nossa própria linguagem. Para eles, é mais do que uma interpretação sobre o outro, é uma negociação com diálogos, uma expressão das trocas entre uma multiplicidade de vozes, onde fique evidente o outro no texto etnográfico e seu relacionamento com o pesquisador, além da própria voz deste último.

No paradigma da Antropologia Pós-moderna ou Crítica a construção do conhecimento sobre a cultura do outro se dá na observação de uma outra cultura entendida como diferente e estranha a do observador, porém que será apreendida através de contatos entre sujeito-objeto. Podemos aproximar essa concepção com a perspectiva dos processos sistêmicos de Luhmann, por entender que o que se observa são construções próprias autoproduzidas por cada observador. Assim, essa nova forma de observação é associada à construção de crítica sobre os produtos midiáticos no objeto de estudo desta pesquisa.

A pergunta derivada dessas reflexões é: quando a crítica não é um processo autorreferencial? Essa questão está em tensão com uma perspectiva que, ao valorizar a circulação, coloca em observação diversos ângulos justapostos.

3.2.2. Perspectiva Semiodiscursiva

Nessa perspectiva, busca-se garantir a cientificidade do processo de produção de sentido atrelado a outras dimensões (socioantropológica e tecno-tencológica). Nessa visão, entendemos que também a linguagem e toda sua carga subjetiva, empregada nos processos interacionais do OI, são fatores de mediação que contribuem para os efeitos de sentidos dos debates.

Os discursos exteriorizados expõem as intersubjetividades (VERÓN, 2004); (FAUSTO NETO, 2010a) que são desenvolvidas nos espaços de compartilhamento de crítica sobre a mídia, entendendo que o ato midiático-discursivo já implica uma construção de uma imagem de si, portanto, autorreferencial, com objetivos e estratégias subjacentes, e no caso da crítica, em específico, o estabelecimento de convencimento, através da argumentação, nas esferas de produção, circulação e reconhecimento.

Os sentidos constroem-se por meio de novas linguagens e subjetividades, como apresenta Santaella (2007), trazendo o conceito de “linguagens líquidas” para adaptar ao movimento fluido, flutuante, ambíguo e em estado de permanente devir, transformação e autotransgressão que as novas sociedades vivenciam atualmente. Com esse pressuposto, baseado em autores como Deleuze, Guattari, Bauman, Novac, Maffesoli, entre outros, ela alerta e desloca o termo para a ideia de que é preciso dar mais atenção à questão da linguagem. A autora busca trazer este elemento da comunicação para o primeiro plano de cena, em uma tentativa de “resgatá-las do pano de fundo da negligência e quase-olvido a que têm sido relegadas” (SANTAELLA, 2007, p.24) pelos pesquisadores contemporâneos.

Um dos agravantes dessa constatação de Santaella (2007) é justamente a instabilidade gerada pela mobilidade dos suportes midiáticos, que proporcionam textos, imagens, sons, etc, que deslizam uns para os outros, sobrepõem-se, complementam-se, confraternizam-se, unem-se, separam-se e entrecruzam-se, tornando-se leves e perambulantes. Segundo a autora, as linguagens perderam a estabilidade que os suportes fixos lhe prestavam.

Todos testemunhamos o desaparecimento progressivo dos obstáculos materiais que até agora bloqueavam os fluxos dos signos e das trocas de informação. Cada vez menos a comunicação está confinada a lugares fixos, e os novos modos de telecomunicação têm produzido transmutações na estrutura da nossa concepção cotidiana do tempo, do espaço, dos modos de viver, aprender, agir, engajar-se, sentir, reviravoltas nas nossas afetividades, sensualidade, nas crenças que acalentamos e nas emoções que nos assomam. (SANTAELLA, 2007, p. 24)

Embora a autora destaque o aparecimento da tecnologia como uma ruptura das linguagens, pondera que esse tipo de processo não é determinista, pois visualiza as tecnologias digitais como mediadoras, isto é, princípios operativos que penetram no cotidiano, assimilando a produção humana em todas as áreas, caracterizando a condição pós-humana²³.

Assim, as subjetividades constroem-se socialmente distribuídas, dialogicamente, descentradas e múltiplas, inscritas na superfície do corpo, produzidas pela linguagem. Entre as subjetividades levantadas por Santaella (2007), há o psicológico abandonando o espaço privado e intransferível das psiquês individuais para aderir ao estar-no-mundo com outros seres humanos (KVALE, 1992 *apud* SANTAELLA, 2007, p. 86); o rompimento com o essencialismo naturalista ou naturalismo social, encontrado na teoria ator-rede²⁴ (DOMENÈCH *et al*, 2001 *apud* SANTAELLA, 2007, p. 87); a polifonia da subjetividade coletiva, engendrada por componentes semióticos irreduzíveis a uma tradução em termos significantes estruturais e sistêmicos (GUATTARI, 1992 *apud* SANTAELLA, 2007, p. 87); a topologia da dobra, onde o indivíduo segue labirintos, percorre diversas camadas, entretecendo coisas diferentes, estabelecendo em conjunto o *continuum*, através de transições e transversalidades entre os planos (DELEUZE, 1988 *apud* SANTAELLA, p. 88); a visão semiótica baseada em Bakhtin e Peirce é salientada pelo caráter dialógico e inaliavelmente social da linguagem, fora da qual não há sujeito, e é este mesmo um processo de semiose, de ação de signos.

Com essas visões de “eus” a autora busca apresentar a dispersão conceitual existente há mais de um século – nas áreas da filosofia, antropologia e psicanálise - sobre a subjetividade. Para ela, a identidade humana, por natureza, já é múltipla e isso não é um privilégio do ciberespaço. No entanto, esse aspecto se acentua instável e ineditamente pela multiplicidade que já é constitutiva da atuação humana no novo cenário das redes planetárias, as quais reconfiguram as linguagens. A autora chama atenção para o fato de que essa instabilidade encontrou justamente no ciberespaço o terreno propício de encenação e representação.

²³ Santaella (2007) conceitua o pós-humano como o hibridismo do humano com algo, maquínico-informático, que estende o humano para além de si.

²⁴ Essa teoria “recupera o papel tecnológico dos objetos, do natural, nas explicações sobre questões que se vêm formulando como alheias a essa classe de elementos: as relações de poder, as dinâmicas institucionais ou a constituição de subjetividades, que aparecem como uma nova luz, quando deixamos de considerá-las como processos que têm que ver, única e exclusivamente, com humanos” (SANTAELLA, 2007, p. 87).

Assim, o ser humano é continuamente confrontado com novas possibilidades pelas mudanças constantes de horizontes e pontos de referência. Ao mesmo tempo que enriquece o campo de organização do eu, essa condição traz consequências negativas para isso, tais como a sobrecarga simbólica, o duplo vínculo da dependência midiática e a absorção do eu em quase-interações mediadas (SANTAELLA, 2007, p. 94).

Nesses jogos subjetivos, as possibilidades de produções de sentidos são afetadas pela instabilidade e podem, ao mesmo tempo, fortalecer ou enfraquecer, aprofundando ou superficializando o processo comunicacional.

Entendemos que a subjetividade é o eixo principal dos sistemas autofortificados. Em outro estudo, Santaella (2004-2007)²⁵ trata da conexão autorreferencial em jogos eletrônicos sob o ângulo semiótico. Para ela, há uma grande recorrência da autorreferência e recursividade nas mídias digitais e isso pode ser analisado por meio da detecção de sintomas como:

[...] citações, intertextualidade e/ou intermedialidade, intratextualidade e/ou intramedialidade, relações metatextuais e meta-sígnicas significativas, repetições, recursividades, quebra da ficcionalidade ou rupturas ficcionais, menções à situação comunicativa, reflexões sobre a própria medialidade ou indicações e observações sobre a materialidade do signo, em vez de sua referência e significação (SANTAELLA, 2004-2007, on-line).

A autora apresenta a tipologia das formas de autorreferência midiática para diferenciar entre os diversos graus de autorreferencialidade. Nesse sentido, é preciso analisar o texto conforme a extensão dos elementos que representam o correlato de referência da indicação autorreferencial. De acordo com Santaella (2004-2007, on-line) a unidade de referência pode ser: a) remática - correspondente à unidade remática, hipotética, de um signo; b) dicente - correspondente a uma afirmação; c) argumentativa - comunicativa, textual, intertextual ou midiática.

O processo comunicativo autorreferencial é visto pela autora como um sistema que diz respeito de si próprio para assegurar a sua autonomia em relação ao ambiente do qual ele necessariamente se “desligou” para assegurar a sua identidade. Assim, a autorreferência é uma condição básica para a autopele do sistema. Baseada em Luhmann, Santaella (2004-2007) afirma que a autorreferência se opõe à referência alheia, já que consiste em um

²⁵ A comunicação auto-referencial nas mídias: o paroxismo da reflexividade nos jogos eletrônicos. Projeto de produtividade em pesquisa-CNPq. Vigência: 03/2004-02/2007

observar que se refere ao sistema observado, ao processo do observar a si próprio; enquanto que o exame da referência estranha/alheia refere-se aos fenômenos do ambiente do sistema.

Nesse paradoxo, o sentido se constrói em uma espécie de semiose engendrada por uma rede de significados em que os signos são reconhecidos e reconstruídos continuamente pelos sistemas autofortificados. Nesse espaço de atuação, emergem outras configurações que invertem, inventam e criam novas lógicas na construção, proporcionando cada vez mais imprevisibilidades e complexidades nas processualidades comunicacionais.

A partir do pensamento de Santaella e de acordo com o conceito de “texto” de Verón (2004)²⁶, apreendemos que o sentido é constituído a partir da convergência de textos, mas também e principalmente da forma como são transmitidos e recepcionados esses textos, ou seja, da maneira que esse texto chega e como ele é recebido ou interagido pelo leitor, através e dentro do circuito da circulação autofortificada.

Diante dessa realidade, os textos adquirem um potencial narrativo tão grande que criam redes de significados tecidos no ambiente virtual e em todas as suas extensões físicas, nos campos sociais. Em concordância com Henn (2011), os signos criados nessa “semiose explosiva” formam o processo de materialização pública, na condição de linguagem, manifestado em três formas básicas: notícia, reportagem e texto de ideias. O autor entende que os sentidos produzidos na web, em meio a novas dinâmicas e estratégias, formam uma semiose complexa de interpretantes formadores do acontecimento e códigos que regem as atividades. Ou seja, a partir da veiculação dessa primeira construção, passam a produzir novos interpretantes, associados à formação de opinião sobre o assunto, chegando a gerar ações concretas na sociedade.

Em meio ao fluxo intenso de informações e todas as condicionantes, pode haver o não reconhecimento do objeto-signo. Larentis (2005) expõe que o não reconhecimento não significa necessariamente a não comunicação. “Pode ser simplesmente uma reação de não importância” (LARENTIS, 2005, p.3). Segundo o autor, uma situação jornalística pode apresentar esta hipótese quando a “concordância social sobre significados” vai até o ponto de entendimento, mas não de reconhecimento. Esse fator probabilístico faz parte do processo de construção dos sentidos que são colocados em um amplo espectro de circulação e de percepção dinâmica de receptores-produtores.

²⁶ Verón (2004) define “texto” como um objeto heterogêneo, prestando-se a múltiplas leituras, ou seja, um fragmento que manifesta a atividade simbólica, colocado no cruzamento de uma pluralidade de causalidades diferentes e ordens de determinação diversas.

No entanto, de acordo com Larentis (2005), quando há o reconhecimento, acontece o “esquema de reconstrução”, em forma de troca explícita e implícita de capital social. Essa reconstrução de sentido desnorreia os esquemas já programados, criando uma base de valoração própria dos indivíduos agentes do processo comunicacional.

O processo midiático tem uma sociologia própria, num postulado histórico que implica a sua própria temporalização. A atual estrutura, que está organizada e em ação, auxilia a preparação e uma nova estruturação possível. Mas sua base é a reconstrução de sentido. Reconstrução que se valeu de uma significação anterior. (LARENTIS, 2005, p. 4)

Assim, entendemos que as interpretações de cada indivíduo participante do processo de construção de sentido estão ligadas à prática histórica e cultural de cada um deles, isto é, não estão desligadas do mundo, sendo, portanto, as suas construções próprias de mundo.

Almeida e Possari (2010) destacam que no ciberespaço, as linguagens assumem um papel fundamental pelo caráter híbrido. Desse modo, as novas tecnologias passam a introduzir mudanças que promovem e exigem novos modos de interação e interatividade no desejo de produção de sentidos na não presencialidade. As autoras esclarecem que nesse ambiente o texto não tem uma materialidade autônoma, como instrumento mediador, como expressão de pensamento, nem como meio para se chegar às coisas. “O texto é o instituinte da dialogia, desloca-se da função de apenas representar o real – transportar conhecimento -, é condição de interação” (ALMEIDA; POSSARI, 2010, p. 5).

As autoras trazem uma categorização bastante atual para as interações colocadas à prova no contexto das virtualizações das novas mídias. A primeira é a “imersão”, caracterizada pela condição de o sistema cativar os sentidos e bloquear estímulos do mundo físico, levando o sujeito para uma realidade virtual. A simbiose é gerenciada pela cibernética, é a comunhão das linguagens. A segunda categoria é a “presença”, que pode ser vista como a alusão da presença e garante a sensação do estar ali naquele momento e ter o alcance da vividez da informação sensorial, a habilidade para ver, ouvir, tocar e modificar o que propõe a prótese. Já a terceira categoria da interação virtualizada é a “telepresença”, que é exemplificada nos contatos ao vivo, em tempo real e simultâneo.

Seja qual for a natureza do ato comunicativo, há uma corporeidade em jogo, pois as produções de sentidos ocorrerão, a partir da capacidade de percepção do outro no jogo de significados. Se a virtualização promove uma ilusão da desmaterialização e da desrealização, toda condição de comunicação e interação se dá pela corporeidade de interlocutores presentes, ou não, simultaneamente no ato comunicativo (ALMEIDA E POSSARI, 2010, p. 6).

A partir disso dessa afirmação das autoras, entendemos que as condições de interação colocadas pelos textos, exclusivamente no ambiente digital, se dão através da suposta “presença” de outro. Nesse âmbito se estabelece o contato, por meio de recursos distintos como uma linguagem específica, híbrida, que é própria do universo digital. É nesse contato que acontecem as relações interlocutivas, onde os sentidos estão inscritos histórica e socialmente, e na forma enquanto limite, fronteira, interseccionada ou não com as interfaces.

3.2.3. Perspectiva Tecno-tecnológica

Nessa perspectiva, a tecnologia e a técnica não são vistas como instrumentos, mas como operadores de inteligências, independente do suporte físico adotado: o impresso, a televisão, a internet, o rádio. Nos dias atuais, todos esses suportes podem ser digitalizados e agregados ao meio on-line, disponibilizando um arquivo/memória imenso no ciberespaço. Essa visão permite entender a tecnologia como potencializadora de possibilidades de apropriação de sentido.

O que realmente produz a comunicação e suas derivações são os signos-textos que perpassam nessas operações de inteligência, via suportes físicos. É como apresenta Almeida e Possari (2010), é a materialidade do diálogo para o processo de interação e se constitui no armazenamento de textos que se veem obrigados a uma adequação de propósitos, de alteração dos modos como se operacionalizam e se decodificam. As autoras constatarem nesse setor a causa da modificação da relação produtor/leitor, imposta milenarmente pela centralidade discursiva tradicional da comunicação e do compartilhamento de conhecimentos.

Santaella (2011)²⁷ faz uma reflexão sobre a relação da evolução humana com a revolução tecnológica dizendo que a primeira tecnologia está instalada no corpo humano: o aparelho fonador. “Todas as tecnologias subsequentes só vieram expandir essa tecnologia primordial” (SANTAELLA, 2011). Assim, as tecnologias são expansores das capacidades cerebrais do ser humano. E toda a experiência vivida nos tempos atuais, seja histórica, econômica, política, cultural, perceptiva, de memória ou identidade, estão mediadas pelas tecnologias digitais, que servem como princípios operativos da produção humana. Assim, elas funcionam como softwares sociais, com aplicação direta para a comunicação mediada por

²⁷ Entrevista concedida ao IHU On-Line. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4218&secao=381

computador, e podem ser tomadas como um dos grandes índices que nos fornecem pistas para compreender a contemporaneidade.

A autora esclarece que o embrião da ideia da afetação da tecnologia na vida humana é encontrado em McLuhan, quando escreveu “Os meios como extensão do homem”, em 1964, e disse que as tecnologias afetam o nosso sistema nervoso central. Em Santaella (2007) a fotografia e o cinema são apontados como a primeira geração – eletromecânica - de meios que começaram a fornecer outras formas de ver, ouvir “(...) de lá para cá, as tecnologias de produção de linguagem foram se multiplicando e os circuitos de signos que por elas transitam, crescendo progressiva e espantosamente (SANTAELLA, 2007, p. 192)”.

De acordo com a autora, a segunda geração – eletroeletrônica - surgiu com o rádio e a televisão, suplantando o poder de reprodução, já conquistada pela fotografia e o cinema, com o poder de difusão. A terceira geração – *narrowcasting*²⁸ – é caracterizada pela segmentação de públicos, preparando o terreno da sensibilidade e cognição humanas para o surgimento dos computadores ligados à rede teleinformática – quarta geração. A quinta geração emerge com o surgimento dos aparelhos de comunicação móveis. Com essa classificação, verificamos cerca de um século de evolução tecnológica comunicacional. No entanto, Santaella (2007) chama a atenção para o fato de elas coexistirem, aliadas a saberes que delas se originam, práticas sociais e institucionais, políticas públicas, formas de organização burocráticas e fluxos de capital, formando uma rede de relações configurando adjacências históricas muito bem articuladas que produzem mudanças nos modos de perceber, conceber e habitar o tempo.

Nos dias atuais, acontece a simbiose do homem e da máquina, ou seja, do humano com os dispositivos inteligentes, justamente por essa evolução que potencializa e transforma as formas de perceber e interpretar os signos. Quando usa o termo biocibernético, a autora defende que o conceito é relacionado às mudanças profundas que afetam o funcionamento dos sentidos e das habilidades mentais que estão mais distribuídas e ampliadas, via relação tecnologias e cérebro humano. Segundo ela, é nessa direção que caminha o próximo passo das transformações corporais provocadas pelas tecnologias. Elas serão quase inteiramente invisíveis (...), pois elas atuarão no nível da nanotecnologia (SANTAELLA, 2011).

As tecnologias de inteligências geraram novas formas de mediações transcendentalizadas. Martín-Barbero (2004) reflete sobre o saber tecnológico, a razão técnica e a desterritorialização da sociedade que acabaram por reconfigurar as lutas ideológicas, que se constituem em lutas simbólicas. “Nos meios se faz, e não somente se fala sobre a política”

²⁸ Narrowcasting é também chamado de marketing de nicho, ou marketing de alvo. Baseia-se na ideia de que as audiências de massa não existem.

(MARTÍN-BARBERO, 2004, p.31, tradução nossa)²⁹. Esse novo comportamento poderá auxiliar na reintegração da sociedade com a política, por exemplo, pois essa é uma nova maneira de se fazer parte, sem territórios fixos, mas sim, ligados por identidades híbridas que retomam a comunidade emocional de Max Weber, gerando novas sensibilidades, gostos e afinidades.

Se a revolução tecnológica deixou de ser uma questão de meios para passar a ser decididamente uma questão de fins, é por que estamos diante da configuração de um ecossistema comunicativo conformado não só por novas máquinas ou meios, mas por novas linguagens, sensibilidades, saberes e escrituras (...) Tudo isso está incidindo tanto sobre o que entendemos por comunicar como sobre as figuras do convívio e do sentido de laço social (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 36, tradução nossa)³⁰.

A reconfiguração das mediações, discutida recentemente pelo autor, revela os movimentos evidenciados na sociedade midiaticizada, em que as relações sociais são engendradas por complexos sistemas de comunicação e, às vezes, os vínculos são instáveis, efêmeros e superficiais. Esse é um desafio que pode tanto integrar quanto fragilizar os processos comunicacionais interpostos por tecnologias e técnicas entre seres humanos.

3.3. A QUESTÃO DA CIRCULAÇÃO

No momento em que o interlocutor insere-se no ambiente interativo do OI, está atendendo a dinâmicas próprias do dispositivo e ao mesmo tempo leva consigo ressonâncias de um discurso próprio expandido que pode ser visível na circulação, através de um “trabalho social de investimento de sentido” (VERÓN, 2004). O que constitui o discurso é estabelecido por meio de princípios operativos midiáticos assimilados à própria prática social, através da circulação interdiscursiva, intramidiática e intermidiática. Ou seja, a processualidade se dá no

²⁹ “En los medios se hace, y no sólo se dice, la política” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.31)

³⁰ Si la revolución tecnológica ha dejado de ser una cuestión de medios, para pasar a ser decididamente una cuestión de fines, es porque estamos ante la configuración de un ecossistema comunicativo conformado no solo por nuevas máquinas o medios, sino por nuevas lenguajes, sensibilidades, saberes y escrituras. [...] Todo lo cual está incidendo tanto sobre lo que entendemos por comunicar como sobre las figuras del convivir y el sentido de lazo social. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 36).

atravessamento das práticas midiáticas e processos referenciais sistêmicos, constituindo esses sujeitos como críticos mediatizados.

Sendo assim, suas competências críticas são ativadas, por meio de observações (LUHMANN, 2005) e eles efetuam na circulação, um outro nível de observação e uma atualização dos seus repertórios particulares, como uma sequência de operações observadoras autônomas que dizem respeito aos processos autopoieticos, às autorreferencialidades e heterorreferencialidades, aos acoplamentos estruturais e aos fechamentos operacionais.

Nos estudos clássicos em comunicação, até as pesquisas de Recepção, nas últimas quatro décadas, a problemática da circulação era vista como uma “zona invisível e insondável”, de acordo com Fausto Neto (2010b), ao tratar da evolução do lugar da recepção no contexto da mediação. O autor ressalta que naqueles estudos, a ação tecnossimbólica do polo de produção se efetivaria na instância da recepção de modo causal, segundo intencionalidade sobre a qual inexistiria qualquer outra condicionante que complexificasse, contrariasse ou atribuísse o caráter de imprevisibilidade ao fluxo transmissional.

Dessa forma, os processos do fluxo de produção e recepção eram naturalizados como uma “passagem” automática, ou como um intervalo sobre os quais diferentes tradições de pesquisa desconheciam a existência da circulação de sentidos, produzindo sobre o intervalo apenas inferências, ignorando a amplitude de sua complexidade.

Se o âmbito de produção de mensagem obtinha o seu reconhecimento como um lugar formal e explícito – realizador de certa ação tecno-discursiva – o da recepção existia como um efeito do trabalho que se voltava às “massas amorfas” e “sem espírito”, concebidas como coletivos homogeneizados, nas formas de públicos e audiências. Sobre a circulação, dela se detinha apenas impressão imobilizadora, pois a definia como uma espécie de “zona insondável” (FAUSTO NETO, 2010b, p. 56).

O autor atenta para a problemática da circulação, em função do fenômeno da mediação, entendendo que o âmbito da circulação dá funcionalidade às relações que se estruturam em redes complexas de processos discursivos. Dessa forma há intentos e pistas que ajudam a compreender a própria “alma” das audiências. Nesse espaço, até então ignorado pelos processos analíticos, apresentam-se espécies de “restos” que sinalizam marcas dos descompassos entre os polos produtor e receptor. Provando, dessa forma que a “Multidão Solitária” existe e age, deixando rastros e marcas de um trabalho distinto de interação.

A passagem da “sociedade dos meios” para a “sociedade em midiaticização” é levantada por Fausto Neto (2010b)³¹ com a preocupação de mostrar a evolução dos estudos que formalizaram hipóteses cujo objetivo central é mostrar que o receptor faz tantas coisas outras, que não àquelas estimadas pelos produtores. Já, mais recentemente, no âmbito da midiaticização, a problemática da circulação dá uma nova feição ao receptor. No entanto, os estudos desse modelo comunicacional devem problematizar e dar conta da complexidade que se desenvolve nesse novo cenário sócio-técnico-discursivo em que as interações resultam diretamente de novas formas de organização de circulação dos discursos. “A problemática dos efeitos de sentido assume uma nova complexidade, requerendo dispositivos analíticos, especialmente procedimentos refinados que possam descrever **como a problemática da circulação deixa se mostrar em novos cenários** (FAUSTO NETO, 2010b, p. 59, grifo nosso).

Em concomitância a esse pensamento, Verón (2004) destaca a ruptura chomskyana³² com o funcionalismo e o fim da racionalidade instrumental, fundada na transparência e harmonia preestabelecidas entre objeto (frase) e função (o emprego da frase). Nessa nova abordagem, a linguagem é vista como condição biológica e não como instrumento da produção de sentido, sendo que seu fundamento deve ser buscado no cérebro. Assim, não há razão para aceitar as regras convencionais da linguagem, como defendem os teóricos dos “atos de linguagem”. É o pensamento que determina certas condições objetivas e as elabora, do mesmo modo que os órgãos do corpo se desenvolvem de maneira predeterminada em condições apropriadas.

Nessa posição, a “teoria do sentido” desloca-se do ponto de vista do locutor e de suas intenções para a indeterminação do polo receptor. Já que o objeto do linguísta, assim como o objeto de qualquer ciência, é um objeto construído. “É uma ilusão (alimentada por todas as abordagens ‘pragmáticas’ e baseada num mal-entendido epistemológico) pensar que a frase que o linguísta analisa é o mesmo objeto que as pessoas utilizam quando falam” (VERÓN, 2004, p. 82).

O autor aprofunda a indeterminação do sentido alertando que um discurso jamais produz um único “efeito” e que a unidade de análise mínima não pode ser outra se não aquela

³¹ Essa visão está relacionada à transformação da “sociedade dos meios”, que deixa de ser caracterizada por aquela marcada pela existência de dispositivos sócio-técnico-discursivos, apenas intermediadores, para “[...] uma sociedade onde a cultura, lógicas e operações midiáticas afetam, relacional e transversalmente, a própria sociedade, no âmbito mesmo de suas diferentes práticas” (FAUSTO NETO [org.], et al, 2008, p. 10).

³² Nessa visão da linguística, surgiu uma nova abordagem anunciando o fim das ideologias funcionalistas, a “linguística gerativo-transformacional”, inaugurada pela obra de Chomsky em contraposição aos “teóricos da intenção de comunicação”, partidários das “teorias dos atos de linguagem” (VERÓN, 2004, p.80).

da interdiscursividade, isto é, aquela da troca entre os interlocutores. Já que a discursividade social aparece “presa” entre os polos da produção e do reconhecimento dos discursos. Para o autor, é nessa escala de observação que reside uma propriedade fundamental da circulação do sentido, que se torna visível, porém é marcada por indeterminação. Isso significa dizer que entre a produção de um discurso e seus “efeitos” não há causalidade linear, e sim processos de discursividade social enquanto sistemas complexos.

Verón (2004) entende que o movimento da análise da circulação incide em reconstituir o processo de produção a partir do próprio produto. “Consiste em passar do texto (ínerte) à dinâmica de sua produção” (p. 51). Este autor afirma que a circulação é o elo intermediário de um sistema produtivo em que os discursos³³ são produtos cuja produção e cujos efeitos devem ser estudados.

Ora, se o aspecto produção dos discursos e o aspecto efeitos supõem leituras de um discurso ou de um conjunto de discursos, o mesmo não ocorre com o aspecto de circulação: este não implica um tipo de leitura. De fato, a circulação no que diz respeito à análise dos discursos, só pode materializar-se sob forma, justamente, da diferença entre produção e os efeitos dos discursos (VERÓN, 2004, p.53).

Verón (2004) acentua que na superfície discursiva da circulação existem marcas que podem ser interpretadas tanto como traços das operações de produção, quanto traços que definem o sistema de referências de leituras possíveis dos discursos. No entanto, não há traços da circulação nos discursos, por ela ter o caráter de evanescência, por definir-se como defasagem, em um dado momento de captação, entre as condições históricas de produção dos discursos e a leitura realizada na recepção. Sendo assim, a circulação “designa o modo como o trabalho social de investimento de sentido nas matérias significantes se transforma no tempo” (VERÓN, 2004, p. 54, grifo nosso). Dessa forma, as condições da circulação são constantemente variáveis, de acordo com o suporte material-tecnológico que a compartilha, e também segundo a dimensão espaço-temporal. Portanto, o sentido de uma enunciação é dado na resposta que provoca, resultante do intercâmbio discursivo entre determinadas condições de produção e reconhecimento.

³³ Verón (2004, p.61) utiliza o termo “discursos”, no plural, e salienta que a noção desta denominação não designa apenas a matéria linguística, mas qualquer conjunto significativo considerado como tal. Ou seja, o discurso é considerado como lugar de investimento de sentido, quaisquer que sejam as matérias significantes em questão, podendo ser a linguagem propriamente dita, o corpo, a imagem, etc. “O que é produzido, o que circula e o que produz efeitos dentro de uma sociedade são sempre discursos (...) tipos de discursos, cujas classes devem ser identificadas e cuja economia de funcionamento deve ser descrita” (VERÓN, 2004, p. 61).

RAIMONDO (2011) reflete sobre o aspecto da interdiscursividade apresentada por Verón, imbricada de estratégias discursivas, atrelando à falência do “modelo linguísta intencional” nas processualidades comunicacionais midiaticizadas. A autora reconhece que as dinâmicas nesse novo panorama provocam “mudanças” dentro do mesmo tipo de discurso, podendo ser ignorado o aspecto intencional.

Nesse sentido, segundo a autora, ao anular a “intenção” dos atores interagentes, nos processos analíticos, Verón recai também na desconsideração do estudo dos “efeitos” dos atos de fala, ao afirmar que a dimensão perlocutiva é não-convencional e que as “consequências” dos atos de fala são completamente “imprevisíveis”. Para a autora, a proposta veroniana da semiótica social é completamente diferente por considerar que em uma análise em produção, pode-se distinguir, ao menos, um campo de efeitos de sentido. Daí que se preocupa justamente em tentar elucidar o que denominou de diversas maneiras: o desajuste, a relação, a circulação e a interface que se dá entre as condições de produção e de reconhecimento dos discursos sociais.

A autora infere que são as estratégias discursivas que organizam o próprio texto além das intenções do ou dos atores que o formulam. “O ocaso do modelo intencional acarreta o desafio de abandonar definitivamente a consciência ingênua da atividade de linguagem, reconsiderando o lugar que ocupa o investigador do discurso e as condições de sua observação” (RAIMONDO, 2011, p. 8). A autora concorda com Verón sobre a complexidade do universo do sentido e conclui que a análise dos discursos midiaticizados requer um modelo teórico-metodológico que explique o processo de significação que se constrói não a partir de um indivíduo, mas sim, a partir de organismos coletivos muito mais complexos.

3.3.1. Autorreferencialidade e heterorreferencialidade

A ideia de autofortificação é incorporada a partir da abordagem de comportamentos inovadores nos processos midiáticos e sociais, onde ao nos perguntarmos, “quem é o observador do Observatório da Imprensa?” temos a resposta: um sujeito que, de alguma forma, está envolvido e interessado nos processos midiáticos e participa materialmente deles em todos os níveis. É aquele que quer entender como são aplicadas as operacionalidades no campo jornalístico, para além do que é revelado por este, e busca fazer um certo julgamento sobre essas ações.

O observador que interessa a este estudo sobre a interação em ambiente de crítica sobre a mídia é o observador exclusivo da interface entre observações de primeira e segunda

ordem. Ele faz parte de uma nova configuração comunicacional em que as mudanças não são só nos processos de convergência tecnológica/midiática, mas também na produção discursiva em todos os polos, de produção, circulação, reconhecimento e recepção.

Mas de que forma o observador “crítico” de observações das observações atua? Durante as explorações empíricas, verificamos que a autorreferencialidade e heterorreferencialidade colocada em circulação perpassa os processos da construção da crítica nos espaços disponibilizados pelo OI. Esses elementos da autofortificação do sistema aparecem desde a instauração do tema-notícia em avaliação até o debate propriamente dito daquela construção noticiosa ou da própria tematização, nos rodapés dos artigos - a observação crítica da interface entre primeira e segunda realidade.

Verificamos que nesse âmbito, há uma forte incidência de processos autonomizados, os quais Luhmann (2005) chama de autopoiese³⁴ e significa a capacidade do sistema de elaborar, a partir dele mesmo, sua estrutura e os elementos que o compõem e o fecham operacionalmente. Dessa forma, a problemática da crítica sobre a mídia, no contexto midiaticizado, ganha um novo *status*, principalmente pelo referente predominante da circulação intramidiática e intermidiática, que acaba acentuando as processualidades de autorreferencialidade e heterorreferencialidade.

A autopoiese do sistema do OI funciona a partir da autorreferência, pois, é um sistema de metajornalismo³⁵ e sua base de trabalho é descrever e analisar criticamente a atuação dos meios de comunicação, tendo como referência o próprio entorno midiático. Embora a essência da proposta do site OI seja o debate sobre as práticas jornalísticas, a distinção do sistema muitas vezes cria se apropria de elementos heterorreferentes, isto é, durante os acoplamentos estruturais que são realizados com outros subsistemas ou ambientes, ocorrem sublimações de temas não pertencentes ao sistema do OI. Esse processo ocorre de forma dinâmica e em grande escala nas observações observadas.

Destacamos alguns indícios os quais nos revelaram, no critério de seleção dos *corpora* deste estudo, a recorrência da tematização da política no site OI. Em diversas constatações empíricas, o debate desvia-se focado mais para o assunto do que para a construção noticiosa

³⁴ O termo autopoiese ou autopoiesis é originado do grego: auto (mesmo) e poién (produzir). Foi difundido primeiramente em 1970, na área da biologia e filosofia pelos chilenos Francisco Varela e Humberto Maturana (NEVES e NEVES, 2006). A negação de autopoiesis é allopoiesis, categoria empregada por Neves (1996) para caracterizar o sistema do direito no Brasil, devido as interferências externas que o sistema sofre (MATHIS, S/D, p. 4).

³⁵ Guilherme de Queirós Mattoso (2003, p.34) conceitua metajornalismo como “uma forma de jornalismo que não se baseia diretamente nas fontes de informação, mas nas notícias, nas opiniões e no trabalho realizado pela imprensa em geral [...] Consiste na análise crítica do trabalho realizado pelos média [que] permite aprofundar, corrigir, discutir, expor e criticar as notícias e as idéias que vão sendo produzidas”.

sobre esse assunto. O que cria a situação de reincidência do tema “política” no OI é a autoapoiese do próprio sistema, através de seus critérios de seletividade e também pode acontecer que o subsistema “política” imponha-se ao OI, devido a “importância”³⁶ enquanto realidade construída pela mídia sobre essa heterorreferência. “O sucesso dos meios de comunicação em toda a sociedade deve-se à imposição dos temas, independentemente se as posições tomadas são positivas ou negativas em relação às informações” (LUHMANN, 2005, p. 31). É nesse ponto que reside, segundo o autor, a “recursividade pública” do tratamento sobre esse tema, que é o pré-requisito do “já-ser-conhecido” e, no que acreditamos que há a necessidade de se discutir e refletir sobre o assunto em efervescência na mídia e na esfera pública.

Luhmann (2005) faz uma comparação que nos parece interessante: a circulação de temas na sociedade via meios de comunicação, e a circulação do dinheiro. Ambos são aceitos pelo fato de seu uso individual ser livre, “[...] o alcance da liberação dos controles no que se refere a dissidências ou preferências individuais varia de tema para tema e de preço para preço” (LUHMANN, 2005, p. 32). Com essa aproximação do autor, é quebrado o estereótipo da reciprocidade, da aceitação, do consenso e dissenso, assim como a conformidade e individualidade. Assim, em meio à complexidade estrutural, os meios podem apoiar-se em pressuposições heterorreferentes e introduzirem comunicações renovadas a partir da autorreferência.

A distinção entre heterorreferência/autorreferência está entre temas/funções da comunicação. Sendo assim, “[...] a comunicação precisa ser pensada como comunicação” (LUHMANN, 2005, p.32). A autorreferência precisa estar em constante atualização, através de seus códigos de reconhecimento. Cada subsistema tem o seu código. Mathis (s/d, p.15) exemplifica que a política tem o código binário poder / não-poder, ou governar / não-governar; a ciência, o código binário verdade / não-verdade; a economia, o código binário pagar / não-pagar, ou propriedade / não-propriedade; a arte, o código binário bonito / feio; e o direito, o código binário lícito / ilícito.

Já Luhmann (2005) afirma que o código binário dos meios de comunicação é a distinção entre informação e não-informação. A mais importante particularidade do código está na relação deste com o tempo. “Informações não podem ser repetidas; elas transformam-se em não-informação no momento em que se tornam acontecimento. Uma notícia, quando

³⁶ Importância nesse caso não seria escolhida de forma intuitiva e subjetiva pelo OI, mas sim pela materialidade da circulação do assunto, difundido pelos veículos de comunicação, ao construírem suas primeiras observações.

usada pela segunda vez, mantém certamente seu sentido, mas perde seu valor informativo” (p. 42).

Mathis (s/d) faz uma observação pertinente sobre a autopoiese do sistema, ao afirmar que o fechamento operacional é a base da autonomia e que nenhum sistema pode atuar fora das suas fronteiras. “É válido ressaltar que o conceito da *autopoiesis* em nenhum momento vem negar a importância do meio para o sistema, pois, lembrando, sem meio não há sistema. *Autopoiesis* refere-se à autonomia, o que não significa autarquia” (MATHIS, s/d, p.4). O acoplamento estrutural pode acontecer entre dois sistemas (ou sistemas e ambiente) que precisam um do outro, mas não são determinados pelo outro. Essas trocas podem somente estimular operações internas próprias do sistema, cujo resultado, na maneira como ele se mostra para o outro, não é previsível, mas contingente.

Ainda de acordo com o autor, as estruturas semânticas internas organizam as operações comunicativas internas de maneira recursiva ou autorreferencial, dando autonomia ao sistema que mantém relações com o seu ambiente guiado pela sua diferenciação autofortificada e por seu modo de operação. Assim, por um lado, um sistema autônomo é independente do seu meio, na formação da estrutura básica, de sua orientação interna e na forma de criar sua complexidade, mas por outro lado, dependente do seu ambiente no com relação a processamento de informações para formação do sistema.

Com isso, o observador terá a liberdade/autonomia de escolha do tema na formulação da sua verdade, sem depender de orientações prescritivas. Assim, o observador realiza o seu fechamento operacional, distinguindo autorreferência de heterorreferência, com suas próprias condições de produção, sendo que a maneira de observar o seu meio é determinada por sua autorreferência. Esse modo construtivista de operação do sistema dá suporte a um fechamento operacional autônomo, baseado na contingência de cada observador.

3.3.2. Fragmentos de uma construção social da crítica

A construção da crítica sobre a mídia no espaço do OI só pode ser demarcada se for vista integrada à autonomia dos processos interacionais em relação a outros processos sociais ocorridos nesse sistema. Diante da nova complexidade que impera no sistema comunicacional, os novos processos autonomizados passam por mudanças importantes. Fausto Neto (2010b) aborda as transformações do campo jornalístico em decorrência da midiaticização e defende que a lógica representacional e de fala intermediária das mídias instaura um novo regime de autonomia, um novo lugar, em outra órbita em termos

sociotécnicos simbólicos. Para o autor, mesmo com autonomia as mídias não têm conseguido fechar o circuito comunicativo com simetria entre produtores e receptores, pois há muitos desvios e defasagens, ocasionados por efeitos de interdiscursividades, colocados em circulação.

O autor destaca que autonomia do campo comunicacional está diante de um paradoxo:

[...] os fundamentos de sua cultura oferecem elementos para a nova organização social e seu funcionamento simbólico. Mas tal “disponibilidade”, ao mesmo tempo que tira do campo das mídias o status de sua vocação representacional, exige que ele se ajuste a uma nova contratualidade: explicitar a singularidade do seu nicho de produção de sentido, tendo que abandonar o lugar de opacidade enunciativa que até então configurava seu estatuto representacional (FAUSTO NETO, 2010b, p. 117).

O autor afirma que a postura exigida da mídia é uma posição enunciativa autorreferencial, em que deve expor a natureza do seu próprio lugar, mostrando as operações as quais nomeia realidades. Assim, a mídia que antes operava como um “dispositivo representacional”, agora passa a atuar também como autorepresentacional, tendo que mostrar ao público a realidade da construção das observações feitas por ela.

No caso da comunicação ocorrida no OI, a sua plataforma interativa apresenta um ambiente de “crítica”, ou seja, a observação da observação de segunda ordem instaurada, na maioria das vezes, por um especialista em comunicação e estendida operacionalmente e discursivamente pelos internautas. A lógica dessa processualidade toma proporções mais concentradas na circulação intramidiática e intermediática e eleva os recursos discursivos de autofortificação, às vezes, desviando os aspectos da heterorreferencialidade, que são os recursos para a observação de primeira ordem, de objetividade, nas suas próprias operações, na escolha dos fatos e do tema em discussão.

Pode-se assimilar a construção da crítica sobre a mídia, nesse contexto midiaticizado, pela amplitude de associações prováveis e possíveis que se apresentam no espaço de interação proporcionado pelo OI. A comunicação efetiva nesse dispositivo é construída como um processo autopoietico que vai se estruturando continuamente de forma relativamente autônoma, através de irritações do ambiente, mas que pode haver rupturas, descontinuidades, de acordo com os acionamentos/operações que são realizados pelos atores sociais.

Nessa lógica, nos contrapomos com Luhmann (2005), pois a autonomia não se esgota na distinção do sistema com o ambiente. Embora não se deixe determinar pelo ambiente, se deixa irritar por ele, é necessário também que se adapte a esse ambiente. Nesse sentido, a

comunicação é constituída também pela interação dos indivíduos. Ela é a escolha das diferenças, o optar entre o sim ou o não, entre o continuar ou não a conversa.

Nesse entremeio é que se encontra a problemática da autorreferencialidade e heterorreferencialidade associada à circulação, pois, esta é uma operação imbricada pela complexidade que impera no sistema comunicacional e faz com que a técnica assuma uma importância inédita, pois a partir desta se autoproduz discursos de si como estratégia de comunicação.

Na crítica realizada no OI, há um processo correspondente, em que novas processualidades comunicacionais e comportamentais denunciam o surgimento de um novo espaço constitutivo das ações comunicativas e sociais, ultrapassando o âmbito específico do midiático, em forma de redes recursivas com fechamentos operacionais (autonomia autopoietica) e fechamentos cognitivos (autonomia cognitiva). Entendemos que, a partir dessas processualidades difusas no espaço midiático, colocadas em circulação, são formadas as redes discursivas automatizadas de formação de opinião, de crítica, de argumentação, marcadas pela autofortificação dos observadores, através das heterorreferências e autorreferências.

4. CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

A nossa proposta de realizar um estudo empírico quanti-qualitativo está diretamente ligada ao problema de pesquisa “Quais transformações semiointeracionais podem ser observadas e relacionadas às inovações tecno-tecnológicas? Qual é a relação entre as discontinuidades semiointeracionais, quando observadas, e a configuração do espaço crítico sobre a mídia, gerido pelo OI?”.

É importante destacar que essas perguntas-problema não estão ancoradas em uma perspectiva de causalidade, em que as transformações seriam derivadas das novas tecnologias. Pensamos as mudanças na forma de construir a crítica – e a comunicação - midiaticizada, como um processo multideterminado, agrupado em três níveis: processos sociais, comunicacionais e dispositivos (FERREIRA, 2012). Esses elementos relacionados e interseccionados são os formadores do objeto-problema desta pesquisa.

Dessa forma, abordamos três dimensões centrais em análise: a) O funcionamento do dispositivo conforme processos de interação em análise (dimensão micro, tendo como objeto o processo semiointeracional) b) As estratégias de comunicação do site OI, como contextualização comunicacional (macro, sendo objeto o tecno-tecnológico); c) A articulação dos eixos “a” e “b” forma a coleção de pesquisa.

Nesse sentido, desenvolvemos um empenho metodológico que valoriza aspectos que contemplem as estimativas – quantitativas - de acionamentos materiais e imateriais por parte dos internautas e o aprofundamento de questões – qualitativas - sobre o nível da participação discursiva deles, o que resulta em modalidades de interações, realizadas nesse espaço, estas que são permeadas tanto pela defasagem quanto pelo atendimento às estratégias propostas pelo OI e que buscamos elucidar através do conjunto categorial, o qual iremos tratar mais adiante, neste capítulo.

Halavais (2011) ressalta que as interações sociais em ambientes on-line acrescentam outra camada de virtualidade ao objeto de observação, tornando esses processos mais efêmeros. Entretanto, essas interações raramente são exclusivas do mundo on-line e muito pouco se divide o virtual do real, pois quando se trata de comportamentos sociais, aumenta o desafio sobre as observações e interpretações de mundos. Já que o pesquisador não tem a liberdade de criar os fatos sociais, somente de descobri-los. “O empiricismo representa um *modus operandi* que permite construção colaborativa em prol de compreensão compartilhada” (HALAVAI, 2011, p. 13).

Essa compreensão vai além tanto do indivíduo que observa quanto do que é observado e, ao mesmo tempo, permite mudar de perspectiva, ajuda a fazer com que os outros enxerguem as coisas como o pesquisador vê. O cerne desse posicionamento é que a internet possibilitou uma nova constituição de práticas sociais e comunicacionais e isso demanda novas formas de observação, novas maneiras de enxergar.

Com isso, o propósito de um pesquisador, em concordância com Halavais (2011), deve ser produzir um consenso razoável, ou uma concepção de mundo sem generalizações, sobre as construções sociais, a partir da internet. Partimos do pressuposto de que o empiricismo requer os mesmos tipos de observação, por outros observadores, com representações semelhantes. Entendemos que reproduzir observações e reflexões de sociedade é uma tarefa da ordem do inapreensível, ainda mais no contexto on-line. No entanto, nosso esforço analítico foi mapear matrizes comunicacionais onde são possibilitados os diversos níveis interacionais, através da circulação de sentidos expostos explicitamente pelos dados coletados.

4.1. MÉTODO DE COLETA, SELEÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Na etapa de coleta e análise de dados é essencial considerar uma gama de aspectos que vão desde as estratégias de utilização dos ambientes digitais até aspectos de cunho ético sobre a transparência da pesquisa. Com essa preocupação pretendemos fazer uma escolha criteriosa, explicitando todos os processos de seleção do *corpora* de análise, os quais formam a coleção de pesquisa. “O planejamento – pautado pelas questões éticas – é um dos elementos que devem permear todo o processo de investigação a fim de contribuir para a construção da qualidade na pesquisa em internet” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 50).

O nosso critério de seleção de materiais desta pesquisa foi construir amostras³⁷ representativas do universo de pesquisa, que reflitam a variedade interna e externa do objeto de estudo, assim como o discernimento dos fatores de heterogeneidade, para que se estendam à interpretação do conjunto dos materiais empíricos. Com isso, trabalhamos de um lado, aspectos quantitativos, sobre os detalhes e peculiaridades quanto ao acesso às informações,

³⁷ Para Fragoso, Recuero e Amaral (2011), “amostra” é equivalente a *corpus*. Neste trabalho, o *corpus* é parte integrante do universo da pesquisa, este é chamado aqui de “coleção da pesquisa”.

para que os números possam expressar dados probabilísticos para otimização da validade. De outro lado, foram abordados aspectos qualitativos sobre as variações, padrões e tendências, levando em conta entrecruzamentos de inferências aprofundadas e holísticas do fenômeno comunicacional.

Embora comumente os métodos qualitativos sejam vistos como incompatíveis e mutuamente excludentes, é possível entendê-los como abordagens complementares, a serem mobilizadas conforme os objetivos de cada pesquisa, de forma integrada ou em etapas sucessivas (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 67).

Dessa forma, a abordagem quanti-qualitativa contribui para a seleção de elementos significativos para o problema de pesquisa, sendo ao mesmo tempo probabilística e intencional, desautorizando generalizações.

Nesse sentido, a abordagem praxiológica deste estudo tem a finalidade de considerar a complexidade da comunicação, vista como um processo que se realiza através de práticas discursivas produzidas e compartilhadas por sujeitos que, inscritos em determinados contextos, atuam e intervêm em todo o processo comunicativo, produzindo e compartilhando sentidos, que são construídos e reconstruídos continuamente na circularidade do processo comunicacional.

4.1.1. Formação do objeto de estudo

Acredita-se que a escolha do método de análise e da metodologia de pesquisa pode caracterizar e distinguir o campo acadêmico da comunicação das demais áreas. A partir disso, esta pesquisa dialoga com a perspectiva do Movimento Ascendente, Descendente e Circular da Construção do Objeto Empírico de Pesquisa (FERREIRA, 2010b). A partir dessa visão foi possível arquitetar parâmetros para uma investigação com regras e postulados pertinentes aos objetivos de pesquisa.

Sistemas simbólicos constituídos						
Disciplinas, campos, espaços dos egos – super, ideal e o próprio						
		Interpretações (11)				
			Iconização (9)			
				Agrupamentos (7)		
					Coleções (6)	
Objeto construído						Objeto empírico
Teorias (14)	Conceitos (13)	Contextos (12)	Hipóteses (10)	Categorias (8)	Índices (5)	Materiais (4)
(3) Movimentos ascendentes - indutivos ←←←						
(2) Movimentos descendentes - dedutivos →→→						
(1) Movimentos circulares – abduções ↔						

QUADRO 1: Adaptação do Esquema sobre o método de pesquisa empírica (FERREIRA, 2010b)

O ícone-hipótese acima permite a construção de um esquema individual para cada pesquisa, configurando as subjetividades perceptivas de cada pesquisador no eixo questão/problema/hipótese. Para Ferreira (2010b), o esquema serve como um guia inicial para a apreensão do objeto empírico.

O autor esquematiza que para a construção do objeto de estudo é preciso que se realizem operações circulares (1) entre movimentos descendentes (deduções) (2) e ascendentes (induições) (3). O movimento exploratório valoriza o contato com os materiais empíricos (4), para que se selecionem indícios (5) para construção de coleções³⁸ considerando um *corpus* determinado (site OI, conforme o invariante referencial escolhido) (6). Este procedimento deve ocorrer sempre por meio de inferências, para gerar novas perguntas e proposições de pesquisa. Os agrupamentos (7) são formados pela classificação e extração de categorias (8) dos materiais analisados.

A iconização (9) é um posto avançado de reflexão e construção de hipóteses (10) sobre a pesquisa e é nesta etapa que o objeto de estudo toma forma e que são formuladas proposições e perguntas, as quais permitem acionar processos dedutivos, indutivos e abdutivos.

A partir das questões e proposições formuladas, realiza-se o esforço de interpretações (11) que remetem a contextualizações (12) construídas em configurações específicas,

³⁸ A coleção é formada pelos materiais selecionados do *corpus*, problematizados a partir de reflexões em relação aos índices dos materiais empíricos e perguntas iniciais. “São as uvas selecionadas, conforme objeto problema” (Apontamentos em aula, 2011).

relacionadas aos conceitos (13) e teorias (14) que poderão aprimorar ainda mais as hipóteses do objeto de estudo construído. No caso desta pesquisa, trata-se de contextualizar em níveis macro e microestrutural, buscando inter-relações entre os dois, como base para pensar teorias e conceitos pertinentes.

De acordo com Ferreira (2010b) esse método possibilita que o corpo da pesquisa transforme seu caráter inicial descritivo, colocando em jogo a interação:

Ele (o corpo da pesquisa) só ingressa numa cadeia de significados se inserido em processos de interação/transformação. Transformação do pesquisador (a tomada de consciência, de Piaget, que leva a transformação de suas práticas com o objeto). Transformação do objeto (que perde seu formato ortopédico, é desconstruído, reconstruído, fragmentado, diferenciado e integrado). Transformação com os pares que também convivem em interação com os objetos investigados. Objetos que, muitas vezes, são indivíduos/sujeitos. (FERREIRA, 2010b, p.5)

A vantagem desse método é a economia cognitiva no processo de construção de novas hipóteses (aqui trabalhadas como proposições), e delimitação da coleção. Ao acionar a pesquisa, é realizado um trabalho de desconstrução e reconstrução das perguntas e proposições iniciais, através de análises e inferências articuladas, principalmente, aos indícios que o material empírico apresenta. Ferreira (2010b) alerta que os indícios devem ser evidenciados, pois, são eles que definem o objeto de forma mais concreta e menos abstrata. Portanto, é na fase de criação de coleções que os indícios devem ser destrinchados de acordo com as perguntas iniciais, fazendo surgir outros questionamentos, reconstruindo hipóteses e proposições.

O método para a circunscrição dos materiais observados a partir do site OI, foi, inicialmente, de forma descendente-dedutivo, das teorias e conceitos ao objeto empírico. Assim foi dado o primeiro passo para o movimento inverso, ascendente-indutivo. Com esse ângulo de visão, realizamos um mapeamento das ações internas e, na medida do possível, externas ao objeto para que fossem extraídos concretudes sobre o funcionamento do dispositivo. O critério de seleção dos primeiros materiais esteve relacionado às percepções e sensorialidades, de acordo com objetivos e perguntas iniciais, ou seja, conforme o que se queria descobrir com a pesquisa, naquele momento. Esse foi o ponto de partida para *insights* que geraram novas categorias auxiliares e, conseqüentemente, novas perguntas e proposições, as quais contribuiriam para, de forma ascendente, construir o objeto de estudo desta pesquisa.

A adoção de um método que valoriza indícios entre os elementos que estão em jogo nas interações, deu suporte para a análise de uma perspectiva mais aproximada do comunicacional, apresentada pelo objeto empírico construído. Braga (2008) sugere o procedimento de “desentranhamento comunicacional”, como o procedimento de investigar perguntas que têm sido elaboradas sobre determinado fenômeno comunicacional; e tentar ir além dessas perguntas, procurando desenvolver questões não elaboradas nas demais disciplinas.

De acordo com este autor, o desentranhamento não afasta questões de outras disciplinas, como sociológicas, linguísticas, psicológicas, etc. Trata-se de “perceber os fenômenos (mesmo fazendo referência a elementos destas outras ordens) pelos ângulos em que podem fornecer aportes significativos para questões propriamente comunicacionais” (BRAGA, 2008, p. 5). A adoção dessa postura auxiliou no desenvolvimento de interpretações pertinentes ao estudo, focando sempre no aspecto das práticas e processos realizados pelo OI e seus atores sociais para efetivamente comunicar.

4.1.2. Agrupamentos e Categorização

Na fase de agrupamento, a nossa precaução foi reforçada no intuito das categorias continuarem a auxiliar na elaboração de proposições mais aprimoradas sobre as práticas e processos comunicativos, no que diz respeito às construções argumentativas e críticas entre os participantes do site, em uma perspectiva semiointeracional. Em conformidade com Ferreira (2010b), as hipóteses (proposições em relações) são construídas nos materiais escolhidos, nas variações metodológicas que permitem ver outros ângulos, na eleição de novos indícios, na sua inserção em cadeias argumentativas.

O autor sugere que as categorias devam ser analítico-operacionais, emergentes de formatos de distribuição da coleção em construção. Para ele, a distribuição pode ser quantitativa ou qualitativa, ou quali-quantitativa. “Agrupar/categorizar/classificar requisita também um processo abduutivo. Quais os elementos indiciais que deslocariam um indivíduo dessa para outra categoria?” (FERREIRA, 2010b, p.5). A utilização desse método potencializou a capacidade de dinamizar a formulação de novas proposições, pois o caráter indicial deu margem para constatações sobre o funcionamento do comunicacional do objeto empírico, possibilitando a seleção de elementos relevantes em todas as etapas do processo.

Ainda Ferreira (2010b) defende que a elaboração de hipóteses/proposições em relações perpassa cada fase da pesquisa, desde a escolha de materiais até as categorias analíticas e interpretações. Esse modo de olhar o método proporciona flexibilidade na formulação de hipóteses abduativas. Em complementaridade, Braga (2010a) afirma que uma hipótese construída de forma mais reflexiva é chamada de heurística e pode acionar descobertas específicas ao campo comunicacional, gerar interpretações concorrentes e explicações pertinentes, sem a preocupação de confirmar hipóteses surgidas, mas sim aperfeiçoá-las. A tomada desse posicionamento metodológico norteou o eixo deste estudo como um estímulo descritivo-inferencial-abduativo, a partir da exploração do material empírico, que gerou novas perguntas e proposições.

Acreditamos que o bom andamento metodológico desta pesquisa se deu a partir da concepção de que, nesse parâmetro de análise, é preciso distanciar-se das teorias embasadoras do estudo, ou seja, “suspendê-las” (FAUSTO, 2010)³⁹ para que os materiais empíricos manifestem suas perspectivas relevantes. No entanto, o autor alerta que o pesquisador não entra no campo empírico livre de qualquer pré-noção teórica, já que a suspensão não abandona a “suspeição”, ou seja, suspender não significa eliminar conhecimentos prévios, pois, sempre permanecerão na mente do pesquisador as referências de ideias visitadas ou afiliadas. “Não há um despojar dos conceitos, pois eles, de forma sutil, são carregados durante todo o processo de construção de pesquisa”⁴⁰.

Com esse movimento de deixar os materiais empíricos falarem por si, foi possível detectar marcas do fluxo comunicacional do objeto empírico, adaptando e sistematizando métodos e técnicas de observação, descrição, reflexão e inferência. Esse procedimento contribuiu para a circunscrição do objeto empírico e contemplou o esforço descritivo inferencial para construir uma coleção relevante e pertinente, que desse conta das perguntas sobre os fenômenos comunicacionais em estudo, tanto as iniciais quanto as que fossem surgindo durante a pesquisa.

A partir disso, o estudo foi tomando forma de uma investigação sobre internet que utiliza como instrumento a própria internet. Ou seja, tem na internet o seu objeto e método, ao mesmo tempo. Sendo assim, constituímos uma investigação sobre as convergências e dispersões na/da internet e as relações com a vida cotidiana e digital, entendendo o processo como uma prática complexa e naturalizada na sociedade.

³⁹ Apontamentos em aula, 2010.

⁴⁰ Apontamentos em aula, 2011.

O desafio que se instalou foi de um quadro de observação amplo, em constante estado de fluxo, mudanças e efemeridades, justamente pela facilidade de acesso aos gigantescos bancos de dados e à capacidade interativa dos internautas, oportunizadas pela e na internet. No entanto, a complexidade reside no jogo de relações discursivas que aparecem em vários níveis interacionais, investigados a partir do conjunto categorial (Fig.1).

Durante o trabalho exploratório dos materiais, realizamos exercícios analíticos diversificados, na tentativa de delimitar o observável empírico para iconizar o estudo. Percebemos que eram inúmeros os materiais que poderiam fazer parte da análise. No entanto, o critério de seleção desses materiais e agrupamentos foi realizado de acordo com as questões de pesquisa e novas abduções/proposições surgidas durante o enfrentamento com o objeto.

De acordo com Braga (2008), a pesquisa em comunicação deve ser vista como “disciplina indiciária”, ou seja, devemos partir de realidades concretas, pela lógica dos processos indiciários. O autor alerta que a base desse processo não é só colher e descrever indícios, mas principalmente selecionar e organizar as inferências, pois, se ficarmos nesse patamar, construiremos uma pesquisa empiricista, que acumula informações e dados do objeto singular. A construção da pesquisa se faz na relação entre aportes mais gerais e os dados indiciários. Só assim podemos chegar a um nível superior ao descritivo indicial, percebendo realidades mais complexas sobre o fenômeno singular do caso estudado.

Para o autor, é preciso operar seleções, como uma solução para reduzir o objeto a elementos mais significativos. Devido ao fato de não haver regras para os estudos de caso, deve-se derivar critérios tentativos específicos, de acordo com os objetivos de pesquisa. Ou seja, devemos separar os indícios essenciais dos indícios acidentais.

4.1.3. Iconização

Para construir a iconização desta pesquisa, utilizamos o método da diferenciação de indícios, sugerido por Braga (2008), embasado em três determinantes: a) o problema de pesquisa e o norte que queríamos dar ao estudo (representado pelas perguntas de pesquisa e as proposições articuladas em percepções sobre o fenômeno em estudo); b) as estruturas e processos próprios do objeto de estudo, suas lógicas internas e de relação com o contexto situacional construído (formação de uma contextualização comunicacional - macroestrutural); c) conhecimento prático e teórico disponível sobre esse objeto e o espaço onde ele atua (articulação com pressupostos teóricos). Esses determinantes atuam em processos tentativos de aplicações e replicações para selecionar indícios; decidir a relevância para o objeto e para o

problema de pesquisa; e articular o conjunto de indícios para chegar às inferências sobre o fenômeno comunicacional.

Diante disso, interessa a este estudo a complexidade operacional dos processos que constituem o funcionamento do objeto a partir das suas bordas delimitatórias, isto é, do site OI e suas extensões, chamados aqui de interdispositivos, assim como suas redes de interação, formadas pelos circuitos comunicacionais.

Com essas visões construímos uma coleção de pesquisa que possibilitou, através das marcas físicas do processo de circulação, verificar as propriedades das operações desenvolvidas, mapear, postular e reconstituir as dinâmicas desenvolvidas.

4.2. A FORMAÇÃO DOS *CORPORA* DE PESQUISA

A sistemática de seleção de materiais analisados atende um critério trabalhado por Verón (2004) sobre o “invariante referencial”, que é uma coleta definida por afinidade temática. São “condições de produção dos textos (...) trata-se de textos que devem falar a mesma coisa” (p.91). O autor reconhece que este critério parece instintivo e vago demais.

Embora sendo indiscutivelmente intuitivo, não parece trazer problemas insolúveis para a prática da pesquisa. Na verdade, os acontecimentos sociais inserem-se de maneira regular nos meios de comunicação de massa e em períodos temporais fixos. Basta, então escolher um acontecimento ‘importante’ (mais uma vez, tal importância também é definida intuitivamente e baseada em hipóteses relativas à sua pertinência ideológica) para encontrar referências a tal acontecimento em todos os meios de comunicação, correspondentes a um determinado período” (VERÓN, 2004, p.91).

O autor defende que em se tratando de produção social de sentido, um texto não pode ser analisado em “sim mesmo”, mas apenas em relação a invariantes do sistema produtivo de sentido. No entanto, o autor alerta que o invariante referencial é somente uma das condições de produção. Dessa forma, como o eixo da temática sendo o mesmo, as diferenças textuais serão atribuídas a diferenças no processo de semantização, que caracteriza precisamente o formato e a lógica operacional de cada meio de comunicação. São as diferenças que expressam as variações dos processos de produção dos textos confrontados. “(...) trata-se de comparar sistematicamente textos que foram produzidos por ocasião de um ‘mesmo’ acontecimento ‘real’, mas que obedecem as condições que definem processos de produção

diferentes” (VERÓN, 2004, p.89). Para o autor, “o acontecimento real”, ou seja, o tema de que falam os discursos, desempenha o papel de uma constante desconhecida, da qual deve ser estudada apenas a manifestação por meio da semantização discursiva.

Com base nessa visão sobre a invariância temática, construímos uma coleção de pesquisa com dois *corpora*, a partir de uma temática determinada: a política, por esta mostrar-se perceptivelmente importante, de acordo com a constatação de maior recorrência e efervescência do debate dentro do site: a relação entre mídia e política⁴¹. Essa evidência se deu pelo fato de que, no primeiro período de seleção de materiais, tínhamos a novidade de o Brasil ter elegido a primeira presidente mulher, pelo ato da posse e seus primeiros desdobramentos favorecerem ao acontecimento ser abordado pela imprensa não só brasileira, mas também mundial.

4.2.1. A lógica dos *corpora*

Para iniciar a formação do primeiro *corpus* de pesquisa, foram levantados e observados todos os artigos de janeiro a junho de 2011 que tratavam do tema: o governo de Dilma Rousseff⁴², somando 44 artigos neste período⁴³. Desse total, foram analisados os dois artigos que apresentaram maior número de comentários explícitos nos rodapés dos artigos. Sendo eles: o artigo publicado no dia 4 de janeiro de 2011, sobre o discurso de posse da Presidente Dilma Rousseff e os comentários gerados no rodapé desse artigo; e o artigo publicado no dia 7 de junho de 2011, logo após a renovação do site OI e ampliação de recursos de distribuição de conteúdos, sobre a queda do Ministro-chefe da Casa Civil, Antonio Palocci, assim como os comentários dos internautas e as manifestações quantitativas nas redes sociais.

Esses materiais inseridos em contextos comunicacionais distintos foram comparados para tensionar as primeiras questões de pesquisa⁴⁴. A descrição e análise deles geraram, em

⁴¹ Constatação a partir de monitoramento do site OI de janeiro a junho de 2011.

⁴² Além do monitoramento e acompanhamento semanal das novas postagens de artigos, foi realizada uma triagem através do *Sistema de Busca* de artigos do próprio site OI.

⁴³ Janeiro/2011: 14 artigos; Fevereiro/2011: 9 artigos; Março/2011: 5 artigos; Abril/2011: 3 artigos; Maio/2011: 5 artigos; Junho/2011: 8 artigos.

⁴⁴ “Como os interlocutores se relacionam discursivamente nesse processo de interação social, ou seja, como se constrói a crítica nesse ambiente? Há diversidade crítica? Em que medida a autorreferencialidade interfere/disciplina/controla as condutas do público? Que trabalho social é exercido e quais as competências de interação do *site* OI?”. Estas questões foram formuladas ainda no projeto de dissertação, em 2010. Elas estavam embasadas nos conceitos e teorias referenciais de pesquisa (de forma dedutiva). Após descrição e inferências, foram formuladas questões mais específicas e aprimoradas.

um primeiro momento, categorias auxiliares que depois foram integradas às categorias concretas de análise, conforme reflexões desenvolvidas no item 4.3 desta dissertação.

Esse exercício “ascendente descritivo-indicial” (FERREIRA, 2010) com os materiais empíricos geraram novas inferências e proposições, que articuladas e relacionadas aos objetivos iniciais de pesquisa, proporcionaram novas perguntas que delimitaram a coleção de pesquisa.

Com o *corpus* inicial, conseguimos refletir sobre os processos interacionais vinculados a:

CORPUS 1	
<p>ARTIGO 1 <u>SEÇÃO: JORNAL DE DEBATES</u> DILMA PRESIDENTE: OS PRIMEIROS SILÊNCIOS AUTOR: DEONISIO DA SILVA DATA PUBLICAÇÃO: 04/01/2011 COMENTÁRIOS: 110 NÃO HAVIA INTEGRAÇÃO ÀS REDES SOCIAIS</p>	<p>ARTIGO 2 <u>SEÇÃO: JORNAL DE DEBATES</u> PALOCCHI E OS 3 PORQUINHOS: MÍDIA COMEÇOU SERENA, VAI ACABAR ENFURECIDA AUTOR: ALBERTO DINES DATA: 07/06/2011 COMENTÁRIOS: 16 COMPARTILHAMENTOS VIA <i>TWITTER</i>: 64 VIA <i>FACEBOOK</i>: 51</p>
<ul style="list-style-type: none"> • COMENTÁRIOS DE INTERNAUTAS 	<ul style="list-style-type: none"> • COMENTÁRIOS DE INTERNAUTAS • DISTRIBUIÇÕES NO <i>FACEBOOK</i> E <i>TWITTER</i>

QUADRO 2: Materiais do *corpus* 1

O *corpus* 1 atendeu ao objetivo de verificar como os interlocutores interagem em contextos tecnológicos distintos. A contextualização comunicacional desse espaço de crítica de mídia foi formada por dois momentos: um antes e outro depois da renovação do site, ou seja, são contextualizações *ad hoc*.

Para complementar e atender a demanda de novas questões⁴⁵ relacionadas à necessidade de leitura dos materiais dos interdispositivos do OI, formamos um segundo *corpus*. A escolha desse segundo conjunto de materiais atendeu a necessidade de pertinência com o problema de pesquisa delineado pela investigação das relações entre transformações tecnológicas e processos semiinteracionais, articuladas com a crítica de mídia.

⁴⁵ As perguntas geradas das relações de proposições da análise do *corpus* 1 resultaram na pergunta-problema de nossa pesquisa, apresentada no início deste capítulo.

Adotamos essa postura devido à necessidade de uma sistematização de coleta diferente daquela primeira, pois, nesse segundo momento, tínhamos novos olhares sobre a nossa pesquisa, com nova problematização relacionada aos acionamentos dos internautas do OI, no que diz respeito às participações e distribuições de conteúdos críticos efetuadas por eles. Sendo assim, os novos materiais deveriam nos possibilitar investigar os modos de compartilhamento dos internautas nas redes sociais on-line *Twitter* e *Facebook*, estas que agora estavam mais visíveis e oficialmente integradas ao site, impulsionando vários níveis de interação, aos quais pretendíamos analisar.

CORPUS 2	
<p>ARTIGO 3 SEÇÃO: FEITOS E DESFEITAS COLLOR & GLOBO: A HISTÓRIA REVISADA (ORIGINALMENTE FOI VEICULADO NO PROGRAMA RADIOFÔNICO DO OI DE 29/11/2011) AUTOR: LUCIANO MARTINS COSTA DATA: 29/11/2011 COMENTÁRIOS: 9 COMPARTILHAMENTOS: VIA TWITTER: 67 VIA FACEBOOK: 45</p>	<p>CASO O LANÇAMENTO DO LIVRO “A PRIVATARIA TUCANA”, DE AMAURY RIBEIRO JR.</p> <p>FRAGMENTOS DE PARTICIPAÇÕES DOS INTERNAUTAS DO OI NAS REDES SOCIAIS ONLINE</p>
<ul style="list-style-type: none"> • COMENTÁRIOS DE INTERNAUTAS • DISTRIBUIÇÕES NO FACEBOOK E TWITTER • TEXTOS DAS DISTRIBUIÇÕES NO FACEBOOK E TWITTER 	<ul style="list-style-type: none"> • DISTRIBUIÇÕES NO FACEBOOK E TWITTER • PROCESSOS POSTERIORES

QUADRO 3 : Materiais do *corpus 2*

O propósito do *corpus 2* foi esquadrihar os processos semiointeracionais que tensionam a formação da crítica no espaço circunscrito de sofisticados recursos tecnológicos. Assim, foi possível atender ao objetivo específico de investigar relações e acionamentos de interdispositivos e as práticas em funcionamento nos mesmos, através de observações, indícios, descrições e interpretações sobre o comportamento de internautas participantes dos processos interativos do OI, no site e nas redes sociais oficiais *You Tube*, *Facebook* e *Twitter*.

Essa estratégia metodológica de formação do *corpus 2* atendeu aos questionamentos sobre qual relação está em jogo nos discursos dos internautas, justamente sobre as condições de produção, comparadas entre “lugares de fala” diferentes, com suas limitações tecno-

tecnológicas e semiointeracionais. São objetos restritos, mas de extraordinária complexidade do ponto de vista de sua natureza significativa, na medida em que distribuem fragmentos de discursos produzidos em determinadas condições de produção.

Diante dessa proposta, formamos o *corpus 2* com mais dois pontos iniciais de observação:

1) Artigo “Globo & Collor: A história revisada”, de Luciano Martins Costa, publicado originalmente em 29 de novembro de 2011, comentários, distribuições do artigo nas redes sociais on-line *Twitter* e *Facebook* e os textos expressados junto a essa distribuição.

2) Materiais sobre o lançamento do livro “A privatária Tucana” de Amaury Ribeiro Jr., quantificação da distribuição nas redes sociais on-line e a proporção que o acontecimento tomou na opinião pública;

A partir dos *corpora* formados, conseguimos analisar o funcionamento interno do site e os fluxos comunicacionais dispersos, em circulação na plataforma digital a partir do site OI e suas extensões, identificadas nessa pesquisa como interdispositivos de dispersão e convergência. Portanto, o lugar de observação da nossa pesquisa pertence aos meios de comunicação distintos em suas lógicas de funcionamento - site OI e redes sociais on-line integradas, mas que são interdispositivos articulados falando do mesmo assunto: as abordagens midiáticas sobre a política.

Dessa forma, em confluência com a proposta metodológica de Verón (2004) buscamos seguir os rastros de uma identificação que é socialmente institucionalizada⁴⁶. Entretanto, o problema que se sobrepõe, nesta pesquisa, não é a “ideologia” - objeto definido no estudo citado de Verón. A nossa questão de pesquisa está expressa nas perguntas sobre os aspectos de mudanças na forma de elaborar a crítica sobre os processos jornalísticos e sociais relacionados ao tema escolhido - a política. Acreditamos ser essa uma forma adequada de construção para atender o problema desta pesquisa que apresentamos no início deste capítulo.

⁴⁶ Em *Fragmentos de um tecido*, 2004, p. 89-142, Verón investiga *textos* com o invariante referencial “ideologia”, comparando revistas semanais, classificadas pelo autor como populares ou burguesas, no que diz respeito ao público-alvo.

4.3. CONSTRUÇÃO CATEGORIAL

O movimento ascendente-descendente e circular de construção de pesquisa (FERREIRA, 2010) nos possibilitou a formação de três níveis de categorias: auxiliares, relacionais e concretas. No primeiro momento, formamos dez categorias descritivo-indiciais⁴⁷, que auxiliaram a formular novas proposições e perguntas de pesquisa, além de delimitar o objeto-problema. Feito esse trabalho essencialmente empírico de enfrentamento com o objeto, passamos a refletir em torno de tensões direcionadas às categorias relacionais de articulação com o material teórico, que envolveu as problemáticas da circulação intermediária/intramidiática e da autofortificação dos sistemas comunicacionais, incidindo nas processualidades sociais de construção da crítica.

O quadro que se apresenta nesse item da dissertação é da justificativa e explicação das categorias concretas/definitivas para o fechamento de um caso, ou seja, articulamos categorias e as mobilizamos para analisarmos quais níveis interacionais⁴⁸ ocorrem nesse espaço estudado, e então, chegamos às proposições em relação, isto é, construirmos uma hipótese para a nossa questão comunicacional central em nossa investigação.

Entendemos que o processo de produção de sentido, da construção da crítica sobre a mídia, nesse ambiente mapeado se realiza socialmente, nas interações entre os indivíduos. Nesse sentido, reforçamos o aspecto interacional dos processos que se constroem dentro de um sistema que se autofortifica, por meio de diversas estratégias e condições de produção.

Para esta construção categorial, adotamos a visão de Ferreira (2001) que discute a análise sócio-cognitiva do discurso baseado nas ideias de Piaget (1979) sobre estruturas formadas por processos lógicos, regulações sociais e ritmos. Nesse sentido, pensamos o complexo formado pelo dispositivo OI como uma estrutura formada por elementos diversos

⁴⁷ Nível macro: Interdispositivos; Revitalização; e Armazenamento. Nível micro: Concordância ou discordância; Ironia e jocosidade; Autoafirmação; Desvios; Interações; Repetição; e Repercussão.

⁴⁸ Na qualificação de pesquisa chegamos a 3 níveis interacionais: O **1º nível interacional** referia-se quando era feito um comentário explícito, no rodapé do artigo, sem muitas elaborações críticas, ou quando era feita uma simples *linkagem* ou reprodução da crítica. O **2º nível interacional** era o acendimento do debate, com inúmeros elementos e recursos de linguagem. Dizia respeito à reação explícita e compartilhada de um leitor internauta, tocado pelas expressões trocadas entre articulista e comentaristas. O **3º nível interacional** eram as inúmeras possibilidades e probabilidades de interações críticas entre articulista e comentaristas, despertadas no leitor internauta não comentarista naquele espaço analisado, ou seja, o indivíduo que não estava manifestado e polemizado no circuito comunicacional.

que geram comunicações imprevisíveis, porém, movimentado por interações prováveis e em níveis diferenciados, justamente pela abertura de possibilidades interpretativas.

Entendemos, em concordância com Ferreira (2001), que os níveis de interação do OI podem ser classificados por essas aberturas de possibilidades de interação e agrupamentos de elementos argumentativo-discursivos. Esses elementos “fazem a ponte” para o caminho de superação da reprodução da crítica, para que os indivíduos possam realizar reflexões posteriores, a partir das suas próprias ações que os organizam nas trocas discursivas endógenas ao dispositivo, que está em constante mudança.

Vale destacar que as lógicas operacionais dessas trocas não estão limitadas somente aos conteúdos incorporados a elas, pelo contrário, quanto mais materiais agregados, mais complexa fica a formalização, gerando uma complexidade maior no processo comunicacional. Essa ideia nos aproxima mais uma vez do sistema luhmanniano, já apresentado como aporte teórico desta pesquisa, levando-nos a reforçar que cada sistema formal tem coerência, porém, não é exaustivo, é apenas um construto que possui incompletudes.

O nosso intuito foi tensionar essas concepções (FERREIRA, 2001; PIAGET, 1979; LUHMANN, 2005) para entender como se faz a reflexão da crítica a partir das interações que ocorrem nesses materiais empíricos analisados, considerando que as interações sobrepõem os dispositivos e formam laços fortes ou fracos entre os indivíduos, configurando os processos comunicacionais.

4.3.1. Categorias concretas de análise

As categorias concretas que nominamos “Ritos comunicativos”, “Táticas argumentativas” e “Reflexão fragmentada” resultam de pelo menos dois momentos desta pesquisa:

a) as primeiras análises/categorias extraídas dos materiais empíricos, que geraram inferências e *insights* das relações aos aspectos contextuais;

b) as relações de percepções articuladas às teorias, as quais serviram de aporte para pensarmos a problemática de pesquisa. Essa formação categorial proporcionou uma desconstrução e reconstrução dos materiais selecionados, atrelada às evoluções de formulações de proposições e questões de pesquisa.

Bardin (1977, p. 119) destaca que “(...) geralmente as categorias terminais provêm do reagrupamento progressivo de categorias que antes possuíam uma generalidade mais fraca”. A autora qualifica que boas categorias devem apresentar: exclusão mútua, não podendo

aparecer em mais de uma divisão; homogeneidade, tendo um único princípio de organização; pertinência, devendo refletir intenções da investigação; objetividade e fidelidade, deixando claro que variáveis determinam a entrada de cada material em uma categoria; e por último, produtividade, que é o fornecimento de resultados férteis, em dados, índices de inferências e formulação de hipóteses.

Nesse sentido, criamos um conjunto categorial (Fig.1) que condensasse e aprimorasse a análise, de acordo com os objetivos de pesquisa. No próximo subitem, explicaremos a formação de cada categoria concreta desta pesquisa.

4.3.1.1. Rito comunicativo

Essa categoria diz respeito aos procedimentos comunicativos de praxe em que o internauta insere-se no âmbito do dispositivo sem complexidade na interação. De acordo com Goffman (1974, p.73 apud ALMEIDA, s/d, on-line) “O ritual é um ato formal e convencional através do qual o indivíduo manifesta seu respeito e sua consideração para com um objeto de valor absoluto ou para com seu representante”. Almeida (s/d) destaca que na interação é o ritual que guia os participantes para o exercício de diversas atividades cognitivas que vão desde o enquadramento contextual e situacional até a língua e linguagem empregada. Para a autora, o ritual comunicativo é o aspecto que mantém o equilíbrio ameaçado em uma interação, que valoriza o bem-estar entre os participantes, tomando, portanto, certas precauções de ordem ritualística em sua conduta.

A análise dos materiais empíricos nessa classificação nos remete à interação a partir de um sistema de práticas, de convenções e de regras de procedimentos que serve mais para orientar e organizar o fluxo dos conteúdos críticos. Essa categoria expõe os fragmentos que apresentam uma forma de engrenagem comunicativa como uma concordância ou discordância simples, um elogio gratuito, uma reprodução sem elaborações opinativas, uma retuitada, uma curtida, ou uma incoerência de distribuição de conteúdos.

4.3.1.2. Tática de irritação

Essa categoria classifica um nível de interação acima do ritual. Entendemos que quando se trata de debate e crítica a intenção é que esse ato comunicativo seja

primordialmente “polêmico e agonístico” (BRAGA, 2006), em constante tensionamento e/ou reformulação da opinião dos interlocutores, para que haja um embasamento legítimo de construção da crítica, caracterizado pela diversidade opinativa dos pares.

Nesse raciocínio, essa categoria representa o aspecto de acendimento do debate, quando certos elementos discursivos são acionados pelos debatedores que utilizam da multidirecionalidade de opiniões e de disputa de poder pelas informações⁴⁹ trocadas entre eles. Esses elementos discursivos são entendidos em concordância com Luhmann (2005) como auto-organizadores do debate, formando um sistema autopoietico que realiza seus processos comunicativos com dotação interna de sentido, utilizando um repertório próprio, através de acoplamentos estruturais que estimulam o sistema a irritações, perturbando de um modo que internamente é levado a uma forma, com a qual o ele pode trabalhar.

É importante aclarar que o termo “irritação”, para Luhmann, não significa exclusivamente a interpenetração de elementos negativos. Embora o debate tenha a característica do confronto, consideramos “irritação” todos os elementos que contribuem para a autoprodução e diferenciação do sistema. Nessa categoria, entendemos que cada comentário explícito/observação do internauta sobre um artigo/material do OI é elaborado de acordo com os elementos relacionados, os acoplamentos realizados e as irritações com o ambiente. As relações colocadas em jogo determinarão observações pertencentes a um sistema, envolto por estruturas diferentes. São as estratégias de irritação e as diferenças causadas por elas que fazem com o sistema mude suas estruturas.

Durante a exploração empírica constatamos esse movimento de tensão na utilização de recursos de linguagem que elevaram o nível da interação, entre eles: “a ironia”, “a jocosidade” e a “autoafirmação”. Todavia, esses elementos, além de estimularem, também causaram “desvios” no debate. Portanto, a utilização dessas lógicas de irritação tanto intensificaram quanto tiraram o foco da discussão, podendo ter dificultado a interpretação de alguns leitores internautas.

4.3.1.3. Reflexão fragmentada

Essa categoria representa as inúmeras possibilidades e probabilidades de interações críticas entre articulistas e comentaristas despertadas no leitor internauta que pode, ou não,

⁴⁹ Entendemos, de acordo com Luhmann (2005) que a informação é algo construído por quem recebe a mensagem (Ego), mesmo que não seja a informação objetivada pelo emissor (Alter). “Mesmo a informação de que algo não é nenhuma informação é também informativa” (LUHMANN, 2005, p.39).

expor sua formulação crítica no espaço oferecido pelo OI, mas que de alguma forma incorpora no seu cotidiano as reflexões geradas por essa interação, por meio da argumentação. Ferreira (2001, on-line) levanta a questão das “operações reflexivas” alertando para o impasse de que elas carecem de fechamento, ou se quisermos os fechamentos, serão sempre parciais. O autor destaca a afirmação abordada por Piaget de que é impossível examinar todas as operações possíveis do pensamento humano.

Na medida em que na vida social, todas as operações possíveis do pensamento individual se transformam em todas as operações possíveis do pensamento coletivo, a conclusão que podemos tirar é de que nem vários movimentos podem resolver os problemas colocados. A esperança de Piaget neste aspecto está na modificação da capacidade mental dos indivíduos para a resolução dos problemas (FERREIRA, 2001, on-line).

Baseado nisso, a categoria “Reflexão Fragmentada” se faz necessária devido à constatação, a partir do caso⁵⁰ analisado nesta pesquisa, de que há processos sociais impulsionados por trocas de “atos comunicativos” (Charaudeau, 2006) resultantes de interações transversais entre instituições políticas, mídia e indivíduos midiáticos, em que o OI tem participação importante para a construção de uma legítima rede social em busca de uma causa coletiva.

A nosso ver, o caso analisado é singular para ilustrar o que Charaudeau (2006, p. 69) atribui como a combinação operatória entre o “fazer saber” – levar ao conhecimento determinada informação, “fazer sentir” – provocar no outro um estado emocional agradável ou desagradável, “fazer crer” – levar o outro a pensar que o que está sendo dito é verdadeiro, e “fazer fazer” – levar o outro a agir de uma determinada maneira.

O autor define o ato comunicativo como o resultado da relação entre produção e interpretação, em que é processada a encenação discursiva. Esta que forma um “lugar de fazer” – pretendido: o EU comunicante com sua identidade psicossocial e projeto de fala; e o Tu interpretante, com sua intencionalidade própria, parcialmente desconhecida pelo Eu comunicante. Desdobrando-se em um “lugar de dizer” – enunciado: o Eu enunciadador com suas estratégias, tematizações e modos discursivos; e o TU destinatário, com seu perfil psicossocial e intencionalidades.

Nessa visão, o discurso é construído socialmente, por meio de condições determinadas pelo “contrato de comunicação”, que gera um espaço público de informação, em que se

⁵⁰ O lançamento do livro-denúncia “A Privataria Tucana”, de Amaury Ribeiro Jr, em dezembro de 2011.

constrói a opinião pública. No entanto, “nenhum ato de comunicação está previamente determinado (...), pois, dispõe de uma margem de manobra que lhe permite realizar seu projeto de fala pessoal, ou seja, lhe permite manifestar um ato de individuação” (CHARAUDEAU, 2006, p. 71). O autor adverte para as condicionantes que formam complexos processos de busca pelo reconhecimento do discurso nas concepções do saber e do poder, para o alcance da credibilidade e do convencimento, respectivamente. Sendo assim, a interação atua na produção de sentido por meio de uma relação que subordina a referência contextual de mundo à intersubjetividade dos interlocutores.

Consideramos que a formação de opinião é realizada por meio da argumentação dos interlocutores que buscam provocar alterações principalmente no modo de pensar “fazer crer” e de se comportar “fazer fazer” dos seus interagentes. Para, além disso, no contexto midiático, os indivíduos midiáticos e as instituições desenvolvem lógicas operacionais a partir dos dispositivos midiáticos, para que as opiniões se proliferem no espaço digital.

Entendemos que a reflexão se produz nos desdobramentos e circularidades de informações, a partir e em conjunto com os materiais críticos oferecidos pelo OI. Essa categoria concreta de análise se dá por diferença em relação ao discurso argumentativo que é transformado em ato comunicativo. Charaudeau (2006) apresenta a mecânica argumentativa em que é preciso problematizar, elucidar e avaliar os diferentes aspectos de um tema.

O autor afirma que o processo argumentativo deve surgir a partir de atividades mentais do indivíduo como: emitir o propósito/tema, inseri-lo em uma proposição/questionamento e apresentar elementos persuasivos. Após esse processo inicial de problematização, o indivíduo comunicante deve esclarecer o que não é possível ser visto pelo interpretante, ou seja, o que é latente e dissimulado. Além disso, o autor afirma que ao fazer analogias, expor as causas externas e o encadeamento dos fatos garante ao comunicante a credibilidade do argumento. Por fim, ele deve avaliar, revelar sua tomada de posição e sua apreciação subjetiva, projetando sua afetividade com o tema em questão.

Embora de forma fragmentada, buscaremos mostrar como é realizado esse tipo de participação reflexiva, a qual representa o nível de interação que consideramos mais próxima da ideal, que se desdobra em algum tipo de aprendizagem social e até mesmo em uma ação social concreta.

Abaixo, representamos a construção/evolução do conjunto categorial, mostrando as Categorias Concretas, as quais sintetizaram os modos comunicacionais/níveis interacionais da coleção de pesquisa. Na subdivisão das Categorias Concretas estão as Categorias Auxiliares, que formaram o objeto-problema de pesquisa e as categorias relacionais, as quais perpassam a

todas as outras categorias, articulando o conceito-eixo de nosso estudo: a circulação de sistemas autofortificados.

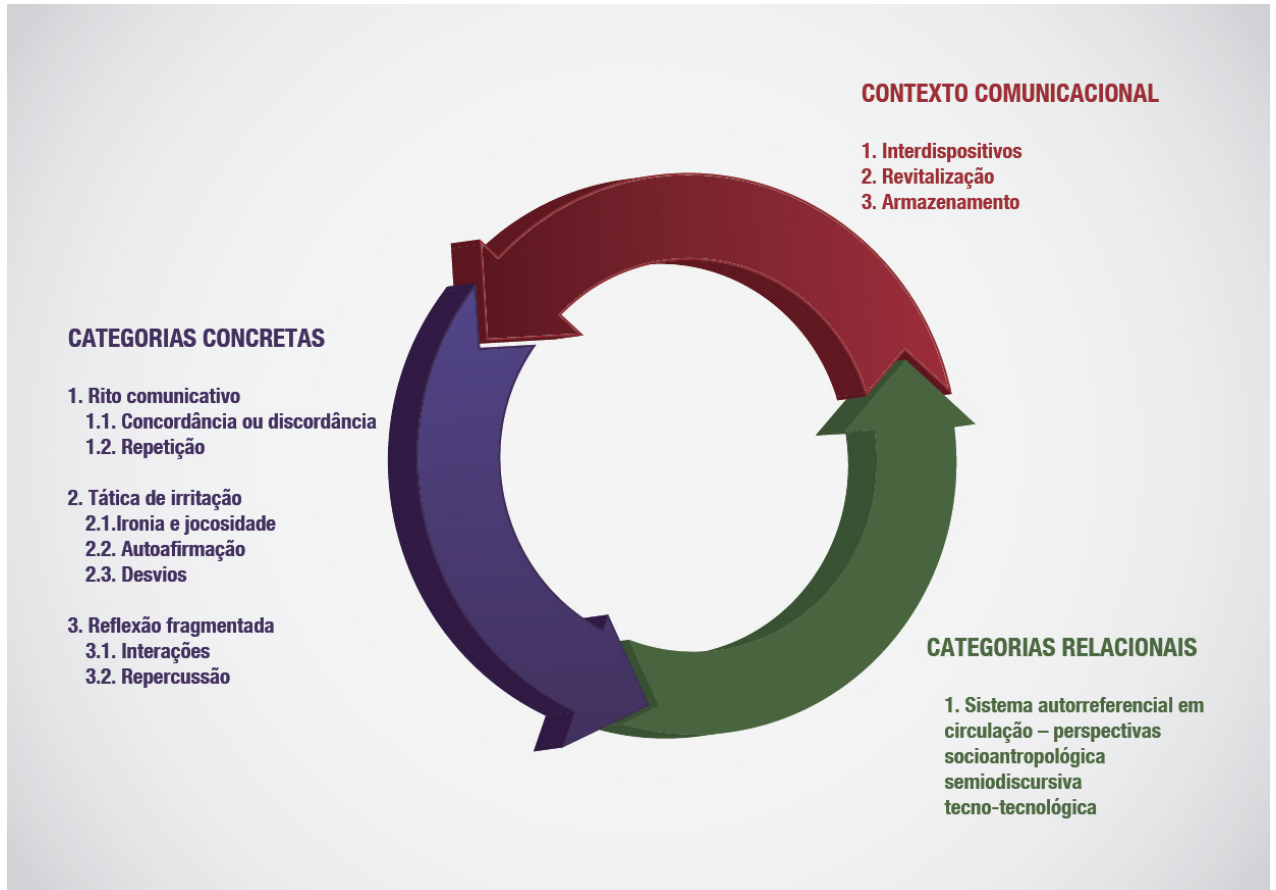


FIGURA 1: Conjunto categorial de pesquisa

5. ANÁLISES: RELAÇÕES ENTRE DISPOSITIVOS SEMIO-TECNO-TECNOLÓGICOS EM CIRCULAÇÃO

O cenário de fundo apreendido para a análise é visto como uma contextualização comunicacional, considerando os aspectos institucionais, construída a partir de um esquema analítico-comparativo em nível de observação macroestrutural, focado nos aspectos tecno-tecnológicos, ou seja, verificamos metarreflexivamente as condições de produção físicas e palpáveis a partir de transversalidades, analogias e distinções. Com esse propósito, foram realizadas análises para entender as estratégias comunicativas, lógicas operacionais de funcionamento do site OI e seus elementos de difusão e convergência, para verificar como o veículo explorou as potencialidades comunicacionais, vistos como elementos integrantes de um dispositivo maior, que aciona a circulação de sentidos operados pelos indivíduos midiáticos⁵¹.

Na análise em nível microestrutural, que se refere às interações propriamente ditas, categorizamos os aspectos semiointeracionais, da ordem dos recursos discursivos e argumentativos empregados no debate que é realizado a partir do OI, entre articulistas e comentaristas.

Constatamos que, depois da renovação do OI, em junho de 2011, houve maior proliferação de conteúdos, isso é, um aumento do fluxo das construções críticas do site em outros locais, por meio de recursos de dispersão e irradiação, os quais passaram a atuar como portas de saída, rompendo limites demarcatórios, que antes restringiam a interação quase que exclusivamente no site.

A nossa proposição tensionada foi de que as reconfigurações nos usos de tecnologias geraram outras formas de mediações, por conseguinte, causaram discontinuidades nas construções simbólicas, novas lógicas semânticas, de fluxos e acessos. Questionamos se a integração às redes sociais *Twitter* e *Facebook* pode ter diminuído o número de comentários de internautas, via postagem, nos rodapés dos artigos e se os leitores do site passaram a preferir acionar os interdispositivos de dispersão a exporem explicitamente suas interpretações e opiniões sobre os assuntos dos artigos⁵².

⁵¹ Essa foi a primeira pergunta de pesquisa, de onde partimos para a elaboração de novas relações de perguntas e proposições.

⁵² Ver subitem: 4.2.2.4. Relações em análises dos artigos 1 e 2.

As observações empíricas, apoiadas nas categorias auxiliares⁵³ “repetição” e “repercussão”, nos levaram à inferência de que havia um tipo de comportamento comunicativo que era incompleto, ou que não atingia o nível esperado para que se concebesse uma formação de opinião, pelo menos naquele contexto comunicacional, caracterizado como uma reprodução ou simples *lincagem* dos conteúdos críticos, que mais adiante passamos a classificar como “Rito Comunicativo”.

O acompanhamento de um caso específico sobre o lançamento de um livro denunciando esquemas políticos corruptos que não teve visibilidade na grande mídia, mas que ganhou notoriedade nas redes sociais on-line e *blogs* de mídia alternativa serviu de exemplo para problematizar e refletir sobre os processos midiáticos como prática midiática e social, no sentido de gerar novas formas de comportamento das instituições e indivíduos midiáticos, seja na distribuição dos conteúdos, seja na ação concreta do fenômeno comunicacional.

Abaixo, apresentamos a síntese das relações em análise. Elucidamos nossa lógica de análise para delimitarmos o nosso ângulo de visão, formado por materialidades: marcas discursivas e caso; e imaterialidades: sintomas de quando práticas midiáticas, discurso e ação social se articulam formando vínculos fortes.

⁵³ Para os processos interativos nas redes sociais que mostravam uma simples reprodução a uma crítica já dada: classificamos como “repetição” e aos que indiciavam a elaboração de opinião classificamos como “repercussão” da crítica. Essas posturas, notadas no comportamento de internautas estão relacionadas a uma reconfiguração comunicacional, na qual os integrantes das redes sociais on-line têm à disposição os recursos “Retuitar”, no *Twitter* e “Curtir”, no *Facebook*.

SÍNTESE DAS RELAÇÕES EM ANÁLISE		
CONTEXTO COMUNICACIONAL - AD HOC		
O PROJETO DO OI, ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS, LÓGICAS OPERACIONAIS DE FUNCIONAMENTO DO SITE OI		
MARCAS DISCURSIVAS	SINTOMAS	CASO
ARTIGOS E COMENTÁRIOS NO SITE OI	FRAGMENTOS DE PARTICIPAÇÕES NAS REDES SOCIAIS ONLINE DO OI	PROCESSOS MIDIÁTICOS E SOCIAIS POSTERIORES

QUADRO 4: Síntese das relações em análise

5.1. O PROJETO OI

Os observatórios de mídia, para o público em geral⁵⁴, surgiram no mundo, inicialmente, em 1986, nos Estados Unidos⁵⁵, como organização fiscalizadora da atuação dos veículos de comunicação, cada uma com suas perspectivas ideológicas diferenciadas. Em setembro de 1995, na França, foi fundado o *Observatoire de la Presse*, integrante do *Centre de Formation et de Perfectionnement des Journalistes* (CFPJ). Este que, em 1996, serviu de modelo ao projeto Observatório da Imprensa (OI), uma iniciativa do Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor) e um projeto original do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

⁵⁴ No Brasil, em 1965, existiram outros observatórios de mídia liderados por Alberto Dines, como o “Cadernos de Jornalismo e Editoração” e “Crítica da Informação”, porém, a distribuição era restrita ao meio acadêmico (LOURES, 2008).

⁵⁵ Existem pelo menos duas grandes organizações similares, cada uma com ótica política própria: a *FAIR* (*Fairness & Accuracy in Reporting*), fundada em 1986 com o propósito de fiscalizar a intromissão do poder econômico e político na imprensa. Edita uma revista bimestral, *Extra!*. Sua contrapartida no campo conservador é a *Accuracy in Media*, mais inclinada para apontar as infiltrações e distorções liberais na grande imprensa americana. Embora concorrentes, completam-se, constituindo um sólido aparelho crítico, pluralista e democrático (Fonte: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/pages/oiojetivos>).

O projeto foi liderado pelo atual editor geral, Alberto Dines, considerado o grande responsável pelo surgimento da crítica de mídia como atividade sistemática, no Brasil⁵⁶. Dines (2008) explicita a ideia central que era criar uma incubadora para projetos de excelência na área de capacitação profissional e de desenvolvimento editorial. Apesar de ser um projeto desenvolvido dentro de uma universidade, não tinha pretensões acadêmicas, mas sim de atuar sobre as audiências, ou seja, a sociedade. “Estava na hora de retirar o leitor-ouvinte-telespectador da condição passiva em que se encontrava, condenado a manifestar-se apenas como um anônimo, através de sondagens de opinião pública” (DINES, 2008, p.8).

O propósito do projeto era que a observação estática se transformasse em observação participativa. Segundo o autor, a suposição era de que com a implantação do OI a própria mídia passaria a se auto-observar, pois, se comportaria diferente, a partir do momento que se sentisse observada. O profissionalismo do projeto foi garantido pela base teórica de que a execução seria por meio de um fórum sobre jornalismo combinado a um veículo jornalístico. Surgiu então, em abril de 1996, o site do OI:

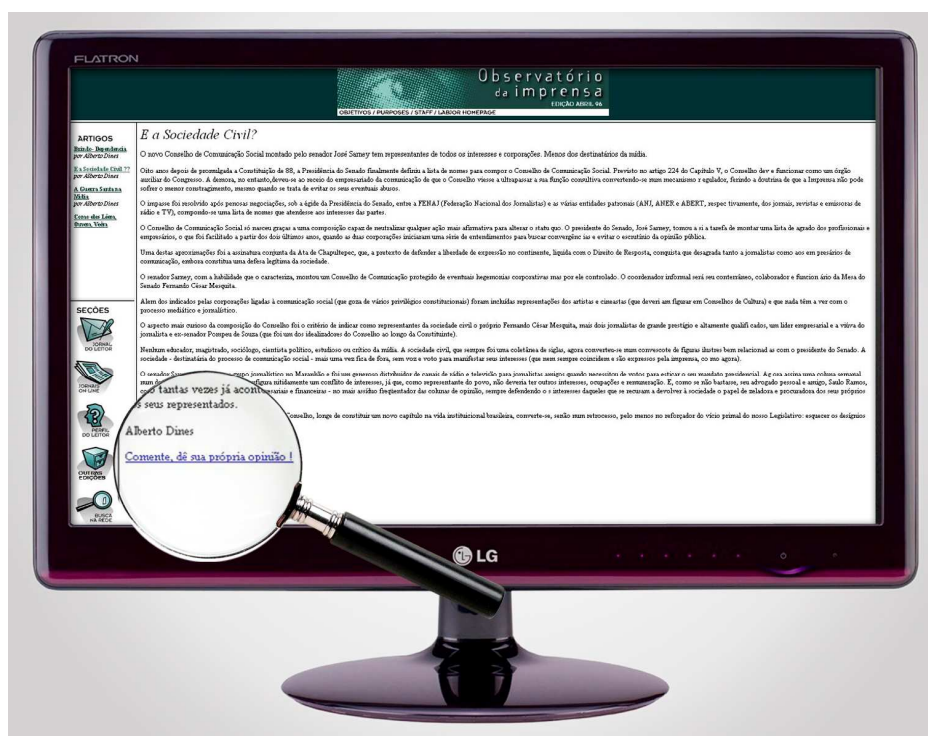


FIGURA 2: Primeira edição do site do OI

⁵⁶ De acordo com Gentili (2006), de 1975 a 1977, Alberto Dines produziu a coluna “Jornal dos Jornais”, no Jornal Folha de São Paulo, a qual teve uma influência marcante inquestionável. Em 1989, quando a Folha criou a figura do ombudsman, a sua coluna dominical voltou. De 1977 até 1996, antes do surgimento do OI, Dines produziu colunas de crítica de mídia no Pasquim e na Revista Imprensa, além de outros veículos.

A figura acima mostra destacado em vermelho que a primeira edição do site já oferecia espaço de comentário, no intuito de capturar falas de quem lesse o artigo. Naquela época, a internet estava recém surgindo no Brasil e o site ficava mais restrito ao ambiente acadêmico. Logo após, em 1998, o OI passou a atingir um público mais amplo, quando passou para o ambiente televisivo, em emissoras educativas. Mais adiante, em 2005, começou a veicular um boletim radiofônico em emissoras públicas de rádio. Com as recentes mudanças, em 2011, o OI passou a abranger as redes sociais on-line, como forma de ampliar as distribuições e compartilhamento de conteúdos críticos intermediáticos.

Segundo informações do site⁵⁷, o OI tem como matéria-prima das avaliações e diagnósticos o jornalismo como um serviço público. “A Sociedade Civil deve abranger sucessivos níveis de monitoração e atuação, de forma a diminuir a distância entre os poderes e a cidadania, convertendo-se ela própria numa instância” (OBJETIVOS, 2011, on-line). Desta forma, o veículo de crítica da mídia propõe-se a funcionar como “um atento mediador entre a mídia e os mediados, preenchendo o espaço social, até agora praticamente vazio” (OBJETIVOS, 2011, on-line).

Loures (2008) destaca o OI como um veículo de crítica de mídia pioneiro no meio on-line. Ela cita a entrevista feita com o coordenador do Labjor, Carlos Vogt, sobre a função do OI: “O jornalismo hoje está muito marcado pelas possibilidades de instantaneidade da notícia que as novas tecnologias de informação trouxeram” (VOGT *apud* LOURES, 2008, p. 165). Para o coordenador do Labjor, a rapidez do tráfego informacional faz com que tanto os jornalistas não tenham tempo de fazer uma boa produção da notícia quanto o público não tenha tempo de refletir sobre os fatos noticiados. Essa realidade acabou tornando o papel da crítica de mídia imprescindível, na sociedade atual.

O aspecto dos contatos proporcionados pelo OI é destacado na entrevista do na época redator-chefe do OI, Mauro Malin⁵⁸:

(...) Os novos meios nos levam a acreditar na possibilidade de uma assembleia virtual de cidadãos. Não há a mais remota comparação possível entre a interatividade sem aspas ensejada pela internet e a interatividade com aspas verificada no jornal, rádio, televisão, meios unilaterais. Na internet, o aparato, que é um desdobramento do serviço prestado pela rede telefônica, serve igualmente para recepção e emissão. Nos outros casos citados, as vias de recepção e resposta do leitor (telefonema, carta,

⁵⁷ Para que serve um observatório da imprensa? (<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/pages/oioobjetivos>)

⁵⁸ Atualmente, Mauro Malin é editor adjunto do site do OI.

telegrama) são inteiramente desiguais (MALIN *apud* LOURES, 2008, p. 166).

O redator-chefe do OI justifica no trecho acima a escolha do meio on-line, que foi justamente pela rapidez nas trocas interacionais, pois, segundo ele, na mídia digital o leitor deixa de ser simplesmente um receptor, ele também é produtor de informações e está mais envolvido no trabalho de vigilância dos meios de comunicação.

Constatamos que o serviço oferecido pelo OI é apresentar um espaço de debate sobre as ações dos campos midiáticos e, conseqüentemente, extramidiáticos. Como vimos nas palavras de Dines (2008), o intuito é auxiliar o público (especializado ou não) nas reflexões sobre as práticas e processos jornalísticos. Essa atuação é baseada nos princípios éticos do jornalismo ideal, com ideologias não muito bem definidas - mas constatatadamente diversificadas - embora a organização autodenomine-se entidade civil não partidária.

Acreditamos que a crítica mista (especializada e leiga) do OI pode contribuir para uma participação mais eficaz do seu público no debate sobre a mídia e as ações sociais. Para, além disso, devido ao formato instituído, esse dispositivo de crítica de mídia pode exercer alguma forma de “controle” sobre os seus públicos, no sentido de aprendizagem, padronização ou decifração das práticas sociais e discursivas.

No mês de junho de 2011, uma importante revitalização foi realizada para comemorar os 15 anos do projeto OI. São essas mudanças que analisamos nesta investigação científica, a partir de um selecionado material empírico amplamente descrito e tensionado aos referenciais teóricos que articulam a questão da circularidade de interações intermediáticas e intramidiáticas que ocorrem a partir deste objeto, visto como um dispositivo que se autodenomina como crítica de mídia.

5.2. TRANSFORMAÇÕES TECNO-TECNOLÓGICAS

Nos próximos itens serão apresentadas as análises descritivo-indiciais do contexto comunicacional (nível macroestrutural-tecno-tecnológico), dividindo as três categorias auxiliares em subcapítulos (5.2.1. Interdispositivos; 5.2.2. Revitalização; 5.2.3. Armazenamento). Esse nível de observação foi importante para demarcarmos e reconhecermos a plataforma comunicativa gerada pelo OI, para identificarmos as

processualidades interativas que são possibilitadas nesse âmbito, principalmente depois da mudança do site, em junho de 2011, enquanto esta pesquisa estava em andamento.

5.2.1. Categoria Interdispositivos

Essa categoria de análise está relacionada aos indícios sobre as mudanças realizadas no site que proporcionaram maior integração e funcionalidade aos elementos de dispersão e convergência. A nomenclatura “interdispositivo” serve para categorizar os recursos de acionamentos do dispositivo maior⁵⁹ que é composto por elementos como: a rede de compartilhamento de vídeos *You Tube*, onde são disponibilizados os programas exibidos na TV convencional; as redes sociais *Facebook* e *Twitter*, com duas inscrições cada, uma página para o site e outra para o programa televisivo no *Facebook*, e um perfil para o site e outro para o programa televisivo no *Twitter*; além dos canais diretos no site dessas redes sociais on-line e do programa de rádio, com atualizações em tempo real.

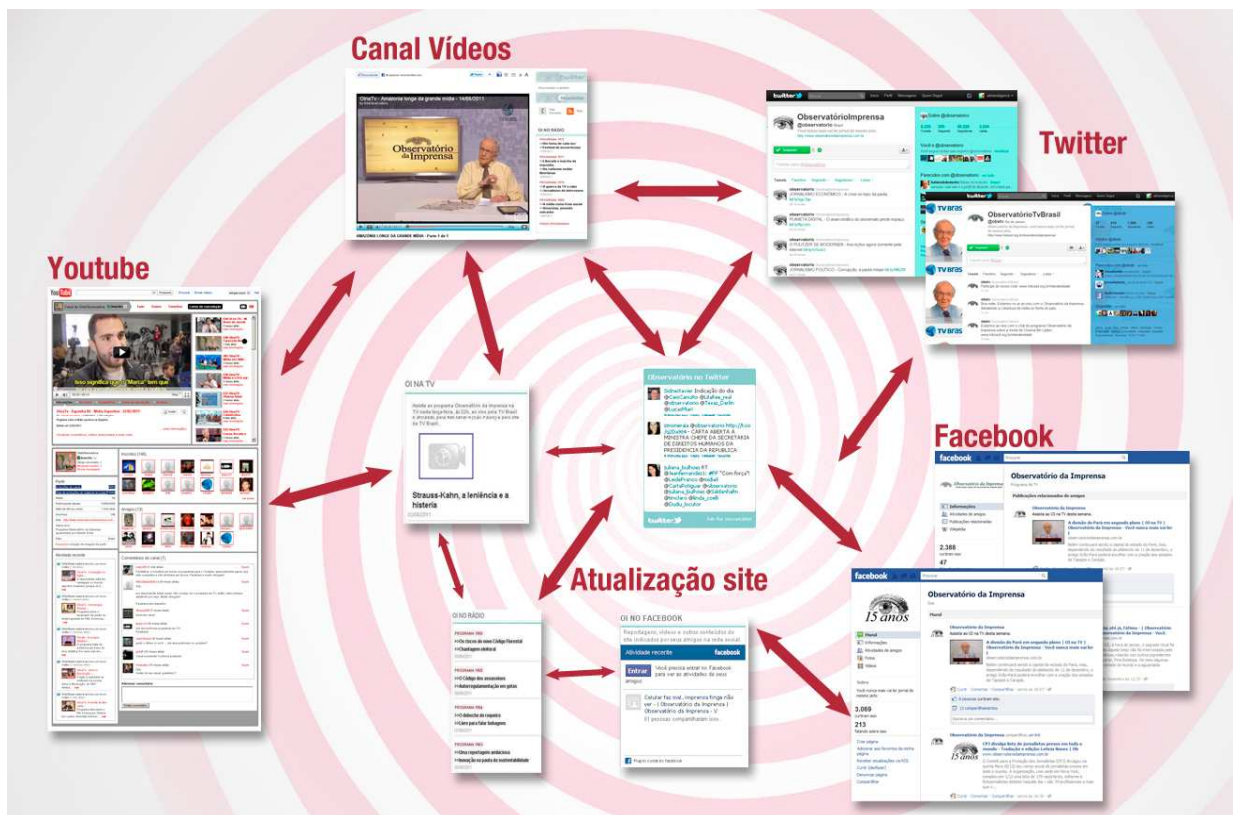


FIGURA 3: Matriz atual de interação do OI e integração dos interdispositivos

⁵⁹ Ver subcapítulo 2.5. O Dispositivo OI.

Anteriormente, os convites para a interatividade nas redes sociais e outros interdispositivos do OI, como programas veiculados na televisão⁶⁰ e rádio convencional⁶¹, eram desinteressantes e pouco funcionais. Os recursos de convergência e dispersão ficavam isolados nos seus ambientes de origem e o site não era integrado aos interdispositivos de compartilhamento, indicação e difusão de conteúdos (Fig.4).



FIGURA 4: Na área em destaque eram feitos anteriormente os convites para participação no OI

A mudança mais significativa, no que diz respeito à categoria de análise interdispositivo, foi a utilização de potencializadores do recurso de dispersão de conteúdos,

⁶⁰ Em emissoras educativas e pagas.

⁶¹ O programa “Observatório da Imprensa no Rádio” é apresentado por Luciano Martins Costa e tem a participação de Alberto Dines. É transmitido de segunda a sexta-feira por meio eletrônico e também pela internet, pelo site das emissoras: **Rio de Janeiro:** Rádio MEC FM (98,9mHz) - 18h; Rádio MEC AM (800kHz) - 12h30; **Brasília:** Rádio Nacional FM (96,1mHz) - 12h30; Rádio Nacional AM (980kHz) - 12h30; **Belo Horizonte:** Rádio Inconfidência AM (880kHz) - veiculado no programa "Conexão Inconfidência", entre 12h e 14h. Depois de veiculado, o boletim radiofônico fica disponível para ouvir direto no site do OI. Além disso, todos os boletins diários são transcritos e publicados em forma de artigo no site.

representados pelas redes sociais on-line *Twitter* e *Facebook*, que agora estão visivelmente no corpo do artigo, dispostos para acionamento tanto no cabeçalho quanto no rodapé do texto, mostrando o “suposto”⁶² número de compartilhamento de cada artigo, nas duas redes sociais on-line (Fig. 5). O número de compartilhamentos exibido nesse item não significa quantas pessoas leram o artigo, mas sim, quantas pessoas distribuíram o texto direto do site, em forma de *link* nas suas redes sociais on-line particulares. No entanto, no decorrer de nossa análise, tratamos esse suposto compartilhamento como dado quantitativo de compartilhamento de artigos a partir site.

The image shows a screenshot of the website 'Observatório da Imprensa'. The header includes navigation links: Observatório, Seções, OI na TV, OI no Rádio, Blogs OI, Serviços, and Contato. The main logo features an eye and the text 'Observatório da Imprensa' with the tagline 'Você nunca mais vai ler jornal do mesmo jeito'. Below the logo, it shows the date 'Sábado, 18 de Junho de 2011' and ISSN information. On the right, there is a search bar and logos for '15 anos' and 'FORD FOUNDATION'. The main content area is titled 'INTERESSE PÚBLICO' and features an article by Eugênio Bucci titled 'Liberdade de imprensa e regulação da mídia'. The article includes a 'Recomendar' button showing 12 recommendations, a 'Tweet' button with 43 tweets, and social media icons. A snippet of the article text is visible: 'Texto da conferência de encerramento VIII Congresso Internacional de Direito da Universidade São Judas, sob o tema "Direito e Políticas Públicas", São Paulo, 27/5/2011: O que é que entendemos por liberdade de imprensa? De onde ela vem? Por que ela existe? Por que a democracia depende dela? Nas faculdades, os alunos aprendem, é claro, que o direito à informação é uma garantia fundamental, mas não discutem as razões disso. Deveríamos investir mais tempo na compreensão dessas ideias. Se entendermos as raízes históricas e políticas da liberdade na democracia, principalmente da liberdade de expressão, entenderemos que qualquer lei que exista ou venha a existir em torno da atividade jornalística não pode tocar, jamais, no conteúdo das notícias e das ideias que se discutem no espaço público.' On the right side, there is a 'ARTIGOS DA SEÇÃO' sidebar with several article titles and authors.

FIGURA 5: Atualmente os recursos de dispersão de conteúdos mais visíveis, acessíveis e integrados

Após a reformulação do site, os interdispositivos de convergência - que chamam para o site: TV e rádio; e de dispersão - que disseminam conteúdos do site: *Facebook*, *Twitter*, *RSS* e *Newsletter* encontram-se no lado direito da página inicial, em maior destaque (Fig. 6, 7 e 8).

⁶² No subitem “4.2.2.4. Relações em análises dos artigos 1 e 2” constatamos falhas no sistema de contagem de compartilhamentos.



FIGURA 6: Canais oficiais de dispersão



FIGURA 7: Canal de convergência TV

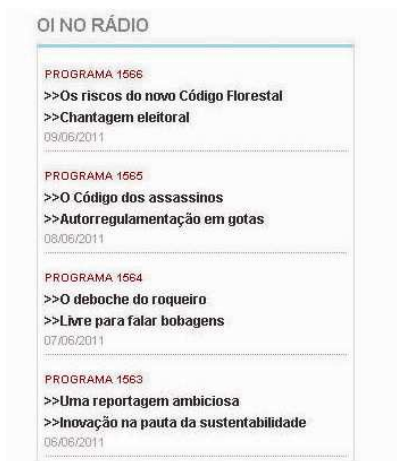


FIGURA 8: Canal oficial de convergência rádio

Há também o recurso de visibilidade da atualização de manifestações no *Twitter* e *Facebook* em tempo real (Fig. 9 e 10).

FIGURA 9: Atualizações no *Twitter*FIGURA 10: Atualizações no *Facebook*

As redes sociais on-line são utilizadas para que os leitores espalhem/distribuem os conteúdos de crítica do site para outros espaços virtuais. São canais oficiais: *You Tube*; *Twitter* e *Facebook*.

5.2.1.1. *You Tube*

A conta do OI no *You Tube* é intitulada “Srtaobservadora” e foi criada em 13 de agosto de 2009. A partir dessa data, os programas veiculados nas emissoras de TV públicas e educativas passaram a ser armazenados no *You Tube*. No dia 19 de junho de 2011, o canal possuía 148 internautas inscritos e 13 amigos, os quais são avisados via e-mail sobre as atualizações de postagens de novos vídeos. Já no dia 19 de agosto, dois meses depois, havia aumentado o número de inscritos para 166 e 18 amigos.

Nesse espaço também há um local para comentários. Nas estatísticas do *You Tube*, em 19 de junho, tinham sido postados 4.612 vídeos, todos transpostos da TV para o meio digital, divididos em partes menores do programa original. Dois meses depois, havia 4.809 vídeos, ou seja, mais 197 partes de programas tinham sido inseridas no canal. No total, o número de visualizações de todos os vídeos passou de 78.826 para 85.394, isto significa 6.568 novas visualizações de partes do programa OI na TV, em dois meses.

Os vídeos podem ser visualizados tanto no canal do *You Tube* (Fig.11) quanto no site do OI (Fig. 12). Nos dois locais há a possibilidade de compartilhar os vídeos via *Twitter* e *Facebook* e também comentar na parte inferior da tela do vídeo.

YouTube

Canal de SrtaObservadora Inscrito **Tudo** **Envios** **Favoritos** **Listas de reprodução**

Isso significa que o "Marca" tem que ter um jornalista onde está a notícia

00:00 / 50:19 360p

Informações Favoritos Compartilhar Listas de reprodução Sinalizar

528-OI na TV - 40 Anos do Jornal
3 meses atrás
mais informações

540-OinaTV - Tancredo Neves -
1 mês atrás
mais informações

491-OinaTV - Mídia em 2009 -
3 meses atrás
mais informações

538-OinaTV - Mídia e o Pré-sal -
2 meses atrás
mais informações

537-OinaTV - Obama: Idolo
3 meses atrás
mais informações

536-OinaTV - Catástrofes
4 dias atrás
mais informações

535-OinaTV - Casos Arruda e
3 meses atrás
mais informações

OinaTv - Espanha 04 - Mídia Esportiva - 22/02/2011

De: SrtaObservadora | 23/02/2011 | 230 exibições

Programa sobre a Mídia esportiva na Espanha.

Exibido em 22/02/2011

Visualizar comentários, vídeos relacionados e muito mais

SrtaObservadora
 Inscrito
[Alterar conteúdo](#) | [Bloquear usuário](#) | [Enviar mensagem](#)

Perfil

Exibições do canal: **3600**

Total de exibições do material enviado: **74389**

Idade: 39

Participante desde: 13/08/2009

Data da última visita: 1 mês atrás

Inscritos: 146

Site: <http://www.observatorio.daimprensa.com...>

Sobre mim:
Programa Observatório da Imprensa apresentado por Alberto Dines

País: Brasil

[Denunciar violação de imagem de perfil](#)

Inscritos (146)

myokon, Quelzel, hensosp, tsarohis, flavioopo..., arquivoV, almat72, LeninAraujo, Ibersalsur, f2ab, Jornalism..., tvbrasil, ebmandra, igortotaf...

[ver todos](#)

Amigos (13)

RogelioCa..., janisjopl..., mdfranceschi, dissonancia, euanax, interoper..., lgomunam, lushst, hebertcan..., nbifa, geonido1001, canalbeo..., tvbrasil

Atividade recente

SrtaObservadora enviou um novo vídeo (1 dia atrás)

OinaTV - Corrupção no futeb...
A impunidade está em vantagem no mundo esportivo brasileiro porque os il...
[mas](#)

SrtaObservadora enviou um novo vídeo (1 semana atrás)

OinaTV - Dominique Strauss...
Programa sobre o escândalo da prisão do diretor gerente do FMI, Dominiqu...
[mas](#)

SrtaObservadora enviou um novo vídeo (2 semanas atrás)

Oinatv - A Língua falada e ...
O programa trata da polémica em torno do livro didático Por uma vida me...
[mas](#)

SrtaObservadora enviou um novo vídeo (3 semanas atrás)

OinaTV - Amor e Revolução ...
Ficção e realidade se misturam na novela Amor e Revolução, do SBT. Ambie...
[mas](#)

SrtaObservadora enviou um novo vídeo (1 mês atrás)

OinaTV - A morte de Bin Laden...
Programa fala sobre o fim a busca por Osama bin Laden, terrorista número...
[mas](#)

Comentários do canal (7)

rsano85 (1 mês atrás)
Fantástica, a iniciativa de enviar os programas para o Youtube, especialmente agora, que vêm completos e não divididos em blocos. Parabéns e muito obrigado!

MarcoOspaulOsilva (5 meses atrás)
Olá,
sou dependente desse canal, não consigo ver o programa da Tv, então, estou sempre assistindo por aqui. Muito obrigado!
Parabéns pelo trabalho!

StraussBR (7 meses atrás)
show seu canal

arquivoV (8 meses atrás)
Um dos melhores programas da TV!
Parabéns!

LeninAraujo (8 meses atrás)
perdi o último oi na tv ... ele será publicado no youtube?

jpduff (10 meses atrás)
Canal excelente! Continue postando.

irineuabo (10 meses atrás)
Olá,
Gostei do seu canal, parabéns !!

Adicionar comentário

FIGURA 11: Canal oficial do OI no *YouTube* (19/06/2011)

Recomendar 46 pessoas recomendam isso. Tweet 4 Facebook Email Print

OlnaTv - Amazonia longe da grande mídia - 14/06/2011
by SrtaObservadora

TV BRASIL

Observatório da Imprensa

00:28 / 52:17 360p

AMAZÔNIA LONGE DA GRANDE MÍDIA - Parte 1 de 1

twitter

Para receber o boletim

Newsletter

Fale Conosco RSS

OI NO RÁDIO

PROGRAMA 1572
>>Um tema de cada vez
>>Festival de incoerências
17/06/2011

PROGRAMA 1571
>>Liberada a marcha da maconha
>>As ruidosas ondas libertárias
16/06/2011

PROGRAMA 1570
>>A guerra da TV a cabo
>>Jornalismo de interesses
15/06/2011

PROGRAMA 1569
>>A mídia como freio social
>>Amazônia, assunto estranho
14/06/2011

TODOS PROGRAMAS

FIGURA 12: Visualização e distribuição direta no site OI (19/06/2011)

5.2.1.2. Twitter

Existem dois perfis de *Twitter* para o projeto OI. O primeiro foi adotado para o site “@observatorio” e o segundo para o programa no formato televisivo “@obstv”. O primeiro perfil dissemina os artigos publicados no site e, no dia 09 de junho de 2011, tinha 65.562 seguidores (Fig. 13). No dia 19 de agosto, o número de seguidores havia aumentado para 75.818, equivalente ao ingresso de 10.256 internautas, em 70 dias.

O segundo perfil do *Twitter* tem o objetivo de buscar público para as discussões que ocorrem ao vivo no programa transmitido pela TV Brasil. Ele possuía 1.566 seguidores (Fig. 14), em 09 de junho de 2011, e 70 dias depois passou a 1.733, acrescentando 167 seguidores.

Todos os seguidores recebem as postagens feitas pelo OI nos perfis do *Twitter* deles. A “boa” lógica é que eles se direcionem até o site e leiam os artigos, para depois comentarem e redistribuírem. No entanto, no *Twitter* há a possibilidade de retuitar a postagem sem precisar entrar no site e ler o conteúdo tuitado pelo OI. Nessa “má” lógica, muitos internautas passam a reproduzir artigos do OI compulsivamente aos seguidores deles, sem ao menos lerem o conteúdo, por somente se agradarem/contemplarem o título.



FIGURA 13: Twitter do site OI (09/06/2011)



FIGURA 14: Twitter do OI na TV (09/06/2011)

5.2.1.3. Facebook

A presença do OI no *Facebook* é o mais recente recurso adotado e, assim como no *Twitter*, possui duas páginas, sendo uma para o site “Observatório da Imprensa – site” e a outra para o programa televisivo “Observatório da Imprensa – Programa de TV”. Elas foram criadas junto à reformulação do site, a partir de junho de 2011. No dia 19 de agosto de 2011, a página do site no *Facebook* possuía 959 perfis integrantes/“curtidas”. Dentro de seis meses, a página do site recebeu 3.007 “curtidas”, chegando a 3.966 no total. Já a página do OI na TV possuía 2.839 “curtidas”, em 14 de fevereiro de 2012.

Essas “pessoas” que “curtem” as páginas recebem todas as postagens realizadas pelo OI em seus perfis no *Facebook*, podendo elas compartilhar e/ou comentar os artigos, após serem direcionados e os lerem no site. No entanto, na mesma “má” lógica do *Twitter*, esses internautas não precisam ir até o site do OI e lerem o artigo para expressarem algum tipo de comentário na *timeline* particular deles. Isso gera o comportamento comunicativo de reprodução e compartilhamento de artigos, sem um parecer pessoal do internauta sobre o assunto.

Uma restrição que prejudicou a análise da participação de internautas do OI no *Facebook* foi a política de privacidade dessa rede social on-line não permitir o acesso a perfis que não fossem públicos/abertos para todos ou de “amigos” do observador/pesquisador.

facebook Procurar

Observatório da Imprensa
Site

Mural

Observatório da Imprensa
Artigo de Alberto Dines

15 anos
O momento pede analistas e não ghost-writers - | Observatório da Imprensa | Observatório da Imprensa
www.observatoriodaimpresa.com.br

Há um clima de ruptura no mundo. Os porteiros das nossas redações perceberam algumas identidades na enxurrada noticiosa global e, finalmente, iniciaram uma costura vinculante. O inverno árabe (erroneamente designado como primavera, pois foi iniciado em janeiro-fevereiro deste ano), a primavera espan...

há 22 horas · Curtir · Comentar · Compartilhar

4 pessoas curtiram isto.

Escreva um comentário...

Observatório da Imprensa

15 anos
Sem golpear as máfias, nada feito - | Observatório da Imprensa | Observatório da Imprensa - Você nu
www.observatoriodaimpresa.com.br

O noticiário sobre o assassinato da juíza Patrícia Acioli pôs no primeiro plano, no sábado (13/8), a questão da segurança dos juizes. Destacou-se que Acioli estava sem escolta policial. Discutiu-se a criação de uma guarda especial para a Justiça, proposta em lei que tramita no Congresso. Interpretou...

15 de agosto às 11:05 · Curtir · Comentar · Compartilhar

4 pessoas curtiram isto.

Escreva um comentário...

FIGURA 15: Página do site OI no *Facebook* (19/08/2011)

facebook Procurar

Observatório da Imprensa
Programa de TV

Publicações relacionadas de amigos

Observatório da Imprensa
World Press Photo
Ver tradução

Maior concurso de fotojornalismo anuncia vencedores de 2011 - | Observatório da Imprensa | Observat
observatoriodaimpresa.com.br

O World Press Photo, maior premiação de fotojornalismo do mundo, anunciou nesta sexta-feira, 10, os vencedores da edição de 2011. Ganhou o prêmio de foto do ano o fotógrafo espanhol Samuel Aranda, por uma imagem tirada em Sanaa, no Iêmen, em outubro passado. Um homem ferido é segurado por uma mulher...

Curtir · Comentar · Compartilhar · 10 de Fevereiro às 18:08

12 pessoas curtiram isto.

2 compartilhamentos

Escreva um comentário...

Observatório da Imprensa compartilhou um link

Jornalismo entre o céu e a terra - | Observatório da Imprensa | Observatório da Imprensa - Você nun
observatoriodaimpresa.com.br

O Observatório da Imprensa exibido na terça-feira (7/2) pela TV Brasil, primeira edição inédita de 2012, veiculou uma entrevista de Alberto Dines com o premiado jornalista e escritor espanhol Juan Arias, correspondente do jornal espanhol El País no Brasil há 12 anos. Antes de desembarcar no Rio de

FIGURA 16: Página do OI na TV no *Facebook* (14/02/2012)

5.2.2. Categoria Revitalização

Essa categoria de análise está relacionada aos indícios das mudanças do site OI que proporcionaram otimização, deslocamentos e maior dinamismo, sobretudo nos aspectos de *design* gráfico e estético. A ideia dessa categoria está relacionada aos aspectos de renovação do questionamento inicial desta pesquisa sobre a superação/evolução dos suportes tecnológicos, em que as mudanças, nos mais variados tipos de mídias, precisam ser adotadas, no intuito de manter e conquistar novos usuários internautas.

Frente a isso, notamos que a estrutura geral do site está mais arejada, legível e harmoniosa. O internauta consegue perceber com mais definição em qual das 14 seções o texto está inserido (Fig. 17 e 18). Além disso, os recursos de acessibilidade, itens de participação, indicação e compartilhamento de conteúdos estão mais visíveis.

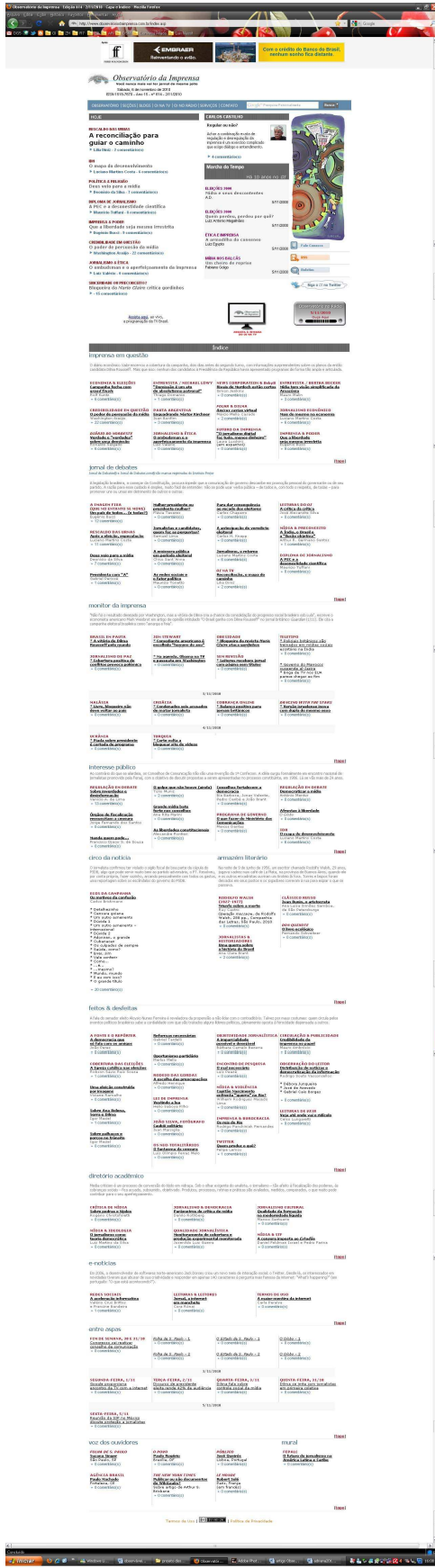


FIGURA 17: Site antes da revitalização

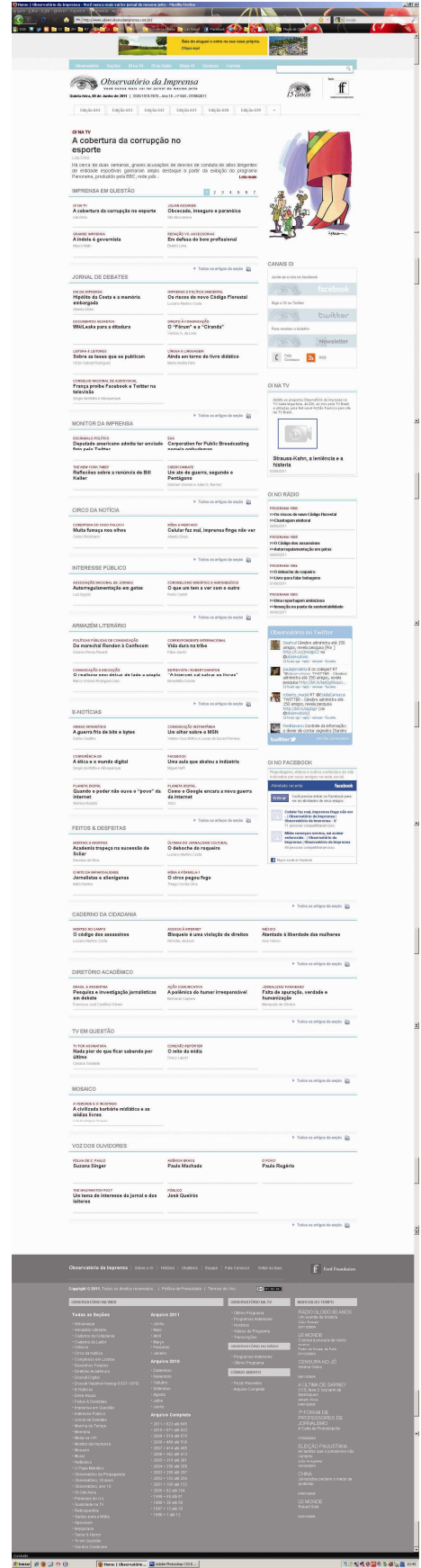


FIGURA 18: Site depois da revitalização

No site anterior, os artigos em destaque ficavam estáticos, enfileirados no lado esquerdo, com apenas um artigo em maior evidência (Fig. 19). Atualmente, os destaques ficam dispostos em forma de *banners*, com títulos em destaque que mudam a cada 30 segundos, em média. Além disso, acima dos destaques há acesso direto as seis últimas edições semanais. (Fig. 20).



FIGURA 19: Antes os artigos em destaque ficavam ao lado esquerdo do site, estáticos

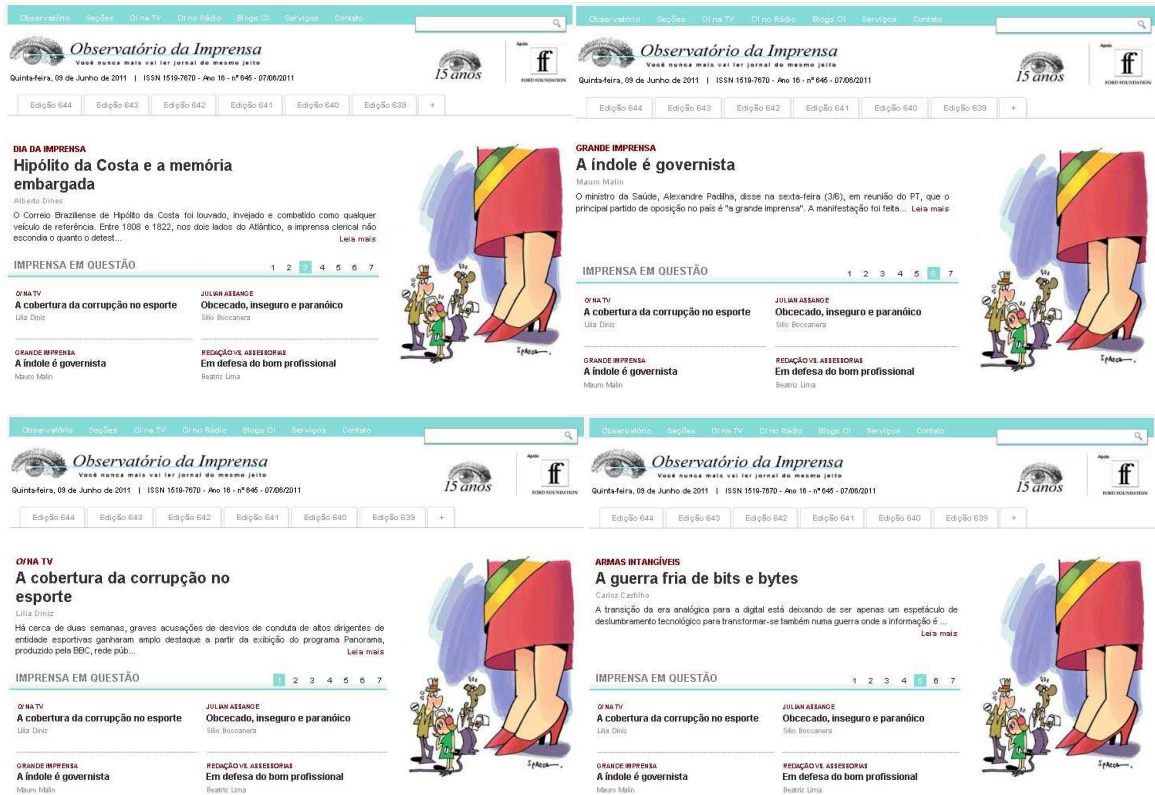


FIGURA 20: Atualmente, a cada 30 segundos, na horizontal do site, aparece um novo destaque

O espaço de comentário atual está mais visível, pois, no rodapé do artigo, a caixa de comentário aparece diretamente para o internauta digitar a sua opinião, sem precisar clicar em nenhum ícone a mais (Fig. 21).

Comente aqui	Comentários(16)	Sobre o autor	Outros textos deste autor
<p>Este é um espaço de diálogo e troca de conhecimentos que estimula a diversidade e a pluralidade de idéias e de pontos de vista. Não serão publicados comentários com xingamentos e ofensas ou que incitem a intolerância ou o crime. Os comentários devem ser pertinentes ao tema da matéria e aos debates que naturalmente surgirem. Mensagens que não atendam a essas normas serão deletadas - e os comentaristas que habitualmente as transgredirem poderão ter interrompido seu acesso a este fórum.</p> <p>ATENÇÃO: Será necessário validar a publicação do seu comentário clicando no link enviado em seguida ao endereço de e-mail que você informou. Só as mensagens autorizadas serão publicadas. Este procedimento será feito apenas uma vez para cada endereço de e-mail utilizado.</p>			
Nome		Sobrenome	
<input type="text"/>		<input type="text"/>	
E-mail		Profissão	
<input type="text"/>		<input type="text"/>	
Cidade		Estado	
<input type="text"/>		Selecione um Estado ▼	
Comentário		Confirme o código da imagem	
<input type="text"/>		 Recarregar imagem	
<input type="button" value="Enviar Comentário"/>			

FIGURA 21: Caixa de comentários está mais convidativa

Convém destacar que uma mudança importante foi em relação aos comentários, não aparece mais a profissão e o local de onde é o comentarista (Fig. 22). Porém, no momento de redigi-lo é exigido preenchimento de nome, sobrenome, e-mail, profissão, cidade e Estado. (Fig. 23).

Na estrutura antiga do site, os comentários de internautas eram acionados com o ineditismo da crítica, pela efervescência do tema no debate público, pois, os números de comentários a um artigo não aumentavam no decorrer das edições, permanecendo em média durante uma semana. Com o acionamento dos interdispositivos, é mais provável que os artigos circulem por mais tempo no espaço virtual, através das redes sociais on-line.

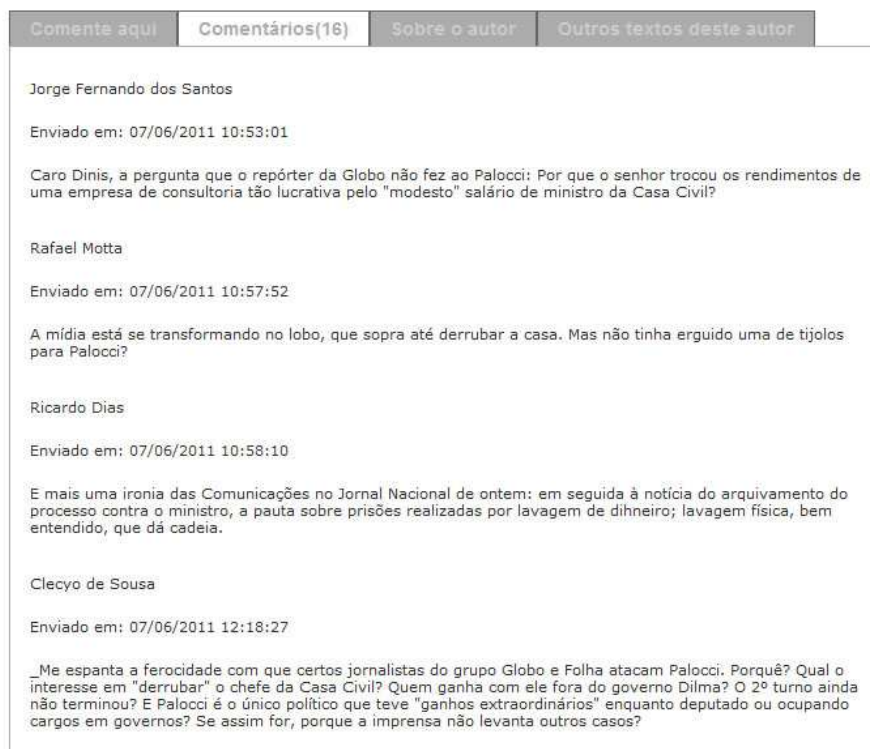


FIGURA 22: Nos comentários foram suprimidos a profissão e local de origem do comentarista

Pequenas supressões de conteúdos foram realizadas, como no menu principal, o item “Serviços” teve a extinção dos “Classificados”, o qual divulgava vagas e profissionais de comunicação. Outro descarte foi o *blog* “Observatório no Rádio”, sendo este elemento, agora, adotado como interdispositivo, integrante na estrutura do site.

A seção “Marcha do Tempo”, que tinha bastante destaque ao lado dos artigos principais, atualmente foi deslocada para os itens do rodapé do site. (Fig. 23 e 24). Depois dessa mudança, em algumas edições, o serviço “Net Banca” apresentou novos arquivos para *download* e está disponível junto a outras seções de destaque, dando maior acessibilidade e visibilidade (Fig. 25).

Observatório da Imprensa
 Você nunca mais vai ler jornal de mesmo jeito
 Sábado, 6 de novembro de 2010
 ISSN 1519-7670 - Ano 15 - nº 614 - 2/11/2010

Observatório | Seções | Blogs | Oi na TV | Oi no Rádio | Serviços | Contato | [Clique!](#) Pesquisa Personalizada

HOJE

RESCALDO DAS URRIAS
A reconciliação para guiar o caminho
 ▶ Lilia Diniz - 2 comentário(s)

IDH
 O mapa do desenvolvimento
 ▶ Luciano Martins Costa - 6 comentário(s)

POLÍTICA & RELIGIÃO
 Deus veio para a mídia
 ▶ Deonísio da Silva - 7 comentário(s)

DIPLOMA DE JORNALISMO
 A PEC e a desonestidade científica
 ▶ Maurício Tuffani - 8 comentário(s)

IMPRENSA & PODER
 Que a liberdade seja mesma irrestrita
 ▶ Eugênio Buccì - 9 comentário(s)

CREDBILIDADE EM QUESTÃO
 O poder de persuasão da mídia
 ▶ Washington Araújo - 22 comentário(s)

JORNALISMO & ÉTICA
 O ombudsman e o aperfeiçoamento da imprensa
 ▶ Luiz Valério - 0 comentário(s)

SINCERIDADE OU PRECONCEITO?
 Blogueira da *Marie Claire* critica gordinhos
 ▶ - 15 comentário(s)

CARLOS CASTILHO
Regular ou não?
 Achar a combinação exata de regulação e desregulação da imprensa é um exercício complicado que exige diálogo e entendimento.
 ▶ 4 comentário(s)

Marcha do Tempo
 Há 10 anos no *OI*

ELEIÇÕES 2000 Mídia e seus descontentes A.D.	5/11/2000
ELEIÇÕES 2000 Quem perdeu, perdeu por quê? Luiz Antonio Magalhães	5/11/2000
ÉTICA E IMPRENSA A armadilha do consenso Luiz Egypto	5/11/2000
MÍDIA NOS BALCÃS Um cheiro de reprise Fabiano Golgo	5/11/2000

FIGURA 23: “Marcha do Tempo” antes era destacada na parte superior direita do site

Observatório da Imprensa | Sobre o OI | História | Objetivos | Equipe | Fale Conosco | Voltar ao topo

Copyright © 2011. Todos os direitos reservados. | Política de Privacidade | Termos de Uso

OBSERVATÓRIO NA WEB

Todas as Seções

- Almanaque
- Armazém Literário
- Caderno da Cidadania
- Caderno do Leitor
- Ciência
- Circo da Notícia
- Congresso em Lisboa
- Desenhos Falados
- Diretório Acadêmico
- Dossiê Digital
- Dossiê Vladimir Herzog (1937-1975)
- ENotícias
- Entre Assas
- Fatos & Desfatos
- Imprensa em Questão
- Interesse Público
- Jornal de Debates
- Marcha do Tempo
- Memória
- Mídia na CPI
- Monitor da Imprensa
- Mosaico
- Mural
- Nettância
- O Papa Midástico
- Observatório da Propaganda
- Observatório, 10 anos
- Observatório, ano 10
- OI Otto Anos
- Palanque do tce
- Qualidade na TV
- Retrospectivo
- Saídas para a Mídia
- Speculum
- temporano
- Terror & Horror
- Tr em Questão
- Voz dos Ouvidores

Arquivo 2011

- Junho
- Mai
- Março
- Fevereiro
- Janeiro

Arquivo 2010

- Dezembro
- Novembro
- Outubro
- Setembro
- Ago
- Julho
- Junho

Arquivo Completo

- 2011 - 629 até 645
- 2010 - 571 até 622
- 2009 - 519 até 570
- 2008 - 466 até 518
- 2007 - 414 até 465
- 2006 - 362 até 413
- 2005 - 310 até 361
- 2004 - 258 até 309
- 2003 - 205 até 257
- 2002 - 153 até 204
- 2001 - 105 até 152
- 2000 - 52 até 104
- 1999 - 59 até 81
- 1998 - 38 até 58
- 1997 - 13 até 35
- 1996 - 1 até 12

OBSERVATÓRIO NA TV

- Último Programa
- Programas Anteriores
- Horários
- Vídeos do Programa
- Transcrições

OBSERVATÓRIO NO RÁDIO

- Programas Anteriores
- Último Programa

CÓDIGO ABERTO

- Posts Recentes
- Arquivo Completo

MARCHA DO TEMPO

RÁDIO GLOBO 60 ANOS
Um ouvinte da história
Célio Romão
09/11/2004

LE MONDE
O jornal à procura de novos rumos
Pietro de Souza, de Paris
07/10/2004

CENSURA NO JÓ
Verônica Glass
06/11/2004

A ÚLTIMA DE SARNEY
CCS, fase-2: tsunami de transtornos
Alberto Diniz
04/01/2005

7º FÓRUM DE PROFESSORES DE JORNALISMO
A Carta de Florianópolis
27/04/2004

ELEIÇÃO PAULISTANA
As tarefas que o jornalismo não cumpriu
Luiz Magalhães
18/10/2004

CHINA
Jornalistas perdem o medo de protestar
04/07/2005

LE MONDE
Robert Solé
02/01/2005

FIGURA 24: “Marcha do Tempo” foi deslocada para o rodapé do site



FIGURA 25: Serviço “Net Banca” ganhou mais destaque

O “Sistema de Busca”⁶³ de artigos está mais aprimorado. Ele separa os itens encontrados por tipos de interdispositivos: como site, TV, rádio e *blogs*. O recurso ainda disponibiliza o número de ocorrências da palavra procurada, em cada local, otimizando a pesquisa do internauta.

Para completar a renovação, a identidade visual foi reformulada, com o redesenho do logotipo original do OI. Também foi feito um logotipo comemorativo aos 15 anos do projeto (Fig. 26, 27 e 28).



FIGURA 26: Logotipo anterior



FIGURA 27: Logotipo atual

⁶³ Este recurso auxiliou na triagem da coleta de dados para o *corpus* 1 desta pesquisa.



FIGURA 28: Logotipo comemorativo aos 15 anos do projeto OI

No dia 12 de agosto de 2011, estreou um novo item no menu principal do site: o “Vídeos OI”, que dispõe de vídeos - hospedados no *You Tube* – após serem veiculados em emissoras de televisão, que apresentem um certo grau de polêmica, para que sejam analisados no seu estado de origem e debatidos entre os internautas. Nesse espaço, há as alternativas de comentar no rodapé do vídeo e distribuir/comentar nas redes sociais on-line. No exemplo abaixo, mostramos a postagem do “Vídeos OI” do dia 12 de dezembro de 2011, ela tratou do privilegiado tempo de 15 minutos do Jornal Nacional, da Rede Globo, dedicados à troca de âncoras do telejornal, em que saiu Fátima Bernardes e entrou Patrícia Poeta (Fig. 29). A polêmica era em torno do tempo dispensado para o anúncio da substituição e o gesto de – desnecessária - importância que foi dado ao fato pelos produtores jornalísticos.

VIDEOS OI

BONNER, FÁTIMA & PATRÍCIA

A novela do *Jornal Nacional*

06/12/2011 | 5 comentários

Recomendar 34 pessoas recomendaram isso. Seja o primeiro entre seus amigos.

Tweetar 0

Facebook Twitter Email Print A A



BONNER, FÁTIMA & PATRÍCIA - Parte 1 de 1

Este programa está dividido em 1 partes:

CANAIS DO OI

Facebook Twitter Newsletter

Canais Parceiros

OI NA TV

Assista aqui, ao vivo,
a programação de TV Brasil.



A DIVISÃO DO PARÁ EM
SEGUNDO PLANO

06/12/2011

OI NO RÁDIO

PROGRAMA 1636
>>A contradição ambiental
>>O Impasse continua
09/12/2011

PROGRAMA 1635
>>A pauta miope
>>Litigância de má-fé
08/12/2011

PROGRAMA 1634
>>A doação vira investimento
>>Lobby dissimulado
07/12/2011

PROGRAMA 1633
>>Uma cartada de alto risco
>>A reforma necessária
06/12/2011

TODOS PROGRAMAS

OBSERVATÓRIO NO
TWITTER

Juliano RT @observatorio
CPI r/avisoa S&E de

FIGURA 29: Seção “Vídeos OI”

5.2.3. Categoria Armazenamento

Essa categoria de análise é necessária para evidenciar o caráter muito peculiar ao meio digital, referente ao acúmulo de informações de domínio coletivo. Ela está relacionada aos indícios sobre a capacidade de memória do site OI, devido ao grande poder de acumular e estocar conteúdos críticos sobre a mídia. Constatamos com isso que o espaço virtual constituído pelo OI quebra limites físicos e encontra sua especificidade por ser um rico e extenso dispositivo de armazenamento de crítica sobre a mídia.

Com esse recurso, o internauta tem acesso à relação de artigos de todas as edições do OI, desde a sua fundação, em 1º de abril de 1996, até os dias atuais, no menu “Serviços”, “Edições Anteriores” (Fig. 30).

The screenshot shows the 'EDIÇÕES ANTERIORES' section of the OI website. It features a horizontal navigation bar with years from 2011 to 1998. Below this, a list of editions for the year 2011 is displayed, each with a number and date. To the right, the 'CANAIS DO OI' section includes links for Facebook, Twitter, and a Newsletter, along with a 'Fale Conosco' button and an RSS feed icon. At the bottom right, there is a section for 'OI NA TV' with a live stream link.

FIGURA 30: Todas as edições do OI estão armazenadas no próprio site

No formato televisivo, os programas desde 05 de maio de 1998, apresentam resumos e transcrições. A partir de 11 de agosto de 2009, os vídeos estão disponíveis na íntegra, para *download* e visualização, no *You Tube* e no site, no menu “OI na TV”.

Todos os boletins radiofônicos, desde 04 de maio de 2005, veiculados em rádios públicas, também estão disponíveis para ouvir direto no site, no menu “OI no Rádio”.

5.2.4. Relações em análises sobre as mudanças contextuais-comunicacionais do site

No novo site, as mudanças, em geral, são de ordem estética e de integração dos elementos potencializadores de interatividade e interação. Os conteúdos continuam praticamente os mesmos, porém a alteração foi na identidade visual e no design. A importante modificação está na integração dos recursos de rádio, TV e redes sociais. Assim, eles passaram a figurar como interdispositivos, dentro de um dispositivo maior, que é o site e todos os seus recursos tecno-tecnológicos e semiointeracionais acoplados. A primeira percepção sobre o site, depois da renovação, é de que ele está em movimento, mais dinâmico e em atualização constante, convergindo e distribuindo conteúdos críticos na internet.

As redes sociais on-line passaram a ser partes integrantes do OI, facilitando a distribuição, irradiação e dispersão da crítica. Esses são recursos que apagam os limites físicos, pois funcionam como portas de saída para difusão de conteúdos e tiram a impressão de que o site esteja isolado no seu ambiente, como era anteriormente. O crescimento

expressivo de internautas nos perfis do *Twitter* e do *Facebook* do OI se dá por dois fatores: além de ser uma tendência do comportamento de usuários brasileiros na internet a adesão a essas redes sociais on-line, é obrigatório estar inserido nelas para distribuir os conteúdos do site.

Na estrutura do OI, alguns deslocamentos foram necessários, como a seção “Marcha do Tempo” que passou de conteúdo principal a conteúdo secundário. Isso pode ter sido uma solução para dar mais ênfase aos assuntos atuais e imediatos, em discussão no âmbito midiático, por serem os que geram maior participação dos internautas. A disponibilização mais visível do serviço “Net Banca” é um atrativo a mais para os especialistas em comunicação que frequentam o site e pode ajudar a fidelizá-los.

O aperfeiçoamento do “Sistema de Busca” facilitou o acesso direto aos artigos e é uma melhoria importante para um site que possui um vasto arquivo. Acredita-se que, pelo caráter ilimitado de armazenamento de conteúdos, o OI torna-se um modelo de memória da crítica, tanto sobre as práticas jornalísticas quanto a questões sociais. Hajam vista que as produções deste dispositivo apresentam uma diversidade crítica especialista e leiga que estimulam uma cultura de opções pessoais, de formação de opinião sobre os descaminhos ou acertos da mídia e a afetação que isso provoca nos demais setores da sociedade.

Esteticamente, o site já estava defasado e isolado, com uma estrutura não muito facilitadora e interessante de navegação. As mudanças foram necessárias para explorar as potencialidades oferecidas no ambiente digital, principalmente, com os acionamentos e distribuição através das redes sociais on-line, que passaram a convidar mais leitores internautas a ingressarem no processo crítico-interacional do OI. Dar movimento ao site e ampliar o tráfego de dispersão e convergência de conteúdos e usos foi uma decisão inevitável para o “projeto de fala” do OI, justamente pelas tendências e comportamentos comunicacionais atuais dos sujeitos na internet, como vimos nos dados estatísticos apresentados neste trabalho.

5.3. ANÁLISES DAS INTERAÇÕES EM CIRCULAÇÃO

Este subcapítulo apresenta as análises das relações entre níveis interacionais a partir do OI, como forma de articulações entre midiaticização e crítica de mídia, sob a perspectiva microestrutural - semiointeracional e considerando a contextualização comunicacional construída sob a dimensão tecno-tecnológica, focando nos aspectos relacionados às três

categorias concretas de análise: “Rito comunicativo”, “Tática de irritação” e “Reflexão fragmentada”.

Foram formados dois *corpora* para verificar, primeiro, como os interlocutores interagem em contextos comunicacionais distintos e, em segundo, as práticas e formas de linguagens, assim como as relações possíveis sobre processos semiinteracionais e de crítica de mídia, como explicamos com mais profundidade no subitem 3.2.

5.3.1 Artigo Dilma Presidente: Os primeiros silêncios

O Artigo 1: “Dilma Presidente: Os primeiros silêncios”⁶⁴ trata do primeiro discurso da presidente eleita, Dilma Rousseff, alegando controvérsias na fala dela. O texto está embasado em dois eixos argumentativos: o primeiro afirma que a preferência de Dilma em ser chamada de “presidenta” é ambígua e está relacionada ao desejo dela em ser considerada **“muié do Lula”** (sic) (Deonísio da Silva). O segundo eixo julga como controverso o discurso de Dilma ao dizer que **“não guarda ressentimento ou rancor”**, pois, ela silenciou o reconhecimento dos **“méritos de Itamar Franco e de FHC, que arrumaram o país que Sarney e Collor, aliados dela e de Lula, esculhambaram”** (sic) (Deonísio da Silva).

Um aspecto importante a ser destacado como indício é que a construção dessa crítica ocorre a partir de um acontecimento político e não de uma prática jornalística, ou seja, não parte de uma construção noticiosa sobre um acontecimento político, configurando-se como uma crítica política.

No total, 110 internautas expressaram suas opiniões, somente no rodapé do artigo, pois na data de publicação, 04 de janeiro de 2011, ainda não havia o recurso de compartilhamento no *Twitter* e *Facebook*. A crítica gerou manifestações durante uma semana, de 04 a 11 de janeiro de 2011. Atualmente, o artigo está visível e integrado às redes sociais on-line, porém, não há acionamentos de nenhum interdispositivo do OI. A seguir, serão aplicadas as categorias concretas de análise:

5.3.1.1. Rito comunicativo

Depois de descrevermos os argumentos desse artigo, observamos os direcionamentos das falas entre articulistas e comentaristas. Nos casos específicos desses gêneros opinativos

⁶⁴ Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/os-primeiros-silencios>

em debate, pressupomos que naturalmente haja contradições – Discordância ou Concordância - entre os interlocutores. Com isso, o esforço analítico é evidenciar discursos cujo traço constitutivo seja o de compactuar ou não com a opinião do articulista, assim como a dos demais comentaristas e verificar se o debate é contemplativo ou embativo, estendido ou sintético.

A posição do articulista Deonísio da Silva é de oposição ao primeiro discurso de Dilma, desqualificando o termo que passou a ser usado por ela: “presidenta”. Além disso, para o articulista, a não citação de nomes de ex-presidentes da oposição refletiu a mágoa e o rancor que ela disse não sentir, por isso a avaliação como contraditório e o emprego do título: “Primeiros silenciamentos”.

A contemplação da ideia do articulista que identifica a Categoria Rito Comunicativo pode ser exemplificada no discurso do comentarista:

Comentário 1 (C1): R.F. Enviado em: 05/01/2011 11:53:27. **“Deixo registrado o meu apoio ao seu texto, prof. Deonísio (sic). É um alento saber que ainda há intelectuais dispostos a criticar métodos e posturas do grupo político que hoje domina o governo. Esse é o papel dos pensadores independentes: criticar os erros e falhas de qualquer governo. Infelizmente, isso tem sido raro no ambiente cultural brasileiro, dominado por militantes raivosos e amargurados que combatem qualquer sinal de crítica, tidas por eles como sabotagem e tentativa de golpe contra um governo progressista. Não deixe de se manifestar nesse observatório, mesmo este sendo 99% vermelho.** Um forte abraço”.

Na participação do internauta acima, ainda que concordasse, o comentarista se estendeu e desenvolveu um raciocínio, justificando sua posição, em meio ao bombardeio de opiniões contrárias ao do articulista, remetendo um ponto de credibilidade ao instaurador do debate, quando disse que a postura de crítica ao governo é “o papel de pensadores independentes”, que não estão vinculados a um partido político. R.F fez um pedido ao articulista: que ele não deixasse de proferir suas ideias no OI, já que, segundo o comentarista, o site é representado, na sua maioria - “99%” - por partidos de esquerda. Essa participação utilizada como exemplo é entendida como rito, não pelo nível de interação fraco, ou sem desenvolvimento, pois, o comentarista argumentou com clareza sua posição a favor. No entanto, o comentário se enquadra nessa categoria por expressar o aspecto de contemplação e apoio ao articulista, possibilitando o mínimo de equilíbrio na interação.

Outro exemplo do que entendemos como Rito Comunicativo está no C2, em que o comentarista concordou e parabenizou Deonísio da Silva pelo artigo e por um dos nove comentários que o próprio articulista fez em relação ao que os outros comentaristas estavam

manifestando. J.F.S, assim como R.F no C1, estendeu-se na argumentação para sustentar sua posição a favor.

C2: J. F. S. Enviado em: 04/01/2011 16:58:21. “Caro Deonísio, quero cumprimentá-lo (sic) pelo presente artigo e pelo comentário de sua autoria registrado junto ao dos leitores. Concordo em número, gênero e grau com suas palavras. Os radicais, não importa a cor ideológica, geralmente são imbecis e não veem a verdade mesmo quando ela se fantasia de Carmen Miranda. Lula e seus seguidores tentam negar o passado. Oxalá não sejam negados pela história futura. Também fui e sou contra a reeleição de titulares do poder executivo. A mundaça (sic) da lei foi, a meu ver, o grande erro de FHC.

Destacamos que no Artigo 1, em específico, mesmo que concordantes, os comentários foram prolongados e complexos, pelo fato de apresentarem argumentos que justificavam suas posições. É importante ressaltar que esse artigo foi debatido em um momento em que não havia a integração oficial às redes sociais on-line. Com isso, supomos que a grande participação dos internautas no rodapé do artigo pode ter sido ocasionada pela inexistência desse recurso de ordem tecnológica.

5.3.1.2. Tática de irritação

A partir dessa categoria concreta de análise entendemos que há elementos discursivos que proporcionam o incêndio do debate, ou seja, estimulam o sistema a irritar-se com o ambiente, através de acoplamentos estruturais. Isso acontece quando há uma disputa de poder argumentativo entre os interlocutores, os quais têm como base as suas autorreferências e heterorreferências no espaço de construção crítica. O que acende o debate são as diferenças trazidas do ambiente e inseridas no sistema, convertidas em informação, alimentando um sistema autofortificado pela suas próprias ações.

A palavra “debate” cabe muito bem ao Artigo 1, em especial, já que observamos que o articulista, Deonísio da Silva, reingressou nove vezes no espaço de comentários com argumentações complementares às iniciais, apresentadas no artigo. Pelo menos dez comentaristas esquentaram a discussão, reingressando de duas a 18 vezes no espaço de comentários. Eles contestaram sobre ideologia, partidatismo, militância, formação intelectual e profissional deles sobre os outros e dos outros sobre os outros. Utilizaram expressões irônicas e engraçadas. Citaram profissionais de comunicação/personalidades políticas que não estavam no debate. Recomendaram outras fontes de informação e expuseram seus currículos

durante as argumentações, para justificarem suas opiniões, como forma de se autoafirmarem para impor suas ideias.

Este artigo em análise é emblemático para evidenciar o bombardeio de contestações. A maior parte dos comentários foi em desacordo severo à abordagem do articulista. No C3, R.O. lembrou um suposto equívoco do articulista e “convidou-o” a rever o discurso de Dilma, que, segundo o comentarista, ela agradeceu aos presidentes que a antecederam.

C3: “R. O. Enviado em: 04/01/2011 12:54:26. **O autor cometeu um engano.** (...) Em uma passagem do discurso, caso o autor se dê ao trabalho de pesquisar, verá que **Dilma agradece a todos os governos anteriores**, dizendo que cada um, em seu tempo, dentro das possibilidades, contribuiu para o momento que vivemos”.

No C4, J.A. começou seu discurso dizendo que já tinha decidido que não participaria mais do debate explícito do OI, porém, teve que voltar atrás. Ele lembrou que em outros momentos, o mesmo articulista já tinha elogiado Dilma Rousseff. O comentarista conclui desqualificando o OI por esses tipos de instabilidades, por parte dos articulistas.

C4: “J.A. Enviado em: 04/01/2011 13:50:36. Eu prometi a mim mesmo que **nunca mais comentaria artigos aqui do OI**, mas depois deste acima, fica difícil manter a promessa. (...) Sim, a história é caprichosa. Quanta gente se esquece do que escreveu, não é? **Elogia um dia, desmerece no outro...** Conhece quem escreveu este texto, Sr. “intelectual”? Só rindo mesmo...a memória de um “intelectual” é assim mesmo...risos. **É por esta e por outras parecidas que muitos deixam de ler o observatório.** Quanta arrogância e impertinência”.

O comentarista R.P (C5) amenizou a polêmica do debate ponderando que o articulista pode chamar Dilma tanto de presidente quanto de presidenta, pois as duas formas estão certas, além disso, ele concorda em que a palavra “presidenta” reforce a questão de gênero. No entanto, o comentarista não estava em acordo quando o articulista disse que quem organizou a política no Brasil, após a Ditadura Militar, foram os presidentes Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso. Para R.P. quem fez isso foi o ex-presidente Luiz Inácio da Silva. No final ele elogiou o suposto ato de Dilma não ter citado os seus antecessores.

C5: R.P. Enviado em: 05/01/2011 00:59:03. “Como o próprio autor reconheceu, **nada de errado em dizer "presidenta"**. (...) **Reforçar o**

caráter feminino da presidenta é algo legítimo. Se o Sr. Deonísio da Silva (sic) preferir chamá-la de presidente, não faz, também, nenhum mal. (...) **Quanto ao acerto do país (se é mesmo que está acertado), ele não coube a Itamar ou FHC, mas a Lula, e só a Lula. Fez bem a presidenta de citar quem deve”.**

Após as primeiras manifestações de comentaristas, o articulista reingressou no debate para contestar e autoafirmar-se no espaço de comentário. Esse procedimento ocorreu nove vezes. A partir disso, surgiu a contestação da contestação (C6). M.B. ressalta que para o exercício do debate, os textos devem ser simples e as posições devem ser respeitadas. Sendo assim, as manifestações eram somente respostas discordantes ao texto do articulista.

C6: “M. B. Enviado em: 04/01/2011 17:41:08. “Quem tá na chuva tem que usar guarda-chuva, se não, molha. **Quê que é isso intelectual?!?! O povo se posicionou diante do que entendeu. O governo FHC foi ótimo, só que o povo não entendeu as entrelinhas, as citações, a economia, a reeleição, os adjetivos fora de contexto. E não gostou de ser tratado como burro. Uma das normas sobre os textos jornalísticos trata da simplicidade do texto para ser entendido pelo povo. Seu texto foi bem simples e todo mundo entendeu. Como vivemos numa democracia, com liberdade de imprensa e de expressão, o povo se expressou. Jornalistas e intelectuais não gostam do contraditório?”.**

Um dos principais “combustíveis” do debate é a ironia, o sarcasmo, a jocosidade e até mesmo ofensas, pois, instiga os participantes a duelarem suas capacidades intelectuais, argumentativas e expressivas. Na instauração do debate, o articulista utilizou termos burlescos: **“Ela (Dilma) foi recebida no Brasil profundo como “a muié do Lula” (sic)** (Deonísio da Silva). Essa expressão teve um ar jocoso e preconceituoso sobre o nível intelectual da população brasileira. Remeteu ao primeiro eixo de argumentação do autor, quando ele diz que foi proposital a escolha do termo presidenta, pois Dilma desejava ser aceita pela população, assim como foi recebido o seu antecessor, Lula.

Durante o debate, alguns comentaristas também usaram expressões que remeteram a xingamentos, como o C7,

C7: M. S. Enviado em: 04/01/2011 14:10:53. “O e A Pretendente ; O e A Superintendente; O e A Inocente O e A Presidente. Simples assim ... qualquer variação não vai pegar; logo, A "Presidenta" está fadada a não pegar mesmo; e **não venham com bobagens do tipo "linguagem popular", "elites e Príncipe FHC" (sic) e outras tolices esquerdo-lulistas”.**

Alguns elaboraram melhor suas ironias, como o C8 que acusou o articulista de preconceituoso, por não gostar do “cheiro do Brasil”, por ter utilizado o termo “muié do Lula” para se referir à presidenta Dilma. O articulista mencionou os termos pejorativos que Deonísio da Silva empregou em seu artigo, o apontando como intelectual arrogante e defensor do “Príncipe FHC”, em detrimento da imagem de “burrinho”, “bêbado” e “desesperado” que articulista buscou remeter a Lula.

C8: “M. J. Enviado em: 04/01/2011 12:10:51. (...) **imagino que o missivista é dos que não gosta do cheiro do Brasil** que ele chama de “profundo”.....O preconceito não se contem e começa a vaziar a partir do termo:.."**a muié do Lula**"..... segue maroto no jogo de palavras e ainda se arroga como de “conversa clara”.....Depois volta ao ataque com as palavras “**burrinho**”, “**bêbado**” e “**desesperado**”....e como bom “**intelectual**” **arrogante** continua firme, e mais claro em seu intento:....Quer o reconhecimento a FHC e para isto usa um Itamar como trampolim. Mas o mais bonito vem no final. Conclama os intelectuais ao dever, e mesmo sabendo que só 4 % vão lhe atender (entender)... Conclama seus pares a não abandonarem seus postos e a defenderem **o seu príncipe FHC**”.

O C9 apresentou um jogo de palavras aludindo a pronúncias que viraram gozação depois do uso delas pelo ex-presidente, referido no comentário como “o tal Lula”: “Nunca antes na história deste País”. O comentarista fez um deboche sobre a “presidentE” Dilma, pois, segundo ele, ela “oPTou” pela gozação também. N.J.P caçoa que agora o Brasil tem o “Complexo da Búlgara”, referindo-se à abordagem da mídia ao tratar sobre a origem de Dilma, que tem pai, irmão e parentes que viveram e vivem na cidade de Gábrovo, na Bulgária.

C9: N. J. P. Enviado em: 04/01/2011 19:45:56. “Houve e há e haverá muita mazorquice nesta política deste país!. **(Aliás, "neste" ou "deste" país já teve até um "significado" político no tempo da tal ditadura "militar")!**. **Mas, depois que o tal Lula passou a "pronunciá-los" virou gozação!**. Pois, a tal ditadura "militar" já havia sido derrubada!. Aliás, já havia caído!. **Mas, se a presidentE Dilma oPTou (sic) (talvez inconscientemente) pela gozação, então, lá vai: Agora além do Complexo do Alemão temos também o Complexo da Búlgara!. Rarárá!**. PS. Se quiserem "debater" um PAÍS (País!) seriamente debateremos!. Se não quiserem -se optarem pelo esculacho- então tomem go.za.ção!”.

No C10 o comentarista desferiu sua convicção sobre a organização da militância petista na participação do OI e que quando é feita uma crítica que fere os companheiros – “auzz cumpanhêro”, os quais o comentarista chama de “São Lulla” e “Mãe Dilmah”, os militantes fazem um escudo para seus protegidos. B.E.D utiliza propositalmente uma linguagem onomatopaica - “noçço prezidênti”, “azzopinião dozzotro” – para expressar que a maioria – que ele chama de “totalitários” - que se posicionou contra o articulista, utilizaram desde a forma coloquial à culta, inclusive com erros ortográficos para desqualificar o articulista, visto por ele como o “intruso” do espaço, já que *a priori* quem domina o OI são os militantes, conforme início do comentário. No final o comentarista expôs sua consideração para com os comentaristas militantes desacatando-os explicitamente, porém com elegância, como estúpidos e vigaristas intelectuais.

C10: “B. E. D. Enviado em: 04/01/2011 20:13:56. A militância (sic) se crê dona absoluta desse espaço do OI. Tanto é verdade que basta ver o patrulhamento hidrófobo que se segue a cada comentário ou mesmo artigo que considerem “inimigo”. **Jamais é admitida a mínima crítica auzz cumpanhêro (sic)** – pior ainda se fundamentadas com base na realidade objetiva: aquela que eles temem e renegam como o diabo à cruz. Textos equilibrados e sensatos, pra eles, só aqueles que se rastejam em prantos de esguicho de agradecimento compungido por **São Lulla e Mãe Dilmah** existirem (precisamente como o **noçço prezidênti (sic)** costuma reagir diante do Fidel, por ex.). Neste texto em particular os totalitários vão do pouco caso à norma culta do idioma à exaltação ostensiva da ignorância, passando pelas desqualificações de praxe à pessoa do “intruso”, como manda o manual. Eles gostariam que fosse assustador, mas por enquanto é “apenas” alarmante: daí sua obsessão em controlar e punir a mídia e **“azzopinião dozzotro” (sic)**. Mas é que eles já dão isso também como favas contadas, daí tamanha virulência. **No Brasil pós PT o que falta em decoro e competência abunda em estupidez e vigarice intelectual”**.

Apesar da maioria dos comentaristas ter se lucubrado para articular a favor ou contra o articulista, houve um exemplo contra uma das opiniões do articulista (C11), que simplesmente utilizou um recurso de linguagem irônico para ridicularizar Deonísio da Silva. Esse comentário, apesar de ser breve, auxiliou o acendimento polêmico no decorrer do debate, já que foi o quarto comentário, logo no início das participações. O comentarista refere-se aos agradecimentos de Dilma em seu primeiro discurso, o qual o articulista criticou quando disse que não foram mencionados os ex-presidentes Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso. O comentário-pergunta de E.F é se Dilma deveria ter começado os agradecimentos a partir do navegador e explorador português, creditado como o descobridor do Brasil, Pedro Álvares Cabral.

C11: E. F. Enviado em: 04/01/2011 11:52:23. “**Deveria começar a lista de agradecimento por Pedro Alvares Cabral?**”.

Outro recurso de linguagem encontrado nos materiais do OI é a autoafirmação é uma forma de mostrar um discurso positivo e seguro de si mesmo, para gerar credibilidade e inspirar confiança no que é dito. Esse posicionamento pode aparecer de forma pessoal, quando é destacada alguma qualidade particular do debatedor, ou impessoal, quando é indicado algum outro caminho, para sustentar o que está sendo argumentado. Nesta análise, a categoria relaciona signos linguísticos utilizados pelos integrantes do debate para despertar esses sentidos, como forma de disputa de egos⁶⁵, ou seja, colocarem em evidência o núcleo de suas personalidades para sobressaírem-se.

Ainda no artigo em análise, no lançamento da discussão, o articulista tentou impor sua função: “É meu dever de intelectual apontar essas contradições” (Deonísio da Silva). Depois do debate instaurado, o articulista reinseriu-se nove vezes na circulação, no espaço de comentários, para expor seu currículo e precedentes, apontando número de livros publicados, veículos de comunicação nos quais atuou e atua. Esses argumentos do articulista no espaço de comentário serviram para que ele repreendesse o comentarista M.J, dizendo que para discordar não é preciso desqualificar (C12).

C12: deonísio da silva. Enviado em: 04/01/2011 18:28:14. “Ao sr. M. J. , Sao Paulo-SP - Analista. **Eu tenho 33 livros publicados, entre contos, romances e ensaios. Em diversas línguas.** Se o sr. nunca soube de mim, que posso fazer? Também nunca soube do senhor! Respeito é bom e eu gosto. (...) **Na VEJA escrevi sobre o mensalão. Escrevo uma coluna semanal na revista CARAS desde o primeiro número. É de etimologia. Eu acho que minha presença ali, como tanta gente qualificada já reconheceu, melhora a revista.** Assim também acham seus editores! Há colunas sobre outros assuntos. O sr. tem qualificação para fazer reparo às páginas e colunas da Caras? Pois, publique-os! Não desqualifique o saber alheio com o que o sr. ignora! **Para discordar, não é preciso desqualificar aquele de quem se discorda (...)**”.

M.J, citado por Deonísio da Silva no comentário, fez questão de duelar com o ego do articulista, expondo seu histórico de vida profissional, pessoal e familiar, falando da sua

⁶⁵ Ferreira, E. M. L. da Mota (2006) estuda a “comunicação dos egos” como uma instância do aparelho psíquico que se constitui através das experiências do indivíduo e exerce, como princípio de realidade, função de controle sobre sua personalidade, sendo que grande parte do seu funcionamento é inconsciente. Segundo a autora, o ego controla o comportamento humano, ou seja, apesar de muitas motivações serem determinadas pelo inconsciente, podem ser condicionadas pelo contexto que o indivíduo se insere.

origem, formação de sua esposa e filhos, dizendo-se bem-sucedido, porém não se acha melhor do que ninguém. Além disso, o comentarista revelou seu voto em Dilma e reforçou que a opinião do articulista é recalcado da “elite provinciana” sobre a vitória de Dilma (C13):

C13: M. J. Enviado em: 07/01/2011 21:33:42. **“Sou graduado em economia e pós-graduado em análise de sistemas, falo inglês e espanhol....nos meus 50 anos já rodei boa parte do Brasil e algumas do mundo....de analista de sistemas passei a pequeno empresário e provavelmente tenho bens e renda superiores as suas....nasci em uma família paulistana que sabia dar valor a cultura e aos ensinamentos cristãos....minha esposa é formada em história com mais de 30 de estudos e pesquisas.....tenho filho no direito e outro na economia, ambos da USP.....desde dezembro estão em férias nos EUA....e ainda este ano um deles embarca para ficar por um tempo na Europa....entre nossos amigos temos professores, juizes, pastores, advogados, engenheiros, empresários, políticos, escritores e etc.....Mas nada disto me faz melhor que ninguém, nem melhor que você nem melhor que qualquer pintor ou metalúrgico....Votei na Dilma e penso que está na hora da oposição perceber que não haverá terceiro turno....a cada resposta sua fico pensando onde pretendem chegar os que não se conformam com a democracia e com a possibilidade do outro ter razão e capacidade de realizar....por mais que esperneiem, aos poucos esta ideia provinciana de “Elite” vai se dissolvendo....e em breve não é será mais possível aos expulsos do templo insuflar o povo para que escolham Barrabás..... Aliás, ao que me consta Jesus Cristo não frequentou escola....”**

Alguns comentaristas apresentaram fragmentos bíblicos (C13), noticiosos, históricos e políticos, e indicaram outras fontes, através de *links*, para sustentarem seus argumentos C14.

C14: M. R. Enviado em: 07/01/2011 08:49:17. **“(...) Segue um pequeno trecho, escrito por uma mulher, sobre essa polêmica rasa "Pilar del Rio: Só os ignorantes é que me chamam presidente. A palavra não existia porque não havia a função, agora que existe a função há a palavra que denomina a função. As línguas estão aí para mostrar a realidade e não para a esconder de acordo com a ideologia dominante, como aconteceu até agora. Presidenta, porque sou mulher e sou presidenta." Está no site do Azenha. <http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/so-os-ignorantes-me-chamam-presidente-diz-a-presidenta.html>”.**

Depois de disperso o primeiro comentário, os desvios desandaram em uma prática discursiva de autoafirmação, ironia, piadas e agressões verbais proferidas entre alguns participantes do debate. Nesta análise, cerca de dez comentaristas mantiveram o debate aceso durante uma semana completa. Assuntos totalmente fora do tema central apareceram como desestabilizadores da discussão, como o C15 que cita o processo de defesa de uma tese de

doutorado ser igual para todos, independente da representatividade política e social de quem defende.

C15: W. B. Enviado em: 07/01/2011 14:31:08. Sr. B. D., As boas Universidades não brincam, nem vendem e nem doam títulos de Doutor. Nem consideram as posições ideológicas do doutorando. **Mercadante defendeu seu doutorado na Unicamp nas mesmas condições de qualquer outra defesa de doutorado.** Com a diferença de haver muitos holofotes da mídia, por se tratar de um político. Sua tese foi avaliada e criticada por uma banca de amplo espectro ideológico. Se foi aprovada, foi porque cumpriu os requisitos mínimos da formação de um doutor, que é mostrar que sabe utilizar a metodologia científica para desenvolver pesquisa. É isto que é um doutor. E não significa nenhuma pompa nem privilégio...”.

Alguns comentaristas tentaram observar e estabilizar o debate para voltar à temática inicial, como o C16 de Z.S.B, que fez uma análise geral sobre todas as participações, três dias depois do início delas. Ele avaliou que naquele momento, a “vaca teria ido para o brejo com bezerro e tudo”, uma expressão utilizada para dizer que o debate estava totalmente descaminhado para o rumo das autoqualificações de um comentarista em detrimento de outro. Para Z.S.B todos estavam perdendo a oportunidade de realizar um debate educado e civilizado.

C16: Z. S. B. Enviado em: 07/01/2011 15:12:36. “**A coisa até que começou bem. "Presidente" ou "Presidenta"?. Uns e outros trouxeram colaborações interessantes. Depois de certo momento, porém, a coisa degradingolou e a vaca foi para o brejo com bezerro e tudo.** Em vez da discussão centrada nos argumentos começou o “**Sabe com quem você está falando?” Ou “como ousas, oh vil membro da plebe ignara, do alto da tua monumental ignorância, contestar o meu qualificado, nobre e titulado saber?”**. E aí tivemos a citação dos títulos, das qualificações e das obras publicadas... Se fosse um concurso de títulos não teríamos dificuldade em apontar o vencedor. Ninguém apresentou biografia tão brilhante. Mas em se tratando apenas de um debate creio que perdemos todos. **Perdemos principalmente a oportunidade de um debate educado e civilizado”**.”.

5.3.1.3. Reflexão fragmentada

Essa categoria relaciona parte do debate nos aspectos de uma possível operação reflexiva, a partir dos “projetos de fala” e argumentos contidos nos fragmentos críticos lançados pelo OI, ou seja, buscamos identificar algum tipo de reflexão formulada, dentre as inúmeras possibilidades e probabilidades de interações críticas entre articulistas e comentaristas despertadas no leitor internauta que pode, ou não, expor sua formulação crítica

no espaço oferecido pelo OI. No entanto, entendemos que através dos materiais analisados, podemos chegar a algumas inferências mais pontuais de acordo com nossos objetivos, perguntas e proposições de pesquisa.

Neste artigo analisado, nos 110 comentários gerados, a maioria dos leitores internautas entendeu que o articulista não era favorável à eleição de Dilma e que o artigo era uma forma velada de expor esse sentimento, como mostra o C17.

C17: m. c. s. c. Enviado em: 04/01/2011 10:44:59 “(...) Acho que você pensa que **o dever do intelectual é arranjar "pretextos" para (mal) desfarçar (sic) sua má vontade com a eleição da Dilma.** Pelo menos foi isso que eu senti, lendo o seu texto (...)”

O ponto alto do debate aconteceu na transversalidade e diversidade de utilização de “Táticas de irritação”, principalmente, pelos signos linguísticos irônicos, cômicos e de autoafirmação. Os nove reingressos do articulista no debate - como comentarista, mostrou um comportamento inusitado para o modelo regrado pelo OI, gerando uma ruptura com o protocolo. No entanto, apesar de não ser destinado ao articulista, entendemos que reinserção dele foi produtiva para o debate, no sentido de gerar mais polêmica e posições com esforço argumentativo raro para o espaço da crítica na internet, mesmo quando se era a favor.

Entretanto, esse comportamento conflitante gerou desvios na discussão. O que não significou empobrecimento da interação, mas uma nítida dispersão do tema. Destacamos um último elemento importante para essa categoria que foi a metarreflexão gerada por esse desvio, como mostra o C16, em que a ponderação do internauta é tão lúcida que foi possível que ele fizesse uma avaliação sobre o debate, estando dentro dele.

5.3.2. Artigo Palocci e os 3 porquinhos: Mídia começou serena, vai acabar enfurecida

O Artigo 2: “Palocci e os 3 porquinhos: Mídia começou serena, vai acabar enfurecida”⁶⁶ tratou de um fato ocorrido no início do mês de junho de 2011: a série de entrevistas exclusivas para grandes empresas de comunicação – Rede Globo e Folha de São Paulo - que o então Ministro da Casa Civil, Antonio Palocci, concedeu para defender-se de

⁶⁶ Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/midia-comecou-serena-vai-acabar-enfurecida>

acusações sobre enriquecimento ilícito. Nesse mesmo dia, horas depois da postagem do artigo no OI, foi divulgado à população que Palocci deixaria o cargo público.

A argumentação do articulista Alberto Dines desenvolve-se em três eixos: o primeiro foi afirmar que Palocci era protegido de Dilma. Durante todo o artigo, o autor utilizou recursos de linguagem metafóricos. Na cartola do artigo, a expressão: “Palocci e os três porquinhos”, chama atenção não só pela relação que pode ser feita com a conhecida história infantil, mas pela construção de sentido relacionada ao *meme*⁶⁷ que a presidente Dilma ajudou a criar para os seus coordenadores de campanha presidencial, os petistas Antonio Palocci, Eduardo Dutra e José Eduardo Cardozo⁶⁸.

O segundo eixo do argumento de Alberto Dines foi que Palocci era protegido por parte da grande imprensa, porém, dessa vez o desfecho seria outro. O articulista sustentou a ideia de que Palocci conseguiu arregalias da mídia em várias oportunidades e que **“a corporação midiática uniu-se para preservá-lo”** (Alberto Dines). No entanto, dessa vez, o insucesso das entrevistas exclusivas à Rede Globo e Folha de São Paulo, para se explicar ao Brasil sobre denúncias de enriquecimento ilícito, **“dissolveram magicamente”** a imagem de Palocci.

O terceiro eixo do artigo encarregou-se de condenar a suposta cumplicidade do Procurador Geral da República em arquivar a investigação sobre Palocci. O articulista julgou que isso desgastou a imagem do ministro-chefe. Além disso, a imprensa que também desempenhou cumplicidade poderia **“sair salpicada”** por não saber **“ser Quarto Poder”**. A solução sugerida por Alberto Dines a Palocci era que ele se demitisse do cargo.

Diferente do Artigo 1, essa crítica foi construída a partir de um julgamento sobre as práticas jornalísticas, ou seja, os modos de construção noticiosa da grande imprensa sobre o acontecimento político, configurando-se como uma crítica de mídia. O título do artigo já revelava a abordagem: **“Mídia começou serena, vai acabar enfurecida”**. Ao todo, 16 internautas comentaram nos rodapés dos artigos. A circulação da crítica permaneceu do dia da postagem, 07 de junho de 2011, até o dia 1º de julho de 2011, quando não foram mais postados comentários e nem acionados os interdispositivos das redes sociais. Naquele

⁶⁷ No contexto da internet, “meme” é a transmissão de informação de um internauta para outro, em analogia à linguagem como vírus. Em outras palavras, é quando alguém cria e outros reproduzem em exponencial escala, atingindo um grande número de internautas, os quais não precisam necessariamente compactuar com a ideia/mensagem do *meme*.

⁶⁸ O termo “Os três porquinhos”, utilizado como referência aos petistas Antonio Palocci, Eduardo Dutra e José Eduardo Cardozo, virou *meme* na internet. O termo ficou famoso em novembro de 2010, quando a então presidente eleita Dilma Rousseff brincou, em público, referindo-se ao trio de políticos responsável pela coordenação da sua campanha. Fonte: Revista Exame. Vídeo disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=dg8bwlsalsq&feature=player_embedded#!

período, de acordo com o sistema de contagem do site OI, houve 64 compartilhamentos do artigo via *Twitter* e 51 via *Facebook*⁶⁹.

5.3.2.1. Rito comunicativo

O Artigo 2, em relação ao Artigo 1, foi mais equilibrado na discussão, no rodapé – 8 a favor, 5 contra e 3 indefinidos. Apesar disso, a maioria dos comentários foi a favor da opinião de Alberto Dines de que Antonio Palocci estava sendo protegido por Dilma e por parte da imprensa. A posição do articulista foi certa ao prever/sugerir o pedido de demissão de Antonio Palocci, pois segundo Alberto Dines, dessa vez, a construção noticiosa não ajudaria o político, pois já estava com a imagem pública prejudicada. O C18 se enquadra na categoria Rito Comunicativo por contemplar a opinião do articulista, elogiando-o pela sabedoria peculiar e também pela acusação sobre a mídia “chapa branca” proteger Palocci, em vez de noticiar sobre ele nas páginas policiais.

C18: C.T. Enviado em: 07/06/2011 12:35:09. “Alberto Dines com sua **sapiência que lhe é peculiar**, acerta com sua maravilhosa luva de pelica o contingente de **veículos de comunicação "chapa branca"**, nesse triste episódio que envolve um servidor público, que tornou-se figura constante na crônica política, ao invés de **estar na policial...**

5.3.2.2. Tática de irritação

Constamos uma tática de irritação já no título do artigo, em que o articulista abriu o texto utilizando figura de linguagem metafórica, que denotou comicidade:

Um dos três porquinhos teve um problema de saúde e licenciou-se da presidência do PT (José Eduardo Dutra). Outro, Antonio Palocci, vem sendo assado em fogo brando há mais de três semanas. Sobrou um, todo fagueiro, o agora ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo e, naturalmente, a fada-madrinha, criadora da trinca e da sua alcunha, a presidente Dilma Rousseff (Alberto Dines).

⁶⁹ A constatação desses números foi conferida em outubro de 2011, porém, em fevereiro de 2012, junto ao artigo o sistema de contagem de compartilhamento do site estava zerado, remetendo que não havia sido realizada nenhuma distribuição de artigos nas redes sociais on-line.

A resposta de um comentarista, que entendeu a piada, se aproximou da linguagem utilizada pelo articulista. No C19, R.M associou a imagem da mídia a do lobo mau, da mesma história infantil que deu origem ao *meme*, aludida no artigo. No entanto, o comentarista julga, em concordância com o articulista, que a própria mídia que enalteceu Palocci, agora poderia derrubá-lo:

C19: R. M. Enviado em: 07/06/2011 10:57:52. “**A mídia está se transformando no lobo**, que sopra até derrubar a casa. **Mas não tinha erguido uma de tijolos para Palocci?**”.

No geral, os comentaristas utilizaram de ironia e metáfora, correspondendo à linguagem utilizada pelo autor do artigo. Entretanto, houve contestação sobre a incoerência do articulista em reclamar a quebra de sigilo fiscal do caseiro Francenildo dos Santos Costa⁷⁰ e não reclamar a quebra de sigilo fiscal de Palocci, que, segundo o C20 só deixou rastros por declarar todo seu patrimônio.

C20: “C. S. Enviado em: 07/06/2011 22:04:24. Só uma pergunta Sr. Dines. **Porque a suposta quebra de sigilo fiscal do caseiro, que ganhou 40.000,00 do pai, filiado ao DEM é sob sua ótica um atentado ao estado de direito e a quebra de sigilo do Palocci, que declarou tudo oficialmente e só por isso deixou rastros, não faz parte de sua indignação????**”

O C21 contrariou as argumentações do articulista, dizendo que não há provas sobre o que Alberto Dines está dizendo. Segundo a comentarista, isso pode ser caracterizado como perseguição política a Palocci, a quem ela não tem muita simpatia. No entanto, no estado atual da política brasileira está sendo chamado de moralização e ética.

C21: C.C. Enviado em: 07/06/2011 16:31:55. Dines, **nem morro de amores por Palocci, mas falar em Estado de Direito, em mais um episódio de acusação sem provas, exigência de condenação antecipada, clamor por julgamento político e tb, quebra de sigilo, é meio forte. Um dia isso já foi chamado de perseguição política. Hoje chamamos de moralização e ética na política (...)**”.

⁷⁰ Caseiro que acusou Palocci, então Ministro da Fazenda no governo Lula, de frequentar uma mansão, em Brasília, chamada pela mídia de “Casa do Lobby”, onde, segundo o denunciante, aconteciam reuniões, churrascos e festas com a presença de garotas de programa. Fonte: Portal G1.

Outra forma de contrapor o argumento de Dines apareceu no C22, quando J.A.B disse que há divergências na fala do articulista. Ele apontou quebras ilegais de sigilos fiscais e esquemas de corrupção realizados pelo partido de oposição, Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), e também afirmou que Palocci não era queridinho da mídia, pois ela havia prejudicado o político em duas ocasiões. A contestação do comentarista fecha-se com a conclusão sobre a mídia querer “comer o governo Dilma pelas beiras”:

C22: “J. A. B. Enviado em: 07/06/2011 18:36:50. "Queridinho do empresariado e da mídia,(...)" Epa! Epa! Epa". **Tem alguma coisa esquisita aqui. Pra começo de conversa: quem quebrou o sigilo de Palocci na Prefeitura de São Paulo e a serviço de quem? Ninguém fala. Quando Palocci quebroU o sigilo do caseiro o mundo veio abaixo.** Segundo: acusam Palocci de ganhar dinheiro, o que pra qualquer invejoso é crime, independente de como o outro o tenha ganho. **Das empresas do Serra com Daniel Dantas em nome da filha daquele, só nos "blogs sujos" é que se vem alguma referência.** Terceiro: Palocci é "queridinho da mídia" que já o ferrou duas vezes... paciência, né? Eu não vou com a cara do Palocci, mas não sou burro de não perceber que tão comendo o governo Dilma pelas beiradas, oh! Chamar-me de otário, não, né? Já armaram o cerco de novo pra derrubar mais um governo? Que diabos de país é este em que a direita, quando não dá golpes usando militares ficar a tentar golpes o tempo inteiro usando seus ratos de redação?”

No caso do artigo apresentado por Alberto Dines, não há elementos fortes de autoafirmação. Constata-se que , por Dines ser uma figura conhecida e reconhecida da crítica jornalística, autoafirmar-se não é um recurso utilizado por ele. Já os comentaristas buscaram autossuficiência no debate contestando a opinião do articulista. Essa é uma forma de disputa de egos, em que se utiliza da desqualificação ou intimidação do opositor como forma de expressões para convencer sobre determinada opinião, como mostram os exemplos C23, C24 e C25.

C23: J. L. A. Enviado em: 08/06/2011 08:19:11. **O Sr. Alberto Dines ao que parece, quer um emprego na Folha (...)**”

C24: C. S. Enviado em: 07/06/2011 22:04:24. **Só uma pergunta Sr. Dines. (...) não faz parte de sua indignação????**”

C25: J. A. B. Enviado em: 07/06/2011 18:36:50. **"Queridinho do empresariado e da mídia,(...)" Epa! Epa! Epa". Tem alguma coisa esquisita aqui. Pra começo de conversa (...)**”.

Nesse artigo, não houve desvios importantes. Isso pode ter sido ocasionado por não ter um número expressivo de comentários como no Artigo 1. No entanto, T.Z (C26) elucidou sua descrença de que o político seria punido, inserindo na argumentação um caso semelhante de outro sujeito político. Esse exemplo não caracteriza desvio, mas faz uma alusão para que o comentarista desenvolva sua indignação sobre a injustiça que ocorre no Brasil, onde um sujeito “miserável e esfomeado” que furta “um pote de manteiga” fica mais tempo preso na cadeia do que um político corrupto que rouba milhões dos cofres públicos.

C26: T. Z. Enviado em: 07/06/2011 15:22:41. “Uma pena que toda essa panfletagem da mídia em torno de Palocci não dará em nada... **Lembremos de José Sarney! Depois de tantos escândalos, Estadão sendo censurado (e autocensurado), está ele no mesmo lugar, bonitinho da Silva!** Isso só para citar um único exemplo. Pena que **o brasileiro, miserável e esfomeado, fique mais dias na cadeia por roubar um pote de manteiga do que qualquer um de nossos- vergonhosos e corruptos- políticos.** Acho que já se pode fazer uma paródia da famosa frase: "Pegar um real que não lhe pertence é roubo, pegar milhões é estatística”.

5.3.2.3. Reflexão fragmentada

Para identificarmos as possíveis reflexões geradas a partir desse debate apreendido no material de análise, sistematizamos a participação dos internautas nos rodapés dos artigos e os acionamentos quantitativos dos interdispositivos de dispersão e convergência *Twitter* e *Facebook*. Os comentários foram acionados durante o ineditismo do artigo, entre o dia de postagem, 07 de junho, e o dia seguinte, 08 de junho de 2011. Porém, as redes sociais circularam conteúdos até quase um mês depois da postagem da crítica, até o dia 1º de julho – 25 dias.

As operacionalidades reflexivas, a partir do Artigo 2, apresentaram um equilíbrio entre concordância e divergência, e ao mesmo tempo possuíam comentários estendidos e bem argumentados, utilizando irritações de cunho metafórico, irônico, agressivo, cômico, etc. Mesmo quando breves, os comentários acrescentaram alguma informação, fazendo emergir a diferença na alimentação do debate, contrapondo ou reforçando o que já tinha sido dito pelos interlocutores, como no C27, em que o comentarista concordou sem dizer, simplesmente, que concordava:

C27: J. F. S. Enviado em: 07/06/2011 10:53:01. “Caro Dinis (sic), a pergunta que o repórter da Globo não fez ao Palocci: **Por que o senhor trocou os rendimentos de uma empresa de consultoria tão lucrativa pelo "modesto" salário de ministro da Casa Civil?**”.

A reflexão a partir do que foi trocado entre artigo e comentário pode ser percebida no C28, em que um comentarista respondeu o comentário feito e direcionado por outro comentarista ao articulista. Nesse estágio do debate, apesar de Alberto Dines ser chamado diretamente (C27), não reingressou no debate, ou seja, não quebrou o protocolo como fez Deonísio da Silva.

C28: M. F. Enviado em: 07/06/2011 13:44:53. “**Prezado J., a resposta para sua pergunta é simples:** o salário é a última renda que esses tubarões usam como sustento. E a única que podem comprovar licitamente”.

Além do diálogo transversal entre comentaristas, que caracteriza o uso correto do termo debate, houve análises sobre o comportamento e interesses da grande mídia sobre o tema Palocci, como um desdobramento da temática que estava sendo tratada no artigo, porém focada nas boas práticas e ética jornalística. No C29, percebemos que a proposição do argumento ocorre a partir da ideia de que a mídia, tanto nacional quanto internacional, funciona de acordo com o que a empresa de comunicação pensa, sobressaindo os interesses comerciais. W.A. qualifica esse comportamento como ridículo e sensacionalista.

C29: “W. A. Enviado em: 07/06/2011 19:52:53. “Vários defendem o Palocci, assim como vários o acusam, principalmente **a mídia, que talvez tenha seus motivos, pois como sempre segue caninamente a cartilha dos padrões!**(...) O que lamento, é **nossa "imprensa" e alguns "jornalistas" ficarem repetindo que nem papagaios, notícias que podem enganar alguns trouxas, pois estamos em falta de verdadeiros jornalistas investigativo (sic). Temos somente manchetes sensacionalistas ao invés de notícias sérias, fundamentadas, e conclusivas.** Pena que as verdades e o profissionalismo estejam tão em baixa, e a imprensa, não só nacional, estão ridicularmente contribuindo para este cenário!”.

5.3.2.4. Relações em análises dos artigos 1 e 2

Este subcapítulo apresenta inferências e formulações sobre as análises dos indícios de interações realizadas nos Artigos 1 e 2, considerando o panorama macro-tecno-tecnológico - de transformação - contextualizado.

Sobre os aspectos semiointeracionais, percebemos que a crítica no OI não está circunscrita somente no âmbito das práticas jornalísticas, no que é produzido e veiculado pela imprensa, mas também nos acontecimentos políticos e sociais, nas suas origens. Portanto, dentro do nosso limite observável, no OI há pelo menos dois tipos de crítica a “crítica sobre a mídia” e “crítica sobre a política”. Todavia percebemos superficialmente, durante as explorações empíricas, que existem outros tipos de crítica dentro do OI como: a acadêmica, a de sociedade, a literária, a cultural, a ambiental, a esportiva, a histórica, a de tecnologia, etc.

O espaço de comentários de internautas é o recurso mais importante do site, pois, é nesse espaço que se expõem, impõem, esclarecem e se formam novas opiniões, em meio à multiplicidade e extensão argumentativa. Assim, a opinião é formada com mais embasamento, a partir de uma escala de diferentes valores e níveis de interação, identificada nesse ambiente pelas categorias concretas de análise “Rito comunicativo”, “Tática de irritação” e “Reflexão fragmentada”. Verificamos que os comentaristas representam parte importante da produção do OI, e não somente os articulistas que expressam suas opiniões em lugar de destaque.

De acordo com o material analisado, no projeto de fala de alguns comunicantes comentaristas parece haver uma espécie de militância, voluntária ou involuntária, em que eles expressam com assiduidade suas opiniões no site e também há os que colocam suas críticas a partir de um ângulo metarreflexivo sobre o processo comunicacional do espaço do OI. Percebemos com isso que alguns comentaristas não se agradam, ou menosprezam o espaço oportunizado, mas precisam estar nele.

Inferimos que depois da mudança do site, mesmo facilitada a participação dissertativa, com a disposição direta da caixa de comentário, abaixo do artigo, não houve uma considerável manifestação de internautas, ou um aumento de participações com exposições mais reflexivas. A lógica de funcionamento seria que aumentasse a inserção de internautas no debate do OI, além disso, no Artigo 2 o assunto era bastante difundido em toda a mídia brasileira e o texto foi postado no dia em que Palocci demitiu-se do cargo de Ministro-chefe da Casa Civil.

Constatamos que na nova estrutura de participação intensificaram novos tipos de externalizações, através das redes sociais on-line. No entanto, o número de comentários no Artigo 2 é muito menor do que no Artigo 1 – este que ainda não tinha disponível oficialmente esse recurso de distribuição, resultando em um quadro comparativo díspar de 110 *versus* 16 comentários.

No entanto, uma situação de cunho metodológico precisa ser revelada: após oito meses da publicação do Artigo 2, ao verificarmos se o quadro de distribuição nos interdispositivos havia se modificado, deparamo-nos com a exibição de compartilhamentos zerada. Ou seja, no site, as estatísticas de compartilhamento que coletamos não estão mais visíveis. Essa constatação nos alertou sobre a instabilidade e a confiança dos dados apresentados pelo site OI no quesito compartilhamento nas redes sociais on-line, já que eles podem ser modificados/apagados/alterados a qualquer momento.

A seguir, apresentamos o acompanhamento da evolução/regressão de participação ocorrida a partir do Artigo 2, de acordo com os dados do site (Tabela 1).

MOVIMENTAÇÃO DO ARTIGO 2	POSTAGEM EM 7/06/2011	24 HORAS EM CIRCULAÇÃO	25 DIAS EM CIRCULAÇÃO	31 DIAS EM CIRCULAÇÃO	8 MESES EM CIRCULAÇÃO (7/02/2012)
COMENTÁRIOS	12	15	16	16	16
COMPARTILHAMENTOS NO TWITTER	52	52	64	64	0
COMPARTILHAMENTOS NO FACEBOOK	32	46	51	51	0

TABELA 1: Artigo 2 circulou durante 25 dias e, depois de 8 meses, teve contagem de compartilhamento zerada

Entendemos que a complexificação dos processos semiinteracionais, por meio de recursos tecno-tecnológicos, está relacionada ao acesso do aumento do fluxo comunicacional. Todavia, unificar os conteúdos do site para ampliar quantitativamente o processo interativo do OI não representa a salvação da construção de crítica sobre a mídia na internet, pois, empiricamente, não há garantia qualitativa da formação de opinião quando não há observação empírica.

A partir dessas reflexões, formamos proposições questionando as reconfigurações nos processos semiinteracionais do site e a legitimidade do processo de distribuição, baseados na suposição de que a adoção das redes sociais on-line pode ter diminuído o número de comentários de internautas, via postagem, nos rodapés dos artigos. Presumimos que os leitores do site passaram a preferir acionar os interdispositivos de dispersão a exporem explicitamente suas interpretações e opiniões sobre os assuntos dos artigos.

5.3.3. Artigo Collor & Globo: A História revisada



FIGURA 31: Destaque sobre o caso Collor e Globo no debate presidencial de 1989

O artigo “Collor & Globo: A História revisada”⁷¹, de Luciano Martins Costa, foi publicado no OI no dia 29 de novembro de 2011, no site do OI, depois de ser veiculado o áudio no OI no Rádio. O texto trata da entrevista do ex-diretor da TV Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, ao canal pago Globo News (26 de novembro de 2011), revelando que houve manipulação no debate entre os presidentiáveis Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Collor de Mello, na eleição de 1989⁷². Na entrevista, Boni disse que foi procurado pela assessoria de Collor para que fosse montada uma imagem que favorecesse o apoio do “povo”. Boni então aconselhou Collor a tirar a gravata, passar glicerina no rosto para parecer suado e colocar sobre a bancada do debate pastas vazias, para simular dossiês contra Lula.

A entrevista concedida por Boni gerou várias abordagens na imprensa brasileira. O articulista Luciano Martins Costa adotou como referência a produção jornalística do Jornal Folha de São Paulo, que já era um desdobramento da entrevista de Boni, informando que Collor havia negado que sua assessoria tivesse pedido ajuda ao então executivo da TV Globo para favorecer a sua imagem, mas afirmou que tinha contato direto com “o Doutor Roberto” - Roberto Marinho, presidente da Rede Globo, na época.

⁷¹ Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_historia_revisada_1

⁷² Entrevista disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=vrrpurekmjku&feature=player_embedded#!

O artigo de Luciano Martins Costa aborda a versão do atual diretor da Central Globo de Jornalismo, Ali Kamel, que afirmou à reportagem da Folha que o então presidente da Globo, Roberto Marinho, orientou Boni a auxiliar o candidato para o debate, e que o episódio, se era factível no contexto histórico da época, hoje seria impossível na emissora. A opinião do articulista é que essa é uma evidência do histórico de que a Globo, ao longo da história, sempre favoreceu seus candidatos preferidos em suas produções televisivas em geral.

O Artigo 3 ficou em destaque no site na edição semanal nº 670 (Fig.31) e gerou nove comentários explícitos no rodapé, entre os dias 29 e 30 de novembro de 2011. Foram realizados, até o dia 18 de fevereiro de 2012, 67 compartilhamentos no *Twitter* e 45 no *Facebook*.

5.3.3.1. Rito Comunicativo

A sistematização para a observação desse material atende também aos propósitos de analisar como se deu a distribuição da crítica iniciada do OI até as redes sociais on-line. Sobre esse material, discorreremos e analisamos mais adiante, em uma subseção específica sobre as redes sociais on-line.

No espaço de comentários, no rodapé do artigo, identificamos a participação inicial – primeiro comentário (C30) como Rito Comunicativo, pois, essa manifestação, embora utilize a comicidade: “Ah tá... e eu sou o Bozo!”, reproduz, literalmente, parte do texto apresentado pelo articulista:

C30: S. R. Enviado em: 29/11/2011 10:32:44. “ **‘e que o episódio, se era factível no contexto histórico da época, hoje seria impossível na Globo’** Como diz meu filho: Ah tá... e eu sou o Bozo!”.

5.3.3.2. Tática de irritação

Entre as táticas “irritantes” identificadas no Artigo 3, destacamos o C31, ele pondera que seria preciso averiguar as versões a favor e contra os fatos. Citou, ainda, a edição da Revista Imprensa, na época, que flagrou repórteres, com broches do PT, entrevistando Collor. O comentarista lembrou que depois o próprio Lula e seu companheiro de partido José Genuíno, reconheceram que não tinham tido um bom debate. A reclamação continuou com a indignação de que todos criticam a Globo, porém, ninguém tem coragem de criticar Lula que

permaneceu tendo contato/recebendo com Collor, mesmo depois de tudo que aconteceu. O argumento de O.L.S.J é finalizado com a queixa de que o OI “quer vender a ideia furada” de que somente a imprensa de esquerda e alternativa são imparciais e isentas. Ele desqualifica ironicamente que os articulistas do veículo se comportam como “paladinos da justiça”, mas acabam perdendo credibilidade pela falta de coerência em seus argumentos.

C31: O. L. S. J. Enviado em: 30/11/2011 16:36:16. “Seria bom revisar também a história **pelo outro lado**. Na época a revista Imprensa publicou uma matéria de capa, intitulada **Cai a máscara da isenção da imprensa brasileira**, (...) divulgou-se que jornalistas petistas cobriam as matérias de entrevistas com Collor com broches do PT. O próprio Lula depois e José Genúino, **reconheceram que ele foi mal no debate** (..) até hoje criticam a Globo, mas **não tem coragem de criticar o Lula que recebeu Collor na sua mesa no palácio do Planalto**, depois de tudo o que ?le lhe fez (sic). Querem vender uma idéia furada de que **só a chamada imprensa alternativa (argh) ou de esquerda seria isenta**, e também **o que é pior que isso acontece no próprio Observatório da Imprensa, com alguns jornalistas que se comportam como paladinos da justiça, e portanto perdem credibilidade na hora de criticar a imprensa**, poderiam ao menos tentar disfarçar.

Outro comentário (C32) trouxe vários elementos “irritantes” para endossar e complementar a opinião do articulista sobre a Globo ter favorecido Collor, durante a disputa que o elegeu: um programa inteiro do Globo Repórter que tinha como temática “O caçador de marajás”⁷³. Outro fato do argumento do comentarista foi a declaração da presidente da Associação Nacionais de Jornais (ANJ) e diretora do Jornal Folha de São Paulo, Judith Brito, em entrevista em outro veículo, dizendo que a mídia ocupou o lugar de partidos políticos e tentam convencer/“manipular” a opinião do público. Além disso, o comentarista julga que a cobertura da mídia favoreceu a imagem do político do PSDB, José Serra, durante a eleição presidencial de 2010 e do prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, do Partido Social Democrático (PSD⁷⁴).

⁷³ Enquanto era governador de Alagoas, Collor combateu alguns funcionários públicos que recebiam salários altos e desproporcionais, apelidados de “marajás”. Essa ação lhe rendeu este título, dado pela imprensa antes mesmo de sua candidatura à presidência. Como exemplo, na capa da Revista Veja de 23 de março de 1988 a manchete foi “Collor de Mello: o caçador de marajás”, com uma foto de Collor em pose altiva que continha como fundo um cavaleiro com uma espada em punho, em posição de batalha. Fonte: Revista Veja. Disponível em: http://veja.abril.com.br/arquivo_veja/capa_23031988.shtml.

⁷⁴ O PSD foi criado em setembro de 2011, encabeçado pelo atual prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, a partir de políticos dissidentes de partidos como Democratas (DEM), Partido Progressista (PP), Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Partido Popular Socialista (PPS) entre outros. Fonte: Portal PSD.

C32: L. S. Enviado em: 30/11/2011 13:00:15. (...) Já se esqueceram do **Globo Reporte (sic) "O caçador de marajás"**, que praticamente lançou o Collor para todo o Brasil? Se isso não foi uma tentativa, aliás bem sucedida, de lançar uma candidatura, eu não sei o que é. (...) A declaração da **diretora da Folha e Presidente da ANJ, Judith Brito** no Instituto Milênio, de que **a Mídia substituiu os Partidos Políticos**, não deixa a menor dúvida sobre como **tentam manipular a opinião pública**. **A ascensão do Kassab e a "cobertura" do Serra são outros bons exemplos da influência da Mídia na política**".

O C33 é o único comentário que aborda somente a questão da prática jornalística/midiática fazendo uma metáfora irônica e até pejorativa em relação à Rede Globo. Associa a imagem dos funcionários da emissora a ratos a serviço dos marujos, que segundo ele, seriam os grandes detentores de poderes dentro da empresa de comunicação, podendo ser tanto Roberto Marinho, vivo na época, ou Ali Kamel, que se manifestou em nome da emissora.

C33: M. I. Enviado em: 29/11/2011 22:25:14. **Quando até os ratos começam a confessar que pilharam o navio, como os marujos vão fingir que a comida não sumiu?**

O comentarista B.E.D. (C34) é fidelizado no espaço de comentário (Ver C10), pois possui certa frequência nas suas participações – segundo observações empíricas, sempre se posicionando com sarcasmo e ironia contra suposta militância esquerdista que acredita ter no espaço do OI. Nesse fragmento de sua participação, ele enumera itens para ponderar que a Globo está do lado de quem está no poder. Ele esclarece que a Globo sempre defendeu seus candidatos preferidos, porém, depois que chegou a “Era Lula” a emissora, em especial, protegeu o ex-presidente de si mesmo durante os seus “patéticos” oito anos de governo. Para o internauta, atualmente a Globo “Dilmou” de vez, ou seja, agora preserva a imagem da presidente Dilma Rousseff.

C34: B.E.D. Enviado em: 29/11/2011 12:03:49. “Dando de barato que: 1) **a Globo “sempre manipulou informações durante disputas eleitorais para favorecer seus candidatos preferidos”**, e 2) mantendo a dúvida sobre o que “Ali Kamel não esclarece” no contexto histórico, cumpre perguntar: **e porque seria diferente na “Era Lulla” (sic)** em que todos os meios de comunicação (inclusive e principalmente a Globo!) **se especializaram em resguardar e defender o ex-presidente de si mesmo durante seus patéticos 8 anos e mais ainda hoje, que a Globo “dilmou”**

de vez, (sic) contando com o auxílio luxuoso (!) até do Jabor, para quem a presidanta (sic) é uma pessoa “muito culta”! **Ora, se cara de pau matasse...**”.

5.3.3.3. Distribuições nas redes sociais on-line

No corpo de texto do Artigo 3: “Globo & Collor: História Revisada”, de Luciano Martins Costa, há a informação que houve cinco indicações de internautas direto do site para o *Twitter*. No mapeamento feito nessa rede social on-line, no mesmo dia de publicação do artigo, 29 de novembro de 2011, cerca de 24 horas após, o *Twitter* levantou 27 perfis, até aquele momento. O recurso utilizado para essa constatação foi o mecanismo de busca do *Twitter* através dos termos: “A história revisada”, “Globo & Collor” e “A história revisada Globo & Collor”.

No *Facebook*, o site do OI mostrou 42 recomendações/“curtidas”, porém essa rede social tem uma limitação de observação considerável, já que fica exposto ao observador somente compartilhamentos de perfis de amigos ou que estão configurados como públicos.

5.3.3.3.1. Rito Comunicativo

Ao fazermos o mapeamento de tuítes relacionados ao Artigo 3 constatamos locais de reprodução do artigo, como o site AdNews, que tem como objetivo “alimentar o mercado de propaganda, tecnologia e mídia”⁷⁵; o *blog* SobretudoNews, que “seleciona informações e perspectivas sobre tudo o que é, ou deveria ser, notícia”⁷⁶; o site Coletiva.net, uma revista digital que tem como público-alvo profissionais de comunicação do Rio Grande do Sul⁷⁷, entre outros, todos citando a fonte de origem: o site OI.

No site AdNews, o artigo foi reproduzido no mesmo dia de publicação do site OI e também possuía a opção de distribuição nas redes sociais on-line *Twitter*, *Facebook*, *Google +*, além de avaliação do artigo no próprio site.

⁷⁵ Reprodução disponível em: <http://adnews.uol.com.br/pt/artigos/a-historia-revisada.html>

⁷⁶ Reprodução disponível em: <http://www.politicaexterna.com/8792/entre-as-pas-historia-do-brasil-revisada>

⁷⁷ Reprodução disponível em: http://www.coletiva.net/site/artigo_detalhe.php?idartigo=2495

The screenshot shows the AdNews website interface. At the top, there is a navigation menu with links like 'Capa', 'Quem Somos', 'Cadastre-se', 'Comercial', 'Contato', 'AdnewsTV', 'Adnews em Revista', 'Mobile', and 'PORTUGUÊS'. Below the menu are logos for 'adNEWS', 'Canalmail', and 'PwC'. The main content area features an article titled 'A História revisada' dated 29 de novembro de 2011. The article includes a photo of two men, a text block, and a 'Polêmica' section. To the right, there are sidebars for 'Patrocínio' (HOTWords), 'Notícias Relacionadas' (a list of related news items), 'Burti no facebook' (a social media link), 'Receba notícias no seu email' (a newsletter sign-up), and 'Mais Vistos' (a list of popular news items).

FIGURA 32: Reprodução do Artigo 3 no site AdNews

Os perfis selecionados para análise no *Twitter* correspondem a um terço do total de menções ao artigo “Globo & Collor: História Revisada” naquelas primeiras 24 horas depois da publicação⁷⁸. Os tuítes que remetem a simples *linkagem*, repetição e mera reprodução do conteúdo crítico originado no site OI, estão enquadrados na Categoria Ritual Comunicativo por apresentarem somente uma referência ao artigo-*link*, sem nenhum tipo de posicionamento do distribuidor-internauta.

⁷⁸ Foram mapeados 27 perfis que mencionaram o Artigo 3, em 24 horas da publicação no site. Nove perfis foram selecionados para exemplificar de que forma o artigo foi distribuído no *Twitter*.

Sabemos que a complexidade dos materiais em análise no *Twitter* é menor que a do site, principalmente pelos comentários e diálogos exercidos dentro do espaço do OI, porém, dentro da lógica do *microblog* há uma importante restrição de participação e manifestação de opinião, no que se refere ao espaço de texto, pois o *Twitter* suporta até 140 caracteres digitados, incluindo o *link* que se está indicando.

Observamos as manifestações dos perfis públicos do *Twitter*: 1, 2, 4, 5, 7 (Fig.33) como Ritos Comunicativos que atendem a lógica da rede social on-line a que estão inseridos, mostrando o *link* de direcionamento ao site do OI. No entanto eles não explicitam nenhuma palavra sobre o conteúdo do artigo. Nesse mesmo nível de distribuição há a indicação da reprodução hospedada no site AdNews, tuitada pelo perfil do próprio site reprodutor do artigo, porém chamando para si e não para o site do OI: exemplo 6.



FIGURA 33: Distribuição do Artigo 3 no *Twitter*

No *Facebook*, o que nos foi possível observar foi que dentro do período de 24 horas depois da publicação no site, foram feitos três compartilhamentos e sete curtidas, por perfis públicos, na postagem do Artigo 3, que direcionava para o site do OI (Fig. 34, nº1 e nº3).

Os compartilhamentos tinham comentários desconexos, ou sem nenhum posicionamento (Fig. 34, nº 2). O primeiro: **“É daqui a pouqueeeeeeeenho!”** (sic), referindo-se ao programa televisivo que iria começar logo mais. O segundo comentário de compartilhamento dizia: **“O Observatório merece vinheta: É fan-tás-ti-co!”**, em que a internauta fazia um elogio gratuito ao OI, ao publicar o *link* do artigo em seu perfil no *Facebook*, para que seus amigos apreciassem. O último compartilhamento foi a repetição da primeira parte do título do artigo: “GLOBO & COLLOR”, essa distribuição gerou outro compartilhamento, de um “amigo” do internauta.

A impressão que tivemos foi de que pelo menos dois dos três perfis do *Facebook*, que compartilharam o artigo do OI, não leram o conteúdo e resolveram deixar essa tarefa para os “amigos”, quando o *link* fosse publicado em suas *timelines*. Sobre os sete perfis que “curtiram” a publicação, não podemos afirmar que se direcionaram ao site para lerem todo o texto, mas podemos garantir que eles leram e gostaram/acharam interessante o título e/ou a linha de apoio do texto completo, com o *lead*, que fica visível na publicação.

1

Observatório da Imprensa
COLLOR & GLOBO

A História revisada - Comentário para o programa radiofônico do OI, 29/11/2011 | Observatório d
observatoriodaimprensa.com.br

Deu na edição de terça-feira (29/11) da Folha de S.Paulo: o ex-presidente Fernando Collor de Mello nega ter recebido ajuda do principal executivo da Rede Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, durante a campanha eleitoral de 1989.

Curtir · Comentar · Compartilhar · há 22 horas ·

7 pessoas curtiram isto.

3 compartilhamentos

Escreva um comentário...

2

Pessoas que compartilharam isso

Thassio Fontes via **Observatório da Imprensa**
É daqui a pouquueeeeeeeenho!
há 15 horas ·

Juliana Prado via **Observatório da Imprensa**
O Observatório merece vinheta: É fan-tás-ti-co!
Curtir · há 22 horas ·

Ramiro Pena via **Observatório da Imprensa**
COLLOR & GLOBO
há 22 horas ·

1 compartilhamento

Você só pode ver compartilhamentos públicos ou de amigos.

3

Pessoas que curtem isso

Juliano Xuxa +1 Adicionar aos amigos

M Vinicius Carvalho
Assessor de Comunicação na empresa
Assessor de Comunicação +1 Adicionar aos amigos

Ramiro Pena
Universidade Federal do Piauí (UFPI) +1 Adicionar aos amigos

Bruno Guimarães de Oliveira
Universidade Estácio de Sá +1 Adicionar aos amigos

Luciano Moreira +1 Adicionar aos amigos

Paulo Fagundes +1 Adicionar aos amigos

Fechar

FIGURA 34: Distribuição do Artigo 3 no Facebook

5.3.3.3.2. Tática de irritação

No *Twitter*, dos nove perfis públicos selecionados, houve três que distribuíram os *links* dos artigos com algum comentário, mesmo que limitados pelas estruturas do *microblog*. Os exemplos abaixo: 3, 8 e 9 fazem um breve posicionamento sobre o conteúdo crítico do artigo. No item 3, antes de *linkar* o artigo, o internauta disse: **“Pros ‘muitos novatos’ na história do Brasil”**, reportando seu tuíte aos jovens que não presenciaram o momento histórico do debate. No exemplo 8, o internauta referiu-se à declaração de Boni. **“De glicerina p/ simular suor a pastas p/ falsear dossiês”** (sic). Já no último exemplo (9), a internauta alerta com um pouco mais de teor opinativo/contrário do que os outros: **“Entenda do que a Globo é capaz”**.

A utilização dessas frases breves junto à indicação do artigo pode ajudar os demais tuiteiros, seguidores de cada perfil, na hora de clicar no *link* para ler o conteúdo, por despertarem uma curiosidade de buscar mais informações. No entanto, os seguidores podem redistribuir os *links* sem nem ao menos clicarem neles, com o recurso de “retuitar”, que tem o efeito de replicar o mesmo conteúdo, inclusive fazendo referência ao perfil de quem tuitou a informação original.



FIGURA 35: Irritações do Artigo 3 no *Twitter*

5.3.3.3.3. Reflexão fragmentada – do artigo às redes sociais on-line

A análise dos materiais sobre a suposta manipulação do debate entre Collor e Lula, veiculado na Rede Globo em 1989, na delimitação – site/comentários no site/

Twitter/Facebook, nos possibilita confirmar a importância do espaço de comentário para um nível interacional mais qualificado, onde o internauta desenvolve um esforço argumentativo maior em relação ao desempenhado nas redes sociais on-line.

As discrepâncias entre as participações são evidenciadas desde a simples reprodução de um *link* (Fig. 33); distribuições do *link* com comentários desconexos (Fig. 34); passando pela inserção de um enunciado breve (Fig. 35); comentários repetindo partes do artigo (C30), até argumentações bem estruturadas, apresentando avaliações ponderadas e elucidativas sobre o posicionamento do comentarista (Item 4.2.3.2 Tática de irritação).

Com isso, verificamos que os mais diversificados níveis interacionais foram trabalhados socialmente nesse espaço de observação. Os níveis de crítica das participações são proporcionais aos níveis das irritações, em todas as lógicas de funcionamento: nos artigos, nos comentários, nas tuitadas e “compartilhamentos”. Nesse sentido, são as irritações que geram subsídios argumentativos para construir a crítica.

As opiniões no rodapé do artigo se mostraram tímidas, com apenas nove participações, porém, no geral, não menos reflexivas do que nos rodapés dos outros dois artigos analisados (1 e 2). Por exemplo, o C35 expõe suas concepções do que são as táticas sofisticadas de intervenção da Globo no processo político. Ele faz uma heterorreferência à entrevista recente da cantora Beth Carvalho falando sobre edições/cortes realizados pela emissora, a qual, segundo ele, omite e distorce informações. No final de seu argumento D.C fez uma provocação aos demais interlocutores: proporem uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), no Congresso Nacional, para apurar a censura e a intervenção da Globo, referindo-se ao vídeo-documentário britânico “Muito Além do cidadão Kane” (Beyond Citizen Kane), que denuncia o apoio da Globo à ditadura militar brasileira, sua parceria com o grupo estadunidense Time Warner, naquela época Time-Life, além de algumas práticas vistas como manipulação, feitas pela emissora.

C35: D. C. Enviado em: 29/11/2011 11:46:58. “A propósito da intervenção das Organizações Globo, no processo político, longe de acabarem, se mantém com táticas mais sofisticadas. **Em recente entrevista, Beth Carvalho, menciona, obliquamente, a censura imposta pelas "Organizações", editando, reduzindo ao menos importante debates e entrevistas "ao vivo", omitindo e distorcendo.** Boni, tem mais credibilidade do que Ali Kamel e Collor, juntos. **Quanto ao "Muito Além do Cidadão Kane", sua censura deveria ser motivo de preocupação, permanente de Judite Brito e da SIP. Além de proposta de indefectível CPI, no congresso.** Alguém, se habilita?

Constatamos a presença recorrente de um comentarista: B.E.D (C34) que ao expor sua opinião deixa marcas próprias de seu discurso contra os militantes políticos virtuais que ocupam o espaço do OI. A enumeração de pontos estratégicos de sua fala apresenta a elucidação que sustenta sua avaliação sobre o tema do artigo.

No circuito das redes sociais, mapeamos uma grande distribuição do Artigo 3, com comentários pobres em argumentos. No entanto, consideramos que esse processo operacional é de grande valia para o funcionamento do dispositivo maior, já que, se bem empregado, pode aumentar a amplitude dos artigos do OI de forma muito benéfica para o processo de construção de uma consciência crítica nos indivíduos-internautas. A nossa concepção de “bom uso” do *Twitter* e *Facebook* como interdispositivos, é que cada internauta se direcione e, no mínimo leia e reflita para si, sobre o artigo no site do OI, ou no site onde o artigo está reproduzido. Melhor será se ele conseguir, a partir de sua leitura, formular um argumento completo, com problematização, elucidação e avaliação e aí sim compartilhar efetivamente sua opinião formada. Nesse estágio, o internauta estaria atendendo ao contrato de comunicação do OI.

5.3.3.4. Relações em análises do Artigo 3 e suas distribuições nas redes sociais on-line

Reforçamos a constatação de que o número de compartilhamentos nas redes sociais on-line, exibidos no site OI, não representa o número de internautas que leram a crítica, mas mostra precisamente o número de internautas que foram até o site e (re)distribuíram o artigo a partir dele. No entanto, deixamos nítida a falta de credibilidade nos dados apresentados pelo site, no que se refere à contagem de compartilhamento. Embora pareça ser uma forma prática de saber a “audiência” de cada artigo/tema no site, as estatísticas nos pareceram instáveis. Mesmo assim, esse é um indício que guia esquemas analíticos de nossa pesquisa e estamos refém desses dados para conseguirmos investigar as operacionalidades acionadas a partir do dispositivo.

Os demais locais – de reprodução - fazem parte da abrangência da circularidade que os materiais do OI alcançam no espaço virtual, como os sites que reproduziram o Artigo 3 na íntegra, citando o local de origem. Portanto, o acesso ao artigo, nas redes sociais on-line, não pode ser mapeado somente pelo site OI, já que ele não é o único local de veiculação. Diante

disso, mesmo que nossa intenção não seja quantificar os materiais, o alto índice comprovado de distribuição remete ao signo de relevância do assunto e interesse dos internautas dispersos nas redes sociais on-line.

Consideramos que, obviamente, as opiniões não são formadas somente a partir do artigo publicado no site do OI. É seguro afirmar que a abrangência dos interdispositivos redes sociais on-line oficiais é ampla e que os conteúdos circulam por um espaço virtual considerável, reproduzindo-se em larga escala. As manifestações explícitas nos locais mapeados são diversificadas e de vários níveis qualitativos.

É importante ressaltarmos as diferenças e lógicas de funcionamento de cada local de manifestação.

a) No site, o espaço de comentários de internautas, no rodapé do artigo, apesar de possuir regras de participação, possibilitou formulações mais elaboradas, que trouxeram outros elementos para complementar e fortalecer o argumento em concordância ou discordância com o articulista.

b) O mesmo tipo de manifestação de “a)” não é possível na rede social on-line *Twitter*, justamente por ser restringida a postagens de até 140 caracteres.

c) No *Facebook* não há o mesmo tipo de limitação que “b)”, no entanto, as manifestações dos perfis que “compartilharam” o artigo – e que tivemos a possibilidade de analisar, devido a normas de privacidade dessa rede social on-line - não se estenderam na argumentação e até mesmo não elaboraram nenhum tipo de opinião imediata referente ao artigo que estava sendo distribuído por eles mesmos.

Contudo, sabemos que de alguma forma ocorre uma elaboração mais reflexiva sobre o que é distribuído e isso faz parte de outro nível de interação a qual não tivemos acesso nos materiais apreendidos, ou seja, aquela que é realizada em outros ambientes, virtuais e principalmente físicos, nas conversas e debates presenciais.

5.3.4. Caso: lançamento do livro “A Privataria Tucana”

Para complementar nossas proposições em relações de análises anteriores, acrescentamos ao segundo do *corpus* o caso sobre o lançamento do livro-denúncia “A Privataria Tucana”, do jornalista Amaury Ribeiro Jr. e a rede formada sobre o tema na circulação inter/intramidiática e social. Os materiais consistem no mapeamento nas redes sociais on-line da movimentação/distribuição de seis artigos e um vídeo, publicados no site do OI nos dias 12, 13, 14 e 15 de dezembro de 2011, os quais abordaram o lançamento do livro.

Nessa análise, iremos nos deter no acionamento considerável por parte do público do OI. Os dados do site mostram um número expressivo de internautas que foram até o site e postaram/compartilharam para/com “amigos” esses artigos nos perfis particulares deles no *Twitter* e *Facebook*. A lógica é que os seguidores e “amigos” dessas pessoas tenham reproduzido para os seus próprios seguidores e “amigos” e assim sucessivamente.

O fato de termos sido surpreendidos com incoerência nos compartilhamentos contabilizados pelo site OI, nos materiais anteriores⁷⁹, nos deixa receosos sobre os números exibidos. No entanto, a relevância dessa análise não está só nos acionamentos a partir do site, mas também pelo fato do lançamento do livro ter sido ser um fenômeno comunicacional que ganhou notoriedade inesperada pelos acionamentos de internautas nas redes sociais on-line. Sobre esse fenômeno, podemos comprovar, por meio dos materiais empíricos, que o OI teve importante participação, através de seus ritos e táticas operacionais/comunicacionais.

Diante disso, sabemos que embora existam problemas de ordem tecnológica na contagem de compartilhamentos, a capacidade de reprodução dos artigos é imensa e até inapreensível, do ponto de vista metodológico. A distribuição exponencial se dá não pelo fato dele estar no OI e fazer parte de toda a estrutura e lógicas operacionais do site, mas sim pelos acionamentos dos internautas que formam as redes sociais legítimas com os temas/causas de interesse coletivo.

5.3.4.1. O livro-denúncia

O lançamento do livro-denúncia “A Privataria Tucana” tornou-se um fenômeno criado pelas redes sociais de indivíduos que buscavam manifestar sua causa em torno do assunto corrupção e que acharam um meio poderoso para fazer isso: os espaços com autonomia e liberdade para isso: a internet. Esse livro foi considerado por parte dos apoiadores da denúncia a “grande reportagem da privataria tucana”, “o escândalo do século”, “a maior roubalheira da história das privatizações latino-americanas” e “um livro produzido nos esgotos do Palácio do Planalto”. Já por parte dos acusados: “uma coleção de calúnias” e “uma infâmia”.

Na internet, o lançamento do livro ocorreu no dia 9 de dezembro de 2011, pela Editora Geração Editorial. A obra tem 344 páginas e teve dedicada quase 12 anos de elaboração.

⁷⁹ No site, depois de 8 meses de publicação, o Artigo 2 foi zerado, ou seja, não exibia nenhum compartilhamento nas redes sociais on-line.

Nela, o experiente jornalista investigativo⁸⁰ faz denúncias sobre supostas irregularidades nas privatizações ocorridas durante os dois governos consecutivos de Fernando Henrique Cardoso, além disso, o autor apresenta supostas provas de que amigos e parentes do então Ministro do Planejamento, José Serra (PSDB) mantiveram empresas em paraísos fiscais e movimentaram milhões de dólares entre 1993 e 2003.

As denúncias apresentam documentos considerados legais, por terem sido obtidos no Poder Judiciário e no próprio Congresso Nacional. As provas são contra o ex-caixa de campanha do PSDB e ex-diretor da área internacional do Banco do Brasil, na década de 1990, Ricardo Sérgio, apontado como mentor dos consórcios de privatização em troca de propinas. E José Serra que tem familiares, entre eles, sua filha Verônica Serra, apontados como agentes de lavagem de dinheiro e desvio de recursos públicos na venda de estatais.

Antes mesmo de ser colocado à venda até o dia de seu lançamento, o livro causou polêmica em determinados locais da internet e nas redes sociais – aqui entendidas no sentido *stricto sensu* como problematizam Valdetaro (2009) e Scherer-Warren, (2008), sobre indivíduos que se unem por uma causa coletiva -, alcançando, em menos de 10 dias, o topo do ranking de livros mais vendidos do site especializado em mercado editorial PublishNews⁸¹.

Na editora, a primeira edição do livro que teve uma tiragem de 15 mil exemplares se esgotou em três dias. O principal ponto de venda foi a internet, entre livrarias e lojas diversas on-line. A segunda edição do livro chegou às lojas no dia 16 de dezembro de 2011 e a maioria dos exemplares já tinha sido encomendada por clientes na modalidade pré-venda. As lojas on-line atribuíram a grande repercussão do título e as vendas em tempo recorde à explosão do assunto nas redes sociais.

Em entrevistas, Amaury Ribeiro Jr. afirmou que ficou surpreso com a repercussão, pois tanto ele quanto a editora subestimaram a proporção que o assunto tomaria. “Ninguém esperava. Os editores não esperavam, as livrarias não esperavam. As redes sociais têm participação importante. Hoje já não se precisa mais de repercussão em programas de TV, em grandes veículos”⁸². “Nunca pensei que a gente conseguiria fazer isso. É um trabalho que, se

⁸⁰ Amaury Ribeiro Jr. trabalhou na "Folha de S. Paulo", "O Globo", "Jornal do Brasil", "IstoÉ", "Estado de Minas", entre outros veículos. Teve três trabalhos vencedores do Prêmio Esso (1996/1997/1999) e foi vencedor por quatro vezes do prêmio Vladimir Herzog.

⁸¹ Entre 12 e 18 de dezembro de 2011, foram vendidos 9.032 exemplares do livro, que ficou atrás somente da biografia de Steve Jobs, de Walter Isaacson (17.784 unidades vendidas), da ficção "As esganadas", de Jô Soares (16.150), e de "O Cemitério de Praga", do semiólogo italiano Umberto Eco (9.083). Fonte: <http://noticias.uol.com.br/politica/2011/12/27/a-privataria-tucana-entra-no-ranking-de-livros-mais-vendidos-psdb-processara-autor.jhtm>

⁸² Entrevista ao Portal Uol (21/12/2011). <http://noticias.uol.com.br/politica/2011/12/27/a-privataria-tucana-entra-no-ranking-de-livros-mais-vendidos-psdb-processara-autor.jhtm>

não fosse a blogosfera e as redes sociais... Eu não conhecia nada disso. Eles (internautas) se articularam”⁸³ “Quando eu vi que não saiu nada sobre o livro na Veja, percebi que tínhamos acertado em cheio. Os grandes meios de comunicação ignoram o livro, mas as pessoas divulgam nas redes sociais, na mídia alternativa”⁸⁴.

5.3.4.1.1 Rito Comunicativo

Nosso objetivo é mostrar a parcela contributiva inicial do OI e seus leitores-internautas, no *Twitter* e *Facebook*⁸⁵, para esse fenômeno comunicacional do lançamento do livro “A Privatária Tucana”. No *Twitter*, os seis artigos e o vídeo, postados na semana de lançamento do livro, foram divulgados aos cerca de 75 mil seguidores⁸⁶ - na época - do site do OI no *Twitter*, na forma de indicação de conteúdo (Fig. 36). No *Facebook* é possível verificar que todos os materiais tiveram 1.902 curtidas no total, sendo distribuídos aos seguidores dessas 1.902 pessoas.

Os dados mostram que todos os tuítes foram retuitados, de oito a mais de cinquenta vezes. Eles também foram incluídos nos favoritos de alguns tuiteiros. Esse indício nos remete ao enquadramento ritualístico próprio do *microblog*, pois, marcar um tuíte como favorito é um recurso que memoriza a postagem no perfil do internauta, assim ele não precisa procurar pela mensagem em toda a sua página inicial. O fato de demarcar o tuíte do OI sobre o livro é entendido como Ritual Comunicativo não somente por contemplar a ideia e mostrar algum tipo de interesse pela postagem, mas principalmente por entendermos que o internauta que marcou o tuíte pode ter feito isso para guardar o atalho para ir ao site depois, para reler, ou ler o artigo pela primeira vez. Isso pode acontecer inclusive se ele retuitou o artigo sem ler.

Vale aqui considerar o fato de contemplação da ideia do livro-denúncia, seguido de reprodução do artigo, um dos principais elementos que potencializou a distribuição desses materiais na internet em geral.

⁸³ Entrevista ao Portal Vermelho (21/12/2011) http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_secao=1&id_noticia=171631

⁸⁴ Entrevista ao Centro de Estudos Barão do Itararé. Disponível em: <http://www.baraodeitarare.org.br/noticias>

⁸⁵ Não iremos mapear o *Facebook*, além das curtidas direto no site, devido às restrições de informações da política de privacidade, pois não teríamos acesso a todo o material necessário, restando somente perfis de “amigos” e públicos.

⁸⁶ No dia 21 de fevereiro de 2012, o *Twitter* do site do OI possuía 96.467 seguidores.

The image shows a vertical list of seven tweets from the account ObservatórioImprensa (@observatorio). Each tweet features the account's profile picture (an eye), the name and handle, the text of the tweet, the number of retweets and favorites, a row of user avatars, the time and date, and interaction buttons (Responder, Retweetar, Favorito).

Tweet ID	Text	Retweets	Favorites	Time
1	A PRIVATARIA TUCANA - Liberdade de imprensa: para quê, para quem? bit.ly/rLiuEI	26	5	18:30 - 15 Dez 11
2	A PAUTA OCULTA - O livro e a imprensa, um ponto de ruptura bit.ly/umZ72H	9	3	17:30 - 15 Dez 11
3	A PRIVATARIA TUCANA - O livro invisível [Luciano Martins Costa] bit.ly/vLvg1	46	4	21:30 - 14 Dez 11
4	A PRIVATARIA TUCANA - O livro escondido [VÍDEO] bit.ly/vkgbZ2	28	2	17:30 - 14 Dez 11
5	A PRIVATARIA TUCANA - A mídia não sabe o que fazer com o livro bit.ly/uO8EaX	50+	13	9:41 - 14 Dez 11
6	LIVRO-DENÚNCIA -- As relações perigosas da imprensa [Luciano Martins Costa] bit.ly/vPfiAh	8	1	11:45 - 13 Dez 11
7	PRIVATARIA TUCANA -- O escândalo do século [Luciano Martins Costa] bit.ly/uG6eXL	49	4	12:15 - 12 Dez 11

FIGURA 36: Tuítes do OI anunciando aos seus seguidores os seis artigos sobre o livro

5.3.4.1.2. Tática de irritação

A tática utilizada pelo OI para fazer com que o público internauta tivesse um espaço de debate sobre o tema em questão foi a publicação intensa de artigos de 12 a 15 de dezembro de 2011. A cada artigo publicado no site, o *Twitter* do OI fazia o convite para os seus seguidores ingressarem no debate.

O primeiro artigo foi “A Privataria Tucana: O escândalo do século”, com 1.399 recomendações diretas de leitores-internautas do site OI no *Facebook* e 226 no *Twitter*, totalizando entre comentários no rodapé do artigo e retuitadas: 1.708 compartilhamentos (nº1 - Tabela 2).

O segundo artigo publicado foi “Livro-denúncia: As relações perigosas da imprensa”, com 203 recomendações no *Facebook* e 66 no *Twitter*, totalizando entre comentários e redistribuição no *microblog*: 289 compartilhamentos (nº2 - Tabela 2).

O terceiro artigo era intitulado “A Privataria Tucana: A mídia não sabe o que fazer com o livro”, com 228 recomendações diretas no *Facebook* e 263 no *Twitter*, gerando no total 543 trocas de informações (nº3 - Tabela 2).

O quarto material é o vídeo exibido originalmente na Rede Record, no telejornal Record News que teve 43 distribuições no *Twitter* e oito recomendações no *Facebook*, sendo que no total foram 81 distribuições do vídeo (nº4 – Tabela 2).

O quinto artigo divulgado naquela semana foi “A Privataria Tucana: O livro invisível”, com 388 distribuições no *Twitter* e 29 no *Facebook*, resultando em 478 compartilhamentos (nº5 – Tabela 2).

O artigo “A Pauta Oculta: O livro e a imprensa, um ponto de ruptura” foi o sexto artigo, com 370 distribuições no *Facebook* e 33 no *Twitter*, somando 428 compartilhamentos (nº 6 – Tabela 2).

O último artigo daquela semana sobre o livro foi “A Privataria Tucana: Liberdade de imprensa: para quê, para quem?”, com cinco distribuições no *Twitter* e duas no *Facebook*, totalizando 36 compartilhamentos.

É importante destacar que não tivemos acesso aos compartilhamentos realizados, além do site do OI, pelos perfis do *Facebook*, devido a lógicas de funcionamento e normas de privacidade dessa rede social *on-line*. No entanto, conseguimos levantar um universo de 3.563 compartilhamentos iniciais sobre o assunto “A Privataria Tucana”, publicados de 12 a 15 de dezembro de 2011, no site OI. Salientamos que essa é somente “a ponta do *iceberg*”, pois,

outras formas de compartilhamento são possíveis, com lógicas muito complexas, que fogem do controle de contagem do sistema do *Twitter* e *Facebook* do site OI.

Artigo/vídeo	Comentários	Distribuição Twitter direto do OI	Distribuição Facebook direto do OI	Retuítes	Total compartilhamento
7 A PRIVATARIA TUCANA - Liberdade de imprensa: para quê, para quem? Por Ricardo Kotscho em 15/12/2011 na edição 672 Reproduzido do <i>blog</i> do autor, 12/12/2011	3	5	2	26	36
6 A PAUTA OCULTA - O livro e a imprensa, um ponto de ruptura Por Luciano Martins Costa em 15/12/2011 na edição 672 Comentário para o programa radiofônico do OI, 15/12/2011	16	370	33	9	428
5 A PRIVATARIA TUCANA - O livro invisível Por Luciano Martins Costa em 14/12/2011 na edição 672 Comentário para o programa radiofônico do OI, 14/12/2011	15	388	29	46	478
4 Vídeo - A PRIVATARIA TUCANA O livro escondido Divulgado no site dia 14/12/2011 Reprodução parcial do Telejornal Record News de 12/12/2011	2	43	8	28	81
3 A PRIVATARIA TUCANA - A mídia não sabe o que fazer com o livro Por Gilberto Maringoni em 14/12/2011 na edição 672 Reproduzido da Agência Carta Maior, 13/12/2011; título original “A mídia não sabe o que fazer com ‘A privataria tucana’”	2	263	228	50+	543
2 LIVRO-DENÚNCIA - As relações perigosas da imprensa Por Luciano Martins Costa em 13/12/2011 na edição 672 Comentário para o programa radiofônico do OI, 13/12/2011	12	66	203	8	289
1 A PRIVATARIA TUCANA - O escândalo do século Por Luciano Martins Costa em 12/12/2011 na edição 671 Comentário para o programa radiofônico do OI, 12/12/2011	34	226	1.399	49	1.708
Total de distribuições iniciais					3.563

TABELA 2: OI publicou seis artigos e um vídeo na mesma semana sobre o livro-denúncia “A Privataria Tucana”

Como “Tática de irritação” no *Twitter* destacamos também a criação de perfis com o tema para aumentar o espectro de divulgação do livro “A Privataria Tucana”, como mostra a Fig. 37:



FIGURA 37: Tuiteiros formaram rede de divulgação do livro-denúncia

No *Facebook*, foi criada uma página para acompanhamento do processo de instalação da CPI da Privatária, no Congresso Nacional (Fig. 38).



FIGURA 38: Página do Facebook para acompanhamento da instalação da CPI da Privatária Tucana

5.3.4.1.3. Reflexão fragmentada

Todas as operações em rede on-line que apresentamos como Rito Comunicativo e Tática de Irritação fazem parte de um circuito que ultrapassa as fronteiras do site OI e de seus materiais publicados na semana pós-lançamento do livro. Essa visível e crescente distribuição auxiliada pelo OI contribuiu para o debate que estava efervescente no âmbito da internet, já que a grande mídia não noticiou com profundidade o tema político de corrupção que o livro “A Privatária Tucana” denuncia.

Sabemos que desse fenômeno comunicacional do livro surgiram desdobramentos importantes, que caracterizam uma ação comunicativa emblemática para mostrar a força desses processos interacionais colocados na circulação intermediária/intramidiática e social.

Entre as materialidades proporcionadas por esses acionamentos de interdispositivos por parte dos internautas está o protocolo expedido pelo Deputado Federal Protógenes Queiroz do Partido Comunista do Brasil (PCdoB-SP), com 206 assinaturas de parlamentares, pedindo investigação, na Câmara Federal, para apurar as informações contidas no livro.

Desde o dia 21 de dezembro de 2011, estão sendo realizados debates presenciais, em cada região do Brasil. O primeiro debate (Foto1) teve a presença física de cerca de 500 pessoas. Nesse dia, pela grande participação do público, foi preciso disponibilizar um telão em outra sala do Sindicato dos Bancários de São Paulo, além disso, houve transmissão pela internet, ficando hospedado para visualização na rede de compartilhamento de vídeos *You Tube*⁸⁷.



FOTO 1: Debate sobre livro “A Privatária Tucana”. Crédito foto: Felipe Bianchi/Barão de Itararé

Outro desdobramento do lançamento do livro foi a resposta divulgada pela representação nacional do PSDB de que o partido processará judicialmente o autor pelo crime de calúnia. Em nota oficial,⁸⁸ levada a público no dia 15 de dezembro de 2011, foi informado

⁸⁷ Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=7sa7lxvccf0&feature=player_embedded.

⁸⁸ Disponível em: <https://www2.psdb.org.br/wp-content/uploads/2011/12/nota-oficial-15-12-2011.pdf>.

que “as privatizações viabilizaram a modernização da economia brasileira, com centenas de bilhões de investimentos em serviços essenciais e a geração de milhares de empregos”. Além disso, “elas foram exaustivamente auditadas pelo Tribunal de Contas da União (TCU), Ministério Público Federal e outros órgãos de controle, sendo que nenhuma irregularidade tinha sido constatada”.

O PSDB defende-se atribuindo a fabricação de falsos dossiês por parte de membros e agentes do Partido dos Trabalhadores (PT), este que “vive em um momento em que está atolado em denúncias de corrupção que já derrubaram seis ministros, e aguarda ansiosamente o julgamento do Mensalão, maior escândalo de corrupção de que se tem notícia na história do Brasil”.

5.3.4.1.4. Relações em análises dos materiais sobre o fenômeno comunicacional do lançamento do livro “A Privatária Tucana”

O caso em análise foca a nossa preocupação de verificar a distribuição de conteúdos críticos nas redes sociais on-line. Esse material deu suporte para pensarmos qual a probabilidade de um artigo ser bastante difundido ou não, a partir do OI. Tivemos o cuidado de não sairmos da circunscrição a que nos propomos no nosso objeto de estudo. No entanto, foi preciso analisar materiais exógenos – outros contextos - a essa área delimitada para inferirmos sobre a nossa proposição de que a adoção mais intensificada de recursos como as redes sociais on-line foi uma inovação necessária e benéfica, que isso tirou o OI de certo isolamento na internet. Para, além disso, que essa ampliação, por meio dos interdispositivos, pode gerar boas reflexões no sentido de emancipação do indivíduo na sua atuação em sociedade. Entretanto, para isso ele deve atender às estratégias e contrato de comunicação do OI.

Percebemos que esse alargamento no circuito de circulação acaba por se misturar com muitos outros elementos que contribuem para a construção da crítica. Sendo assim, na medida em que trata de um assunto que interessa a sociedade e está efervescente na opinião pública, o OI é somente uma parte, uma possibilidade, uma alternativa para que o indivíduo absorva subsídios para formar sua opinião.

O que averiguamos nesse caso sobre o fenômeno do lançamento do livro “A Privatária Tucana” foi que os acionamentos causados pelos indivíduos midiáticos e instituições causaram disparados de semioses e retroalimentam a autopoiese desse processo comunicativo que é formado por uma diversidade de materiais dispersos na internet, os quais só

identificamos os difundidos pelo OI, porém, foram suficientes para mostrarmos que houve uma mobilização importante a partir do site, com 3.563 compartilhamentos iniciais.

A multiplexidade das cadeias de conexões que gerou o fenômeno comunicacional a partir das redes sociais legítimas – em rede e por uma causa coletiva - está justamente na autonomia do internauta, enquanto indivíduo participante do processo midiaticizado em que as práticas midiáticas afetam a atuação social. Consideramos que as redes sociais on-line proporcionam a deliberação mútua, o que pode potencializar algum tipo de manifestação de crítica.

Consideramos que os materiais analisados são os pontos de partida, que ajudam a autofortificar as participações on-line, desdobrando-se em debates presenciais em vários locais físicos, sejam em locais específicos como a escola, a família, rede de amigos, ou mesmo na própria internet; e o OI tem sua parcela de contribuição para isso. O que proporcionou o ato comunicativo do lançamento do livro “A Privataria Tucana” foram os *nós* e os graus de conexão da vizinhança de internautas que tomaram para si a causa. O fortalecimento dos vínculos foi possível graças à intensidade dessas conexões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relatos de uma construção

Este é o momento de apresentar considerações sobre a nossa pesquisa e refletir sobre o que se construiu até agora. Com isso, não temos a pretensão de chegarmos a uma conclusão, mas sim a uma hipótese geral de fechamento. Nosso esforço nesta primeira parte será expor a trajetória de caminhos percorridos, principalmente no que se refere à metodologia adotada e às proposições elaboradas, no intuito de transparecer nossas escolhas.

Quando este trabalho foi iniciado, não tínhamos noção de que ele chegaria à configuração apresentada nas páginas anteriores. Primeiramente, partimos em um trabalho de desconstrução do projeto de pesquisa e já no primeiro momento a regra era o desprendimento temporário de teorias enraizadas no planejamento inicial, dentro da perspectiva do movimento ascendente, descendente e circular da construção do objeto empírico de pesquisa (FERREIRA, 2010b).

Durante a circunscrição dos observáveis, em junho de 2011, fomos surpreendidos com a reciclagem do site do Observatório da Imprensa (OI) e nossa pesquisa tomou rumos não previstos. Foi então que as circunstâncias nos levaram a analisar as mudanças estruturais e consequentemente interacionais ocorridas no objeto que nos propomos a estudar. Decidimos por uma abordagem em dois níveis de observação: o primeiro versava sobre as estratégias de comunicação do site OI, como contextualização comunicacional (macro-tecno-tecnológico); e o segundo dizia respeito ao funcionamento do dispositivo conforme processos de interação em análise (micro-semiinteracional). A dimensão central em análise estava na articulação dos dois eixos, os quais formaram a coleção de pesquisa.

Nossa proposição genérica e inicial de pesquisa⁸⁹ começou a desdobrar-se para outras perspectivas, que tinham como ângulo de observação os processos desempenhados em associação a aspectos socioantropológicos, semiinteracionais e tecno-tecnológicos. Nesse

⁸⁹ A proposição inicial, e genérica, era que o OI exerce a competência de tensionar múltiplos processos interpretativos, gerar dinâmicas de participação e, por consequência, fornecer esclarecimento e percepção ampliada para o seu público ativo, para que ocorra uma formação de opinião melhor embasada sobre determinado tema midiático. Essa ideia se dá, principalmente, por ser um ambiente orientado por profissionais que ostentam algum tipo de reputação, por serem, na maioria dos casos, especialistas da área da comunicação.

momento estava formada nossa visão sobre o dispositivo midiático, visto como um complexo que apresenta sistemas justapostos que deslizam, com brechas, espaços, lacunas, incompletudes, interfaces, pregnâncias, potencialidades e espaços transacionais onde os indivíduos interagem (FERREIRA, 2007, 2012⁹⁰). Com base nisso, nosso objeto de estudo foi formado das contextualizações dos aspectos materiais e tecnológicos, das relações simbólicas, das construções mentais e, principalmente, suas externalidades em interação, que podem alterar as subjetividades dos processos comunicacionais em estudo.

Percebemos que aquela mudança que tinha como ponto forte a integração oficial às redes sociais on-line *Facebook* e *Twitter* estava fazendo um movimento de intensificação do fluxo comunicacional do site, na medida em que o número de seguidores e curtidas aumentavam nos perfis e nas páginas do OI e os conteúdos estavam mais dispersos pela internet, conforme mostramos nas análises descritivo - indiciais do contexto comunicacional, no subcapítulo 5.2. Aos processos de dispersão e convergência demos o nome de “interdispositivos” que agora ampliavam as conexões dos circuitos interacionais do OI.

Chegamos a questionar especialmente em nossa qualificação, sobre a legitimidade do processo de distribuição nas redes sociais on-line sem nenhum acionamento argumentativo e supomos que esse novo recurso poderia ter diminuído o número de comentários de internautas, via postagem, nos rodapés dos artigos. Tínhamos indícios fortes de que os leitores do site passaram a preferir acionar os interdispositivos de dispersão a exporem explicitamente suas interpretações e opiniões sobre os assuntos dos artigos.

A partir dessa proposição, elaboramos então o problema de pesquisa: Quais transformações semiinteracionais podem ser observadas e relacionadas às inovações tecno-tecnológicas? Qual é a relação entre as discontinuidades semiinteracionais, quando observadas, e a configuração do espaço crítico sobre a mídia, gerido pelo OI?

Esse foi o questionamento central que mobilizou nossa complementação de materiais dos *corpora* de análise e a construção categorial, como mostramos durante todo o capítulo 4. Destacamos a evolução de nossa lógica de análise favorecida em especial pela construção de Categorias Concretas de análise, compostas de Categorias Auxiliares e as Categorias Relacionais, as quais formaram nosso objeto-problema, articulando o conceito-eixo de nosso estudo: a circulação de sistemas autofortificados por processos próprios.

⁹⁰ Apontamentos em aula, 2012.

O apoio das teorias

A condução dada à construção desta pesquisa vai ao encontro à ideia sobre o indivíduo-ator midiático, apresentada por de Ferreira e Folquening (2012), na primeira parte teórica do trabalho, em que articulamos a questão da midiatização como ambiência. Nossa proposição era de que o OI não servia somente como um instrumento, ou um mediador, mas como um dispositivo midiático onde circula uma cultura comunicacional em busca de emancipação, autonomia, visibilidade e autoafirmação. Essas eram as percepções que tínhamos baseados nas nossas observações, como exemplo quando os comentaristas dos rodapés dos artigos do site OI utilizavam linguagem irônica ou engraçada para contrapor alguma argumentação no debate, com o cuidado, às vezes de sustentar sua opinião, indicando *links* para que o interlocutor se convença do que ele está dizendo. Ou então, hospedando em seu perfil do *Twitter* ou *Facebook* um link que direcionava a um artigo publicado por um terceiro no OI.

Esse ator midiático incorpora-se na lógica do dispositivo OI, contrabandeando sentidos e valores entre os campos midiático, social, político, econômico, cultural, etc. Sendo que algumas vezes, ele acaba fazendo o que sugere o dispositivo: comentar e distribuir os conteúdos do OI. É nesse momento que ocorrem sintomas de inscrição de indivíduos nos processos de midiatização. A distribuição agrega valor às ações e interações.

Essas observações e proposições convergem com a pergunta central dos estudos em midiatização inquirida por Fausto Neto (2010)⁹¹: “Como os indivíduos se movimentam nessa processualidade comunicacional?”, e que nos instigou a pensar sobre as possibilidades de construção de crítica de mídia nas interações midiatizadas, buscando verificar as incidências das ações dos indivíduos midiáticos nesse trânsito de reconfigurações de processualidades interacionais a partir do OI, vistas como “sistemas”, “espaços potenciais” e “pontos-de-acesso”, ou seja, as processualidades estratégicas da midiatização, nas suas ações de convergência e divergência (FAUSTO NETO, 2009).

Tendo em vista a amplitude dos interdispositivos de irradiação, principalmente sobre a utilização do *Twitter* e *Facebook*, conceituamos “rede social” colocando em diálogo Valdetaro (2009) e (Scherer-Warren, 2008). Para melhor nominar os processos analisados, acrescentamos o termo “on-line” para diferenciar da ideia de redes sociais originais, as quais têm como objetivo criar elos por meio de referenciais emancipatórios.

⁹¹Apontamentos em aula, 2010.

Consideramos que as ações de sociedade midiaticizada relacionam outras formulações de poder coletivo, em forma de jogos de forças, as quais refletimos dialogando com Bauman (2010) e Castells (2009). Esse ponto de pautas sociais, baseadas em referenciais emancipatórios, que procuramos problematizar no estudo de um caso – O lançamento do livro “A Privataria Tucana”, do jornalista Amaury Ribeiro Jr., em 09 de dezembro de 2011 -, auxiliou-nos a refletir sobre o aspecto da comunicação com propósitos modificadores. Embora o lançamento do livro tenha sido “abafado” pela e na grande mídia, ele chegou ao topo dos mais vendidos na primeira semana de 2012⁹², graças ao movimento dos internautas em blogs e redes sociais on-line.

As tecituras sociais em ambiente tecnológico causam novos tipos de comportamentos, usos e vínculos. Nessa perspectiva, ocorrem diversos fenômenos comunicacionais disparados pelas ações de internautas, pela sua força de atuação, pela visibilidade e formas de poder que são relacionados nos compartilhamentos da rede.

A visão sobre a crítica é mostrada no diálogo entre Marcondes Filho (2002) e Braga (2002, 2006), em que os autores auxiliam na construção de um quadro de evolução, desde a crítica clássica à midiaticizada. Destacamos a ideia de que todos os tipos de interações possuem sua importância, em concordância com que afirma Braga (2006), pois, segundo o autor, mesmo às vezes realizando interações fracas, os dispositivos apresentam potencialidades tensionadoras, entendidas pelo autor como um tipo de reposta social.

A crítica de mídia é tratada como gênero, baseada na construção a partir de Melo (2003) sobre os gêneros opinativos crítica ou resenha, artigo e comentário, articulados ao pensamento exposto por Medina (2001) em que diz que os gêneros sofrem mutações conforme o desenvolvimento tecnológico e cultural de cada nação e de cada empresa jornalística. Assim, os processos sociais e comunicacionais demandaram o surgimento de um novo gênero que tematiza o próprio exercício da prática jornalística, em uma espécie de procedimento metalinguístico ou metadiscursivo e dialógico, já que o leitor tem a oportunidade de pensar o fazer jornalístico. Diferente da crítica clássica, a crítica de mídia não julga somente os valores da técnica ou da estética, pois o jornalismo possui uma função

⁹² Até o dia 7 de janeiro de 2012, já tinham sido vendidas 120 mil unidades de “A Privataria Tucana”. Fonte: JB Online. Disponível em: <http://www.jb.com.br/informe-jb/noticias/2012/01/07/a-privataria-tucana-comeca-2012-no-topo-dos-livros-mais-vendidos/>

social e a avaliação sobre o seu desempenho deve ser primordialmente pelos aspectos éticos do bom jornalismo.

Nessas perspectivas, inferimos que os processos crítico-interacionais que circulam na sociedade atual devem ser pensados na transversalidade e não na dualidade do certo ou errado, bom ou ruim, como era na crítica clássica. Não se pode pensar na tentativa de dominação ou manipulação dos meios de comunicação. É mais propício analisar em que circunstâncias os processos de crítica de mídia direcionam-se para capacitar e dar subsídios para a construção crítica do indivíduo midiático, ou midiatização da crítica ao indivíduo, que ocorre em um espaço coletivo de novas sensorialidades.

Entendemos que o OI posiciona-se dentro desse processo como um direcionador de comportamentos, um dispositivo de emancipação, tradução, esclarecimento e ampliação crítica. A crítica é inerente ao receptor no processo de negociação, apropriação e consumo dos bens simbólicos, entretanto, a crítica especializada oferece parâmetros de análise para a formação de opinião. O ciclo retroalimenta-se e completa-se quando surge a crítica de sociedade, em que o indivíduo midiático pode se manifestar, compartilhar ou até simplesmente distribuir esses conteúdos com perspectivas mistas (leiga e especializada) aos seus pares, seja no ambiente virtual ou físico.

As elaborações teóricas sobre o conceito de dispositivo de Ferreira (2006a, 2007 e 2010a) e Braga (2011) clarearam o trabalho de construção do objeto de estudo desta pesquisa, no sentido de circunscrição e observação das processualidades comunicacionais do OI. Entendemos que o potencial comunicacional do dispositivo OI é o compartilhamento da crítica, uma vez que a sua lógica operacional é caracterizada pela difusão de opiniões, comentários e reflexões sobre as práticas jornalísticas, tanto por parte dos profissionais, os quais possuem uma sensorialidade mais aguçada, quanto por usuários da imprensa. No âmbito da midiatização, para se ter maior probabilidade na busca de reações interpretativas objetivadas, é preciso que o produtor assimile a elementos basilares, para que se maximize e viabilize a circulação condizente e transversal na sociedade.

A previsibilidade da comunicação nesse dispositivo de crítica de mídia é aparentemente assegurada pelos vínculos criados, através da utilização de recursos discursivos e tecnológicos exclusivamente interativos, como os comentários de internautas nos rodapés dos artigos e manifestações sobre os artigos nas redes sociais *Twitter* e *Facebook*. Pois, de

acordo com Braga (2007), para que se concretize o processo de tomada de consciência de sua própria experiência, da reação proprioceptiva, é preciso que se diga, ou que se compartilhe, para que se expressem objetivamente as opiniões dos interlocutores. Com isso, é provável que se construa uma produção de sentido com características a mais do que um relato frio e impressionístico da experiência.

Assim, a importância da circulação de conteúdos a partir do site do OI é que ela coloca em jogo condicionantes probabilísticas e tentativas (Braga, 2007); e imprevisíveis e incertas (FERREIRA, 2010a) para que ocorram interpretações críticas compartilhadas. Essa produção é inserida em um campo repleto de complexidades e transversalidades, em que a sociedade está em constante desenvolvimento de protocolos, lógicas e códigos para que haja a sua própria manifestação.

A partir da visão do dispositivo triádico (FERREIRA, 2006a, 2007 e 2010^a) e interacional (BRAGA, 2011) incorporamos uma visão sistêmica ao nosso trabalho, proporcionada pela reflexão entre processos de autofortificações (LUHMANN, 2005) e processos de circulação intramidiática e intermediática. Com isso, passamos a observar as operações dos críticos midiáticos entendendo que suas competências críticas são ativadas, por meio de “observações de observações”, sendo que eles efetuam na circulação uma atualização dos seus repertórios particulares, como uma sequência de operações observadoras.

Nesse momento da pesquisa nosso intuito era entender a complexidade do processo e a ideia de autofortificação nos pareceu propícia ao rumo que nossa pesquisa estava tomando, principalmente por ser o OI um espaço autorreferencial por natureza, já que foi instituído no formato de mídia para avaliar a mídia, ou seja, para realizar operações metajornalísticas.

Achamos oportuno abordar os sistemas luhmannianos para conseguirmos observar os comportamentos inovadores nos processos midiáticos e sociais, em que os maiores interessados são indivíduos que querem participar de um debate sobre as práticas midiáticas, que querem entender como são aplicadas as operacionalidades no campo jornalístico, para além do que é revelado por este, e busca fazer um certo julgamento sobre essas ações. Era perceptível que havia uma nova configuração nos processos comunicacionais, a qual foi complexificada devido ao aumento do fluxo comunicacional, principalmente pelos interdispositivos.

Como critério de coerência, os pensamentos sistêmicos em Luhmann nos orientaram no entendimento da complexidade, sempre tendo em mente a autonomia relativa dos processos, dentro do site OI, já que sabemos que naquele espaço há regulações, por meio de normas de participação. No entanto, no outro espaço de observação, nas redes sociais on-line, há a mútua deliberação e nos baseamos que essa deliberação foi a que gerou ou potencializou certos movimentos, aos quais foram relevantes para a nossa análise. Sobre uma perspectiva micro-semiointeracional, abordamos a circulação intermediática e intramidiática de fragmentos discursivos com o diálogo entre Fausto Neto (2009, 2010b), Verón (2002, 2004) e Raimondo (2011).

A matriz triádica do dispositivo foi colocada em perspectiva para iluminar nossas inferências sobre os aspectos socioantropológicos, semiodiscursivos e tecno-tecnológicos durante as análises. O conjunto categorial, atrelado aos *corpora* revela nossa preocupação em atender, na medida do possível, a essas dimensões. Assim, buscamos capturar e sistematizar fragmentos, processualidades, marcas e restos discursivos dispersos na circulação intermediática e intramidiática do OI. É importante destacar que o a categorização da pesquisa objetivou perceber os materiais empíricos e não enquadrá-los.

Transformações tecno-tecnológicas

Construímos uma contextualização comunicacional própria para visualizarmos os objetos pertinentes para nossa problemática de pesquisa. Essa postura fez com que não nos dispersássemos a outros condicionantes de outras áreas de conhecimento, principalmente ao ideológico, mesmo que isso, algumas vezes se fizesse muito destacado. Constatamos as mudanças principais de ordem estética, na identidade visual - “Revitalização”, de integração dos elementos potencializadores de interatividade e interação - “Interdispositivos” e de memória - “Armazenamento”.

As mudanças, principalmente sobre a integração dos interdispositivos, foram benéficas e geraram complexidades no processo comunicacional do OI, pois abriu possibilidades para mais interação, a partir do momento que convida mais internautas a ingressarem no seu sistema de crítica de mídia. Os indivíduos midiáticos passaram a aceitar o convite, como constatamos no levantamento feito nas análises, em que somente no *Twitter* do site, em 70

dias, teve um aumento de 10.256 seguidores. Consideramos as mudanças apropriadas para o “projeto de fala” (CHARAUDEAU, 2006) do OI, justamente pelas tendências e comportamentos comunicacionais atuais dos indivíduos midiáticos na internet, os quais procuram espaços mais autônomos para expressarem suas ideias.

Ritos comunicativos

O Artigo 1 apresentou movimentos de ritos comunicativos bem elaborados e estendidos, em que os internautas concordavam, argumentavam e defendiam ao mesmo tempo o articulista Deonísio da Silva do bombardeio de contestações dos demais comentaristas. Na análise comparativa dos Artigos 1 e 2, o segundo foi mais ritualístico do que o primeiro, pois a maioria dos comentaristas concordou com a opinião do articulista Alberto Dines. Consideramos que a contemplação seja carregada de subjetividades propícias para que isso aconteça, já que Dines é conhecido e consagrado por toda a sua história no campo jornalístico, e isso faz com que elogios sejam remetidos a ele nos comentários, como no exemplo do C18 em que é exaltada a sua “sabedoria peculiar” já no início da manifestação.

No artigo 3 tínhamos outros olhares sobre os materiais, com foco nos compartilhamentos nas redes sociais *Twitter* e *Facebook*. Constatamos que os artigos do OI eram reproduzidos na íntegra em outros locais, como blogs e sites de temáticas variadas. Além disso, colocamos em evidência as especificidades de cada local de manifestação, já que cada interdispositivo tem suas regulações e lógicas de funcionamento, sendo que os materiais que somente eram reproduzidos, replicados ou *linkados*, foram enquadrados na categoria Rito Comunicativo.

No caso apresentado sobre o lançamento do livro “A Privataria Tucana”, contabilizamos seis artigos e um vídeo, postados no site do OI, em quatro dias. Essa foi a parcela contributiva para estimular o debate. Com esses materiais podemos inferir que a distribuição seja um elemento importante que potencializa o processo interacional, uma vez que está em circulação e em constante transformação, agregando algum tipo de valor.

Táticas de irritação

Essa categoria apresentou fragmentos discursivos em que se sobressaíram elementos que consideramos importantes para identificar certos movimentos de autorreferencialidade e heterorreferencialidade, como forma de autofortificar o sistema de construção de crítica

mediática do OI. Primeiramente, constatamos entre a análise comparativa dos Artigos 1 e 2 que há pelo menos dois tipos de crítica naquele espaço: a “crítica sobre a mídia” e “crítica sobre a política” caracterizando, de acordo com Luhmann (2005) a primeira autorreferencial e a segunda heterorreferencial.

Ainda nos Artigos 1 e 2, nos discursos dos internautas-comentaristas, nos rodapés dos artigos, há uma forte incidência de recursos de autorreferencialidade, quando, por exemplo, eles passam a autoafirmarem-se no debate, expondo ao interagentes detalhes sobre suas vidas profissionais, origem familiar, conquistas acadêmicas, etc. Nesse tipo de manifestação ocorre mais uma disputa de egos, em que os debatedores passam a evidenciar o núcleo de suas personalidades para sobressaírem-se no debate. Há também comentaristas que expõem suas críticas a partir de um ângulo metarreflexivo sobre o processo comunicacional do espaço do OI, proferindo provocações e menosprezo ao espaço de construção crítica.

As heterorreferencialidades são percebidas nas indicações de outras fontes para sustentarem seus argumentos, como vimos exemplos de fragmentos bíblicos, noticiosos, históricos. Além disso, são usados recursos de linguagem que remetem à ironia, ao sarcasmo e à jocosidade, os quais fazem com que o debatedor busque no seu repertório próprio subsídios para interpretar aquele comentário. Isso acaba instigando os participantes a duelarem suas capacidades intelectuais, argumentativas e expressivas, fortificando e acendendo ainda mais o debate. Os desvios são provocados justamente por essas heterorreferencialidades.

No Artigo 3, embora em número reduzido, os comentários continuaram tendo o mesmo desempenho, com elementos heterorreferentes e autorreferentes que alimentaram o debate. Especificamente sobre os interdispositivos de dispersão e convergência, percebemos movimentos muitos sutis que julgamos pertinente ser visualizado como Tática de irritação: as distribuições de artigos do OI em perfis particulares do *Twitter*, pois levamos em consideração a lógica de funcionamento e a limitação de manifestação daquele espaço, como tratamos no item 5.3.3.5. Relações em análises do Artigo 3 e suas distribuições nas redes sociais on-line. Assim, mesmo a utilização de frases breves junto à indicação do artigo pode ajudar os demais tuiteiros, seguidores de cada perfil, na hora de clicar no *link* para ler o conteúdo, por despertarem uma curiosidade de buscar mais informações.

Reflexões fragmentadas

Essa categoria representa as nossas interpretações sobre as junções, disjunções e relações estabelecidas entre os interlocutores. Podemos dizer que é o resultado do debate sob

o nosso ponto de vista. No debate do Artigo 1, constatamos uma considerável participação em quantidade e qualidade das interações. Esse quadro foi possível devido aos elementos argumentativos proporcionados pelas táticas de irritação, que acabou por transformar o sistema. A posição do articulista foi rejeitada pela maioria dos comentaristas, sendo que ele quebrou o protocolo do espaço do OI e inseriu-se no espaço de comentário para defender-se das contestações. Esse fato inusitado nos revela uma regulação mais aberta e flexível no espaço do OI, podendo nivelar a hierarquia do sistema.

O Artigo 2 foi mais equilibrado entre concordância e divergência ao articulista, possuem comentários estendidos e bem argumentados. Alguns eram breves, mas acrescentavam alguma informação a mais em contraponto ou reforçando o que já tinha sido dito pelos interlocutores. O Artigo 3 manteve o mesmo nível do artigo 2 nas manifestações explícitas.

No Artigo 3 consideramos que, obviamente, as opiniões não são formadas somente a partir do artigo publicado no site do OI. É seguro afirmar que a abrangência dos interdispositivos redes sociais on-line oficiais é ampla e que os conteúdos circulam por um espaço virtual considerável, reproduzindo-se em larga escala.

Sobre as reflexões acerca do livro “A Privataria Tucana”, percebemos que o alargamento no circuito de circulação acaba por se misturar com muitos outros elementos que contribuem para a construção da crítica. Sendo assim, na medida em que trata de um assunto que interessa a sociedade e está efervescente na opinião pública, o OI é somente uma parte, uma possibilidade, uma alternativa para que o indivíduo midiático absorva subsídios para formar sua opinião.

Perspectivas a serem consideradas

Os objetivos palpáveis poderiam ser atendidos somente com as análises, porém, surgiu uma preocupação sobre o que nossa metodologia não incorporava – uma perspectiva socioantropológica exógena ao dispositivo, mas que seria importante termos pistas sobre esses processos. Nesse momento, elaboramos perguntas e distribuimos a internautas integrantes das redes sociais on-line do OI – *Twitter*, *Facebook* e *You Tube*, os quais em algum momento haviam distribuído e manifestado alguma opinião sobre conteúdos críticos do OI. Esse material não foi inserido em nenhum dos dois *corpora* da pesquisa, porém por ter apresentado indícios importantes sobre a questão da reflexão ocorrida a partir do OI, julgamos pertinente articulá-lo nesta parte do trabalho.

A inscrição do indivíduo na ambiência midiaticizada pode ser descrita a partir da transformação dele em crítico-midiático-internauta-leigo, ou seja, indivíduo midiático. Ele insere-se no circuito de circulação do OI, produz uma forma de contato ao que lhe é estranho, por não pertencer à cultura jornalística, nas suas práticas profissionais. No entanto, ele analisa e julga o tema-notícia colocado em discussão, tornando isso parte do seu cotidiano. Alguns deles, inclusive fazem disso um hábito, inscrevem-se nos boletins eletrônicos semanais, participam das redes sociais on-line oficiais, assistem aos programas televisivos e escutam os programas radiofônicos.

Como exemplo empírico reproduzimos as palavras do estudante M. P. S. da S⁹³, 24 anos, residente em Salvador-Ba. Ele é um dos internautas que constituiu algum tipo de vínculo com projeto OI e chega admitir em comentário no interdispositivo You Tube que é “dependente” do canal de crítica de mídia (Fig. 39). Em entrevista concedida para esta pesquisa, afirmou que em 2006 começou a assistir aos programas televisivos, Observatório na TV, mas que em 2011, a emissora que retransmitia o programa na sua cidade passou a não veicular mais o OI na TV. Foi nessa época que procurou na internet e encontrou o canal oficial no You Tube, chamado “Senhorita Observadora”. Ele diz ter ficado tão contente que manifestou explicitamente o agradecimento pela existência do espaço de divulgação.

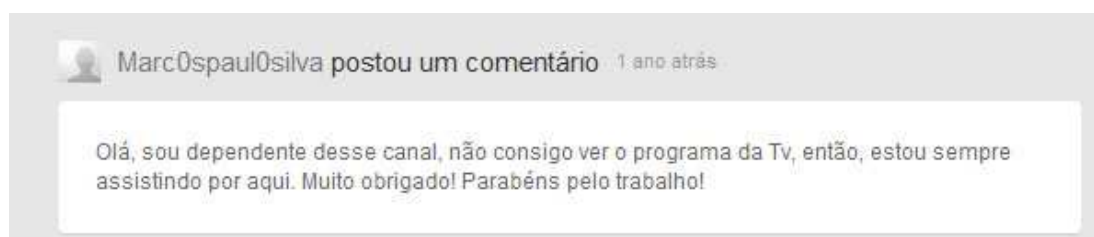


FIGURA 39: Comentário de internauta no Interdispositivo You Tube

Constata-se a passagem do telespectador do meio eletrônico para o interdispositivo You Tube. Embora já frequentasse o dispositivo maior, lendo o site e até distribuindo, ele foi buscar uma solução para continuar acompanhando o programa OI na TV. Isso fez com que M.P. S. modificasse seu hábito de apreciar os conteúdos críticos do OI. Essa postura foi necessária para que ele continuasse o processo de sua própria formação crítica, onde busca, segundo suas próprias palavras, ferramentas de análise da imprensa, para agregar informações de qualidade ao seu pensamento crítico.

⁹³ Entrevista fechada concedida por e-mail, em 18/01/2012. (ANEXO 1).

Essa inquietude do estudante M. P. é comum a uma sociedade que, como apresentamos no questionamento de Luhmann (2005), precisa de alguma forma aceitar, refletir ou se impor às informações sobre o mundo e sobre ela mesma, como sendo informações de realidades construídas pela imprensa. É no ambiente de crítica sobre a mídia que a sociedade busca construir uma nova cultura, onde possa atuar perante a mídia, seja através de desconstrução de produções, seja pelo caráter de posições contrárias ou a favor, mas certamente o que dá mais confiança e credibilidade a esse processo de formação de opinião própria de cada leitor-internauta e - é confirmado pelo entrevistado baiano - é a “diversidade de ‘atores’ imensa, as mais diversas opiniões e ideologias representadas” (Entrevista, ANEXO 1, 18/01/2012).

O grande poder de produção de subjetividades e os novos formatos de relações de intersubjetividades construídas no ambiente propiciado pelo OI fazem emergir princípios participativos que estão fortemente relacionados aos indícios constatados nas análises categoriais desta pesquisa: de autoafirmação, de usos diversos da linguagem como a ironia e a graça e de compartilhamento de opiniões contrárias. Ao mesmo tempo, há uma forma de acionamento que não revela explicitamente o que se quer comunicar, mas que comunica alguma coisa, mesmo que seja pela simples replicação de artigos críticos de outra pessoa.

O fato do internauta do OI saber que existe uma outra pessoa “presente” na rede, que irá receber aquela informação replicada, já é o suficiente para que expresse a sua opinião, através de uma relação de intersubjetividades. Assim constrói-se a rede de significados, através da *linkagem* de textos opinativos de outrem. No entanto, nem por isso se deixa de produzir sentidos. É muito provável que na percepção de cada leitor-internauta seja formulada uma opinião diversa, de acordo com suas observações próprias, que embora não sendo explicitada naquele espaço virtual circunscrito do site, poderá vir à tona em um espaço real, em uma conversa entre amigos, ou até mesmo nas suas redes sociais on-line pessoais. Esse exemplo é constatado nos materiais empíricos, por meio de entrevista com o internauta do OI, o estudante M. P., que apesar de nunca ter comentado nos rodapés dos artigos no site, diz que a opinião dele é manifestada em grupos de convívio social real e virtual. “Converso com amigos sobre os temas do programa, a respeito das opiniões dos participantes... mas por outros meios como o telefone, páginas de redes sociais pessoais...” (Entrevista, ANEXO 1, 18/01/2012).

Assim, verifica-se que existe uma espécie de participação “oculta” no espaço do OI, mas que se estende a outros locais nas práticas críticas cotidianas das pessoas, fazendo um percurso de sentidos construídos a partir do OI, saindo do circuito virtual predeterminado, ou

seja, o site como dispositivo e seus interdispositivos, afetando as construções de mundo autoproduzidas de cada leitor-internauta no circuito real.

Sabemos da importância de se estabelecer vínculos para que o contrato de comunicação seja atendido. Um exemplo disso é o do jornalista de Pelotas-RS, E. S. M⁹⁴, de 28 anos, que diz que o site do OI sempre foi uma das principais fontes de referência para sua formação. Depois de um tempo, os laços foram tão estreitados que ele passou a publicar artigos no site. Entre os assuntos de interesse do jornalista estão: “questões de âmbito político e jurídico, (...) a discussão sobre a exigência do diploma de jornalista, a necessidade de regulamentação da mídia e o uso político da distribuição de concessões para veículos de radiodifusão” (Entrevista, ANEXO 1, 02/02/2012).

Processos de autofortificação no espaço do Quinto Poder

A articulação das teorias ao nosso material empírico analisado nos faz considerar que nos processos de construção de crítica midiática há tensões de autofortificação, baseadas em autorreferencialidade e heterorreferencialidade. Entretanto, não se trata apenas de autorreferencialidade, mas também de fragmentos de uma construção social da crítica em interações.

Identificamos no espaço do OI processos autonomizados, elaborados pelos próprios participantes da interação, com potencial de estímulo ao debate. Verificamos em contraposição a Luhmann, que a autonomia desse processo autopoietico não se encerra na diferença e irritação do sistema com o ambiente. A autonomia está não está apenas na autodeterminação do ambiente no sistema, mas também nos processos em que, partindo das irritações/acoplamentos estruturais - que depois geram argumentos e reflexões fragmentadas - possibilitam transformações importantes de construção social, com a adaptação dos sistemas, que devem atender a lógicas específicas entre elas: limitações de espaço de participação e regulações.

Nesse sentido, a comunicação se articula com os ritos comunicativos e irritações com o ambiente, já que de alguma forma acontecerá a reflexão fragmentada, baseada em construções próprias - intersubjetividades de cada indivíduo-ator midiático em interação, seja ela explícita ou não, mas será um tipo de resposta social. Essas respostas retroalimentam a

⁹⁴ Entrevista concedida por e-mail em 02/02/2012. Ver ANEXO 1.

circulação, produzindo reconfigurações nos sistemas, nas suas estruturas e códigos, gerando novos elementos para o debate, o que pode resultar em interações ricas.

Por um lado, a partir das irritações com o ambiente, ocorrem movimentos recursivos e estéticos que acompanham o argumento, simbolizando o fechamento de cada sistema interagente. Por outro, consideramos que a distribuição/replicação, por mais que seja uma interação pobre de argumentos é importante também para o sistema, pois, ainda que não se tenha uma manifestação explícita, agrega valor e pode gerar ações comunicativas significantes, como vimos no caso analisado, do Lançamento do livro “A Privataria Tucana”, em que o OI foi um agente importante de ritos e irritações.

Verificamos que é justamente a circulação intermidiática e intramidiática que opera nessa complexidade do sistema comunicacional e faz com que, no contexto midiaticado, os processos autofortificados se façam cada vez mais presentes, através de fragmentos que possam atuar como operações reflexivas.

Sobre a possível diminuição de comentários nos rodapés dos artigos depois da integração às redes sociais on-line *Twitter* e *Facebook*, não podemos confirmar se isso de fato ocorreu, já que os materiais analisados não nos possibilitam essa afirmação. No entanto, temos segurança em afirmar que a transformação dos processos interacionais se deu na expansão que os conteúdos críticos do OI abrangeu, em todo o espaço virtual e conseqüentemente físico, já que podemos verificar que as ações comunicativas desdobram-se em ações concretas de consciência social sobre a mídia, com o legítimo sentido de rede social reivindicatória e emancipatória.

É exatamente sobre esse aspecto de construção social engendrados por complexos e múltiplos movimentos que destacamos a função do OI no espaço midiático e de crítica midiática, tendo em vista que o chamado “Quarto Poder”, concebido à mídia sofreu modificações importantes na ambiência midiaticada.

Ramonet (2003) problematiza que a missão histórica da imprensa, que consistia em criar uma opinião pública com senso crítico e capaz de participar ativamente do debate democrático, já não é mais garantida nos tempos atuais. Segundo o autor, hoje, a mídia está em crise e faz o processo inverso, arquitetando estratégias para “domesticar a sociedade e evitar qualquer questionamento ao sistema dominante” (RAMONET, 2003, on-line). Sendo assim, a grande mídia criou um consenso em torno de certas ideias que dentro do sistema e da regulação dela é praticamente impossível contestar, formando o “círculo da razão”. Nesse pensamento, ela não está mais preocupada em denunciar os abusos contra os direitos humanos, ou corrigir as disfunções da democracia para polir e aperfeiçoar o sistema político.

“Não pretendem se apresentar como um "quarto poder" e, menos ainda, como um contrapoder” (RAMONET, 2003, on-line).

Nesse cenário é que o autor sugere que os veículos metajornalísticos sejam a saída para suprir a carência da sociedade de um espaço de manifestação de cidadania, de reação ao que lhe é imposto, de defesa e resistência ao tão novo e desgastado Quarto Poder. Como já demonstramos na epígrafe desta dissertação, Ramonet propõe que o Quinto Poder se faz necessário como arma de contrapoder ao sistema dominante das grandes mídias que estão mais interessados no seu próprio interesse do que no interesse do público.

Podemos afirmar com esta pesquisa que o OI é um espaço para que o público reaja ao que é imposto pela mídia. E isso acontece em níveis de interação variados, atendendo a diferentes lógicas de funcionamento, por meio de irritações, ritos e fragmentos reflexivos dispersos na ambiência midiaticizada, mas que convergem para um objetivo comum: uma consciência social sobre a mídia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alcinéia Emmerick de. **O Ritual Comunicativo e a tríade Língua/Cultura/Representação**. Artigo apresentado ao Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, volume 32, s/d. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/ci014.htm>>. Acessado em 10 fev. 2012.

ALMEIDA, Cleusa Albília de; POSARI, Lúcia Helena Vendrusculo. **Intermédias: livro, filme, blogs - a produção de sentidos sobre a saga Crepúsculo**. Anais do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Goiânia – GO, 27 a 29 de maio de 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. Entrevista ao Núcleo de Pesquisa em Estudos Culturais - CPFL Energia e do Fronteiras do Pensamento, 2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=1miavughdwm&feature=fvst>. Acessado em 04/01/2012.

BRAGA, José Luiz. O Sistema Social Crítico Interpretativo. In: Aidar Prado, J.L. (Org.). **Crítica das práticas midiáticas**. São Paulo: Hacker, 2002, p. 27-43.

_____. **A Sociedade Enfrenta sua Mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006^a.

_____. **Sobre “mediatização” como processo interacional de referência**. Versão revista de artigo apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Sociabilidade, do XV Encontro da Compós. Unesp/Bauru/São Paulo: junho de 2006b.

_____. **Roda Viva**: uma encenação da esfera pública. Artigo apresentado ao NP de Jornalismo, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006c.

_____. **Experiência Estética e Mediatização**. Apresentado no II Seminário Internacional de Experiência Estética, UFMG, Belo Horizonte, 2007. Inédito.

_____. **Comunicação, disciplina indiciária**. Matrizes (USP. Impresso), v. 1, p. 73-88, 2008.

_____. Pesquisando perguntas: um programa de ação no desentranhamento do comunicacional. In: Antonio Fausto Neto; Jairo Ferreira; José Luiz Braga; Pedro Gilberto Gomes. (Org.). **Mediatização e Processos Sociais**: Aspectos Metodológicos. 1 ed. Santa Cruz do Sul - RS: EDUNISC - Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul, 2010^a, v. 1, p. 79-93.

_____. Análise performativa: Cem casos de pesquisa empírica. In: Braga, José Luiz, Vassallo de Lopes, Maria Immacolata e Martino, Luiz Cláudio (orgs.), **Pesquisa empírica em Comunicação** – Livro Compós, Editora Paulus: São Paulo, 2010b, p. 382-403.

_____. **Experiência Estética e Mediatização**. Apresentado no II Seminário Internacional de Experiência Estética, UFMG, Belo Horizonte, 2007. Inédito

BERTRAND, CLAUDE-JEAN. **O arsenal da democracia**: sistemas de responsabilização da mídia, Bauru, EDUSC, 2002.

BOURDIEU, Pierre. La distinción. Criterios y bases sociales del gusto, Taurus: Madrid, 1998.

CABRAL FILHO, Adilson Vaz. **A Web 2.0 como agenciamento de audiências pelos grupos midiáticos contemporâneos**. Trabalho apresentado ao GT Economia Política e Políticas de Comunicação, do XIX Encontro da Compós, na PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, em junho de 2010.

CARDOSO, Gustavo. Da comunicação em massa à comunicação em rede: modelos comunicacionais e a sociedade da informação. In: Moraes, Denis de. **Mutações do visível**: da comunicação em massa à comunicação em rede. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010.

CASTELLS, Manuel. Comunicación y poder. Madrid: Alianza editorial, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

FAUSTO NETO, Antonio. **Mediatização: Prática social, prática de sentido**. Paper - IECO - Universidade Nacional da Colombia/Unisinos.PPGCC/São Leopoldo/Bogotá, 2005. 18 páginas.

_____. **As bordas da circulação**. Trabalho apresentado ao GT estudo de Recepção, do XVIII Encontro da Compós, na PUCMG, Belo Horizonte, junho de 2009a. 12 p.

_____. Enunciação mediática e suas “zonas de pregnancies”. In: VELÁSQUEZ, Tereza (org.). **Fronteras**, 1ª edição, Buenos Aires: La Crujía, 2009b, p. 105-115.

_____. **As bordas da circulação**. Revista Alceu – Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/Rio), v. 10, nº 20, janeiro/junho de 2010a, p. 55-69.

_____. Transformação do campo jornalístico na Sociedade Mediatizada. In: MORAES, Denis (org.). **Mutações do Visível**: da comunicação de massa à comunicação em rede. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010b, p. 113-128.

FERREIRA, E. M. L. da Mota. **Comunicação para dois egos**. Universidade Fernando Pessoa, Porto/Portugal, janeiro de 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10284/1035>>. Acessado em 15 fev. 2012.

FERREIRA, Jairo. **Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos**. LÍBERO, Ano IX - nº 17, Jun. 2006a, 137-145.

_____. **Da comunicação aos campos e dispositivos midiáticos.** UNIrevista, Vol. 1, n° 3, julho 2006b.

_____. **Midiatização:** dispositivos, processos sociais e de comunicação. E-compós, n.10, p. 1-13, dezembro. 2007. Disponível em: http://www.compos.org.br/files/12_jairo.pdf. Acesso em: 05 jun. 2011.

_____. Espaço crítico no jornalismo: para além da indústria, do intelectual e do consumo polêmico. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo, SILVA, Fernando Firmino. (Org.). **Metamorfoses jornalísticas: a reconfiguração da forma.** 1 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009, v. 1, p. 141-142.

_____. **Dos objetos separados à circulação midiática como questão comunicacional.** Paper: UNISINOS, São Leopoldo, 2010a.

_____. **Los laberintos sobrepuestos:** una hipótesis sobre el método en la investigación empírica. Bogotá: Editora Universidad Distrital. Conjecturas, v. 2 p. 1-15, 2010b.

_____. **Razão, regulação e ritmos nas interações discursivas.** Revista Ciberlegenda, Nº 4, 2001. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/jairo1.htm>>. Acessado em: 7 fev. 2012.

FERREIRA, Jairo; GÖRGEN, Cassiana; BRITO, Elissa Stein Naves de. Que cultura se configura em dispositivos digitais? Inferências a partir de casos investigados sob o ângulo da midiatização a partir da web 2.0. **Cultura Digital em América Latina: Investigación Interuniversitaria.** Cedral – Bogotá/Colômbia, 2012. p. 250-269.

FERREIRA, Jairo; FOLQUENING, Victor. **O indivíduo e o ator nas brechas da midiatização:** contrabandos nos espaços conjuminados. Artigo inédito, 2012.

FRAGOSO, Suely, RECUERO, Raquel e AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

GENTILLI, Victor. **A crítica de mídia como atividade pedagógica.** Artigo publicado no Observatório da Imprensa, na edição 398. Publicado em: 12 Set. 2006. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_critica_de_midia_como_atividade_pedagogica> Acessado em: 15 jun. 2011.

GOMES, Pedro Gilberto. O processo de midiatização da sociedade e sua incidência em determinadas práticas na contemporaneidade: a relação mídia e religião. In: FAUSTO NETO, Antônio, et al, (Org.). **Midiatização e processos sociais na América Latina,** São Paulo: Paulus, 2008. p. 17-30.

_____. **Sociedade em midiatização:** saudade ou esperança? Paper: UNISINOS, São Leopoldo, 2010.

Halavais, Alexander. Prefácio. In: **Métodos de Pesquisa para Internet**. FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Porto Alegre: Sulina, 2011.

HENN, Ronaldo C. **Acontecimento jornalístico e redes sociais**: novas semioses no webjornalismo. Artigo apresentado ao GP Semiótica da Comunicação. Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. Recife, PE, 2 a 6 de setembro de 2011.

JORDÃO, Patrícia. **A antropologia pós-moderna**: uma nova concepção da Etnografia e seus sujeitos. Revista de Iniciação Científica da FFC, v.4, n.1, 2004.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KERCKHOVE, Derrick de. **Inteligencias en conexión** – hacia una sociedad de la web. Barcelona: Gedisa, 1999. p. 17-28.

KLEIN, Otavio José. A gênese do conceito de dispositivo e sua utilização nos estudos midiáticos. Estudos em Comunicação, nº1, 2007, p. 215-231.

LEMOS, André. **Anjos interativos e retribalização do mundo**: sobre interatividade e interfaces digitais, 1997. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/interativo.pdf>. Acessado em 15/06/2011.

LARENTIS, Milton. **Reconhecimento, reconstrução e circulação de sentido**: relações de confiança em jornais do interior. Comsaúde, 2005. Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/reconhecimento%2c_reconstru%2c_a7%2c_a3o_e_circula%2c_a7%2c_a3o_de_sentido:_rela%2c_a7%2c_b5es_de_confian%2c_a7a_em_jornais_do_interior> Acessado em: 3 jan. 2012

LOURES, Ângela da Costa Cruz. Pequena história da crítica de mídia no Brasil. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga (orgs.). **Observatórios de mídia**: olhares da cidadania. São Paulo: Paulus, 2008, p. 157-172.

LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. SP: Paulus, 2005.

MARCONDES FILHO, Ciro. Media criticism ou o dilema do espetáculo de massas. In: Adair Prado, J.L. (Org.). **Crítica das práticas midiáticas**. São Paulo: Hacker, 2002, p.14-26.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

_____. **As formas mestiças da mídia**. Pesquisa FAPESP, n. 163, setembro de 2009.

MATHIS, Armin. A **sociedade na teoria dos sistemas de Niklas Luhmann**. Revista Infoamérica: Revista Iberoamericana de Comunicación, Universidade de Málaga, Espanha, ISSN: 1889-625. Disponível em: http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/luhmann_05.pdf. acessado em 20/12/2011.

MATTOSO, Guilherme de Queirós. **Internet, jornalismo e weblogs: uma nova alternativa de informação.** Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação – Bocc, 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/mattoso-guilherme-webjornalismo.pdf>> . Acessado em: 01 jan. 2012.

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. **Gêneros jornalísticos: repensando a questão.** Revista Symposium. Ano 5, nº 1, jan-jun 2001, p. 45-55. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/3196/3196.pdf>. Acessado em: 28 fev. 2011.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro.** 3ª ed. revista e ampliada, Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

RABAÇA, Carlos Alberto, BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário da Comunicação.** 3ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

NEVES, Clarissa; NEVES, Fabrício. **O que há de complexo no mundo complexo?** Niklas Luhmann e a Teoria dos Sistemas Sociais. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 15, jan/jun 2006, p. 182-207.

PALACIOS, Marcos. **Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória.** In: PALACIOS, Marcos; MACHADO, Elias. **Modelos de jornalismo digital.** Salvador: Calhandra/Edições GJol, 2003, p. 14-36.

RAIMONDO ANSELMINO, Natalia. **O ocaso do modelo intencional: a noção de “estratégia discursiva” sob o olhar sócio-semiótico.** Revista Semeiosis - Escola de Comunicações e Artes (ECA – USP), maio de 2011. Disponível em: <<http://www.semeiosis.com.br/o-ocaso-do-modelo-intencional-como-pensar-a-nocao-de-%e2%80%9cestrategia-discursiva%e2%80%9d-desde-o-olhar-socio-semiotico/>>. Acessado em 15 dez. 2011.

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação.** Petrópolis: Vozes, 1999.

RAMONET, Ignácio. **O quinto poder.** Biblioteca Diplô, versão brasileira do Le Monde Diplomatique, nº 45, 1 out. 2003. Disponível em: < <http://diplo.org.br/2003-10,a764>>. Acessado em: 03 jan. 2011.

SANTAELLA, Lúcia. **A comunicação auto-referencial nas mídias: o paroxismo da reflexividade nos jogos eletrônicos.** Projeto de produtividade em pesquisa-CNPq. Vigência: 03/2004-02/2007. Disponível em: <http://www.pucsp.br/~lbraga/fs_proj_pros.htm> Acessado em: 06 dez. 2011.

_____. Linguagens líquidas na era da mobilidade. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. “Não há divórcio entre a evolução biológica humana e a revolução tecnológica”. Entrevista ao **IHU On-Line**. Revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, São Leopoldo-RS, ISSN 1981-8793, novembro de 2011. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4218&secao=381>. Acessado em 6 de dezembro de 2011.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais na América Latina: caminhos para uma política emancipatória?**. Caderno CRH, Salvador, v. 21, n. 54, Set/Dez. 2008, p. 505-517.

SOARES, Doris de Almeida. **Elementos básicos para a análise de textos argumentativos em língua portuguesa**. Trabalhos de Linguística Aplicada. Vol 48, n.1, 2009, p. 71-86. ISSN 0103-1813. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0103-18132009000100006>. Acessado em: 10 fev. 2012.

VALDETTARO, Sandra. **Audiências: de las “redes sociales” a las “associaciones en red”**. Ponencia presentada en el Foro Ibermedia, Fundación de Investigación del Audiovisual, Valencia, España, 2009.

VERÓN, Eliseo. Efectos de agenda II. In: **Espacios mentales**. Barcelona, Gedisa, 2002.
_____. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

Notícias:

‘Os três porquinhos’ de Dilma estão fora de combate. Revista exame. Publicado em: 17 jun. 2011. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/economia/politica/noticias/os-tres-porquinhos-de-dilma-estao-fora-de-combate>>. Acessado em: 10 out. 2011.

“A Privatária Tucana” começa 2012 no topo dos livros mais vendidos. JB Online. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/informe-jb/noticias/2012/01/07/a-privataria-tucana-comeca-2012-no-topo-dos-livros-mais-vendidos/>>. Acessado em: 7 jan. 2012.

“O que fizeram comigo não tem dinheiro que pague”, diz Francenildo. Portal G1. Publicado em: 15 set. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/09/o-que-fizeram-comigo-nao-tem-dinheiro-que-pague-diz-francenildo.html>>. Acessado em: 10 out. 2011.

Guerra ao turbante. Arquivo Revista Veja. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/arquivo_veja/capa_23031988.shtml>. Publicado em: 23 de mar. 1988. Acessado em jan. 2012.

Sites:

AdNews. Reprodução disponível em: <<http://adnews.uol.com.br/pt/artigos/a-historia-revisada.html>>

Centro de Estudos Barão do Itararé. Disponível em: <<http://www.baraodeitarare.org.br/noticias>>. Acessado em 1º dez. 2011.

Coletiva News. Reprodução disponível em: <http://www.coletiva.net/site/artigo_detalhe.php?idartigo=2495>

Observatório da Imprensa. Disponível em: <www.observatpriodaimprensa.com.br>.

OBJETIVOS: Existem similares em outros países?. **Site Observatório da Imprensa.** Disponível em: < <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/pages/oiojetivos>>. Acessado em dez. 2010.

OBJETIVOS: Para que serve um observatório da imprensa? **Site Observatório da Imprensa.** Disponível em: < <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/pages/oiojetivos>>. Acessado em dez. 2010.

Política Externa. Reprodução disponível em: <<http://www.politicaexterna.com/8792/entre-aspas-historia-do-brasil-revisada>>

PSD. Disponível em: <http://www.psd.org.br/>. Acessado em dez. 2011.

PSDB. Disponível em: <<https://www2.psd.org.br/wp-content/uploads/2011/12/nota-oficial-15-12-2011.pdf>> Acessado em 1º dez. 2011.

Vídeos:

Boni confessa manipulação do debate Lula x Collor. You Tube. Publicado em: 28 nov. 2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=vrpurekmjku&feature=player_embedded#!>. Acessado em jan. 2011.

Debate "A Privataria Tucana e o Silêncio da Mídia" - Barão de Itararé. You Tube. Publicado em: 21 dez. 2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=7sa7lxvccf0&feature=player_embedded>. Acessado em: dez. 2011.

Os três porquinhos de Dilma. You Tube. Publicado em: 19 nov. 2010. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=dg8bwlsalsq&feature=player_embedded#!>. Acessado em jan. 2012.

ANEXO 1

Entrevista fechada com internautas escolhidos aleatoriamente nas redes sociais do OI

Nome: *M. P. S. da S.*

Idade: *24 Anos*

Escolaridade: *Ensino Médio*

Profissão: *Estudante (ano passado e no início desse ano não trabalhei, prestei vestibular e estou fazendo concursos públicos)*

Cidade onde reside: *Salvador-Ba*

1) Há quanto tempo você conhece o projeto Observatório da Imprensa? Como conheceu? Quando e como começou a participar? Que tipo de participação você realiza?

Para mim é complicado ser preciso em relação ao tempo que conheço o projeto, por exemplo: dizer dia, mês, ano... Diria que, desde o final de 2006, recordo-me de ter visto o programa na TV. A minha participação é limitada a ser telespectador dos programas de televisão semanais e leitor de artigos no site. A única vez que escrevi algum comentário foi no canal no Youtube da Senhorita Observador, o contexto foi o seguinte: eu estava sem possibilidade de assistir o programa pela tv, pois, o mesmo havia saído da grade de programação da emissora que o transmitia para minha cidade. Procurei na internet e vi o canal, onde estava sendo postado o programa, fiquei contente e escrevi para agradecer.

2) Com que frequência você participa dos debates no site? Existe algum debate que tenha marcado?

Nunca participei dos debates no site. Nunca marquei artigos.

3) Você assiste ao programa televisivo? Por qual veículo (TV ou Internet)? Já participou alguma vez ao vivo de algum programa televisivo?

Assisto a programa televisivo. Antes pela TV e há mais ou menos um ano, sempre pela internet. Nunca participei ao vivo.

4) Você escuta os boletins radiofônicos? Por qual veículo (Rádio ou Internet)?

Não escuto os boletins radiofônicos.

5) Quais temas-artigos lhe chamam mais atenção e instigam a participar da discussão?

Não tenho preferências. Agrada-me os temas escolhidos para os programas semanais, normalmente, são temas que estão sendo alvo do debate público (esse é o meu maior interesse), entretanto, ainda não participei das discussões do site ou algo do tipo. Converso com amigos sobre os temas do programa, a respeito das opiniões dos participantes... mas por outros meios como o telefone, páginas de redes sociais pessoais...

6) Quais redes sociais do OI você faz parte?

Faço parte da comunidade do Orkut, acompanho os programas pelo canal do Youtube.

7) Você distribui os artigos nas suas redes sociais? Você sempre lê o artigo antes de distribuir? Ao distribuir, você opina antes? De que forma é expressa a opinião formulada (Em cada tipo de rede social – Twitter ou Facebook)?

Já distribuí sim. Sempre leio, inclusive, só distribuí o que me chamou a atenção após a leitura. Opino antes. Preciso explicar algumas coisas: atualmente, por falta de tempo, reduzi bastante as atividades nas redes sociais. Estou usando, com regularidade, apenas o e-mail. Tenho contas no twitter, facebook, sendo que as fiz apenas para conhecer essas redes sociais, efetivamente, ainda não uso. Há algum tempo atrás, quando o Orkut era mais utilizado, eu enviava os endereços dos artigos e links dos vídeos... não existia um padrão nas minhas opiniões, em alguns momentos escrevi uma linha, em outros um parágrafo... normalmente relatando algo que me chamava atenção no programa.

8) Na sua opinião, para que serve o OI? Que tipo de ideologia carrega o OI?

O OI tem a finalidade de discutir, criticamente, a ação dos veículos de imprensa, enquanto formadores de opinião, na execução da sua atividade. Penso que o OI, tenta, desconstruir as ideologias que estão embutidas nas notícias veiculadas por outros veículos de imprensa, desta forma tentando elevar a qualidade da imprensa. Não consigo observar uma influência ideológica da direita ou esquerda, por exemplo, no programa. Penso em algo com uma diversidade de "atores" imensa, as mais diversas opiniões e ideologias representadas...

9) Por que você faz parte da cultura do OI? No que você mais se identifica, fazendo parte dessa cultura? Você frequenta outros ambientes (virtuais ou não) de crítica de mídia?

O OI me proporciona ferramentas de análise da imprensa, fomenta o pensamento crítico, agrega informações de qualidade... Não participo de outros projetos do tipo.

10) Sinta-se à vontade para fazer qualquer colocação ou observação em relação a sua participação em redes de crítica da mídia.

Espero que experiências como essa (OI) sejam cada vez mais difundidas e duradouras, mais pessoas assistam ao programa e participem nas redes sociais... É o meu breve comentário. Muito obrigado pelo convite, se houve algo que não foi esclarecido de forma adequada me mande um e-mail que eu irei refazer. Bons estudos!

Nome: R. F.

Idade: 27 anos

Escolaridade: superior completo

Profissão: estudante

Cidade onde reside: São Leopoldo - RS

1) Há quanto tempo você conhece o projeto Observatório da Imprensa? Como conheceu? Quando e como começou a participar? Que tipo de participação você realiza?

Conheço o observatório desde 2003, quando acompanhava semanalmente o programa televisivo transmitido pela TVE-RS. Apenas recentemente, há cerca de 3 anos eu visito o site e leio alguns artigos, sobretudo, os relacionados com o contexto da América Latina.

2) Com que frequência você participa dos debates no site? Existe algum artigo/debate que tenha marcado?

Acesso o site quando há algum acontecimento que me interessa, principalmente para buscar uma visão mais plural do que a apresentada pelas mídias tradicionais, como no caso do golpe em Honduras.

3) Você assiste ao programa televisivo? Por qual veículo (TV ou Internet)? Já participou alguma vez ao vivo de algum programa televisivo?

Assisto pela TVE-RS, mas atualmente, não de forma frequente. Nunca participei do programa.

4) Você escuta os boletins radiofônicos? Por qual veículo (Rádio ou Internet)?

Não escuto.

5) Quais temas-artigos lhe chamam mais atenção e instigam a participar da discussão?

Os artigos que tratam sobre os temas contemporâneos da América Latina, principalmente aqueles relacionados com a política da região, justamente por ser a temática que se relaciona com a minha pesquisa.

6) Quais redes sociais do OI você faz parte?

Twitter.

7) Você distribui os artigos nas suas redes sociais? Você sempre lê o artigo antes de distribuir? Ao distribuir, você opina antes? De que forma é expressa a opinião formulada (Em cada tipo de rede social – Twitter ou Facebook)?

Sim, algumas vezes, quando gostei do conteúdo do artigo, publiquei nas minhas contas do Twitter e Facebook, colocando, na postagem, uma breve interpretação ou posicionamento sobre o assunto tratado.

8) Na sua opinião, para que serve o OI? Que tipo de ideologia carrega o OI?

Acho que o observatório possui uma importância histórica por se tratar de uma das primeiras experiências de crítica das mídias no contexto brasileiro, também por se tratar de um espaço que está sempre se renovando, ao aceitar a contribuição de diversas organizações e sujeitos. A inserção do observatório nas redes sociais também tem sido bastante interessante, trazendo de forma mais rápida os debates sobre temas e acontecimentos recentes.

9) Por que você faz parte da cultura do OI, ou seja, no que ele contribui para a sua cultura? No que você mais se identifica, fazendo parte dessa cultura? Você frequenta outros ambientes (virtuais ou não) de crítica de mídia? Quais?

Embora não tenha uma participação ativa no observatório, acho o espaço uma importante ferramenta para consultar posicionamentos e opiniões sobre o modo como as mídias constroem os acontecimentos. Nesse sentido, sempre vou ao site do observatório para ampliar a minha compreensão sobre fatos relacionados a América Latina, como o processo eleitoral em algum país. Fora do observatório, acesso, algumas vezes, o site Donos da Mídia, mas apenas para consultar dados estatísticos e questões sobre a estrutura dos grupos midiáticos.

10) Sinta-se à vontade para fazer qualquer colocação ou observação em relação a sua participação em redes de crítica da mídia, mais especificamente no OI.

Nome: *E. S. de M.*

Idade: *28 anos*

Escolaridade: *superior completo*

Profissão: *Jornalista*

Cidade onde reside: *Pelotas-RS*

1) Há quanto tempo você conhece o projeto Observatório da Imprensa? Como conheceu? Quando e como começou a participar?

Conheço o projeto desde 2005, época em que estava militando em uma rádio comunitária da minha cidade. Como as pautas dos programas de jornalismo eram voltadas para a crítica da mídia, o site do OI sempre foi uma das principais fontes de referência. Ao ingressar no mestrado, esta relação estreitou-se. Passei a enviar artigos escritos em co-autoria com o meu orientador.

2) Com que frequência você participa dos debates no site? Existe algum debate que tenha marcado?

Não costumo participar de debates no site do OI.

3) Você assiste ao programa televisivo? Por qual veículo (TV ou Internet)? Já participou alguma vez ao vivo de algum programa televisivo?

Sim, assisto ao programa. Costumo acompanhá-lo pela televisão. Nunca participei ao vivo de nenhum programa televisivo.

4) Você escuta os boletins radiofônicos? Por qual veículo (Rádio ou Internet)?

Não costumo ouvir os boletins radiofônicos.

5) Quais temas-artigos lhe chamam mais atenção e instigam a participar da discussão?

Geralmente questões de âmbito político e jurídico. Como a discussão sobre a exigência do diploma de jornalista, a necessidade de regulamentação da mídia e o uso político da distribuição de concessões para veículos de radiodifusão.

6) Quais redes sociais do OI você faz parte?

Twitter e Facebook.

7) Você distribui os artigos nas suas redes sociais? Você sempre lê o artigo antes de distribuir? Ao distribuir, você opina antes? De que forma é expressa a opinião formulada (Em cada tipo de rede social – Twitter ou Facebook)?

Sim, leio e distribuo. Quando o artigo é de minha autoria não costumo opinar. No twitter, apenas indico o link. Isso quando o faço, pois uso pouco o twitter, de forma geral. Em relação ao Facebook, costumo opinar mais nos posts de outras pessoas, ou seja, quando alguém compartilha algum artigo do OI. Ao compartilhar, por vezes, escrevo alguma frase ou parágrafo para despertar o interesse ao texto indicado.

8) Na sua opinião, para que serve o OI? Que tipo de ideologia carrega o OI?

Na minha opinião, trata-se do principal espaço de crítica da mídia no Brasil. Sendo assim, acredito que serve ao que se propõe. É um observatório nacional, cujos participantes fiscalizam as práticas dos meios de comunicação e discutem saídas para as situações de crise. Ideologicamente o OI é alinhado aos setores mais progressistas da sociedade. Em outras épocas achava o site mais governista. Acredito que, hoje, está mais lúcido. Assume seu viés político, pela escolha dos artigos publicados, sem, no entanto, comprometer-se com nenhum grupo político-partidário.

9) Por que você faz parte da cultura do OI? No que você mais se identifica, fazendo parte dessa cultura? Você frequenta outros ambientes (virtuais ou não) de crítica de mídia?

Todos que se importam com os rumos da comunicação, no Brasil, são levados a participar das discussões propostas pelo OI. A análise crítica da mídia, seja por militância ou exigência acadêmica, requer o mínimo de conhecimento sobre o instrumento de luta ou

objeto de pesquisa. Acredito que o OI contribui para ambos. A minha principal inserção em espaços como esse se dá junto ao movimento de radiodifusão comunitária.

10) Sinta-se à vontade para fazer qualquer colocação ou observação em relação a sua participação em redes de crítica da mídia.

Vejo o OI como um dos mais importantes espaços de análise da mídia no país. Infelizmente, a maioria das pessoas interessadas em acompanhá-lo pertence a duas categorias: jornalista ou pesquisador da área. Acredito que seria interessante criar mecanismos de divulgação e formas de interlocução capazes de aproximar o público em geral. A impressão que tenho, não apenas no OI, mas, na maioria dos espaços de comunicação alternativa, é a incapacidade de comunicar para além de um público específico. Assim, as falas e os textos contribuem mais para inflamar o ego de alguns pesquisadores do que, propriamente, mudar o que está errado na mídia brasileira.